

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES:
OS SENTIDOS NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS DOS
EDUCADORES DE INFÂNCIA

VOLUME II
ANEXOS

Arlete da Costa Gomes Assis

Orientação

Profª Doutora TERESA VASCONCELOS

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação,

Especialização em Educação e Currículo

Porto 2005

ÍNDICE DOS ANEXOS

ANEXO I – Perspectiva Histórica da Educação de Infância.....	3
Quadro I – (1834-1908).....	4
Quadro II – (1910-1923).....	5
Quadro III – (1926-1964).....	6
Quadro IV – (1966-1979).....	7
Quadro V – (1980-2004).....	8
ANEXO II – Sessões de Formação “Um Percurso Reflexivo sobre as Orientações Curriculares”.....	9
ANEXO III – Descritivo das Sessões por Unidades de Análise.....	13
ANEXO IV – Descritivo dos Registos Escritos por Unidades de Análise.....	28
ANEXO V – Descritivo do Processo de Trabalho em Grupo por Unidades de Análise.....	36
ANEXO VI – Análise das Planificações das Educadoras.....	41
ANEXO VII – Síntese Descritiva das Sessões/Registos por Unidades de Análise dos Conceitos de:.....	57
ANEXO VIII – Observação Participante.....	77
ANEXO IX – Análise e Confronto dos Conceitos (processo de meta-análise).....	106

ANEXO I – PERSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Um olhar no Tempo sobre a Educação de Infância

Contexto Histórico / Político Nacional – Monarquia Constitucional

Reflexos de Europeização da Cultura e das elites intelectuais

com ideias socialistas e positivistas

•Retrato de D. Pedro IV •Exposição das concepções religiosas			•No Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano afirma-se que o Jardim de Infância de Lisboa iniciou-se em Novembro 1982 •Envio ao estrangeiro de professores à Suíça como bolaréis a fim de se habilitarem no domínio da educação infantil	•Conferência de Berlim •Participação no congresso internacional livre em Paris sobre as secúlarizações, de instrução em Portugal sobre Froebel •Atenção do Partido Republicano			
1834	1875/1876	1880	1882	1889/1891	1893/1894	1896	1907/1908
•Criação da sociedade das mães de Asilo de Infância Desvalida de Lisboa	•Utilização de material e exercícios para facilitar a educação das crianças no Porto •É sugerida a criação de Jardins - Creche para crianças das (3 aos 7 anos) •Atenção a possibilidade de ser dado crédito no Porto 1 Jardim de Infância segundo Froebel •Publicação da Cartilha Maternal	•Apresentação de proposta de criação de 1 Jardim de Infância em Lisboa •Fundação no Porto o Colégio Pestalozzi – Escola Froebel •Foi proposto aos governadores civis de todos os distritos a criação de jardins de infância	•Comunicação no Porto do conteúdo de Froebel •Publicação da revista Froebel •Instituição da constituição de 1 jardim de infância em Lisboa •Apresentação da História da Educação de Infância na Exposição de Froebel •Escritas Modelar entre: - Jardim de Infância - Escola intermédia (6/7 anos) - Escola elementar (7/10-12 anos) - Escola superior (10-12/14 anos)	•Organização das fábricas criaram creches para os filhos das mulheres trabalhadoras quando empregassem mais de 50 mulheres.	•Elaboração de um projeto de escola-infantil •Nas cidades de Lisboa e Porto e outras povoações importantes poderão ser estabelecidas escolas para a educação infantil segundo os sistemas mais proveitosamente seguidos	•Aprovação do decreto que menciona que as escolas infantis recebem crianças dos 3 aos 6 anos	•Reforma dos estatutos •Início do funcionamento de um Jardim Escola destinado a crianças dos 3 aos 8 anos •A associação passou a denominar-se Escolas Mães pelo modelo dado de Deus, Liberdade, Ambulantes e Jardins – Escolas.
•Institui mais pedagógicos que sociais		•Para a instrução de um povo associe sobre bases sólidas e produm verticais para a educação que recebem uma formação física e mental •Foi-se em acultar à educação das crianças	•Apresentação de um livro guia da educadora de Infância de Froebel, foi impressa	Publicação de um programa para as crianças de 3 a 6 anos, com a finalidade de proporcionar-lhes a educação das ideias difundidas por Froebel •Exposição de materiais de Jardim de Infância	• O tempo Jardim infantil foi substituído por escola infantil (mas não constituiu grande curso)	• O ensino ministrado deve ser compatível com a idade sendo a maior parte do tempo ocupado com recreação •Viso surgir as condições educativas da família e favorecer o desenvolvimento físico da criança e instituir-lhe bons hábitos e sentimentos em que seja possível educá-la	•Objectivos : - Instituir jardins escolas para crianças dos 3 aos 7 anos aplicando em toda a sua plenitude o espírito e doutrina da obra educativa de João de Deus, modelando um tipo português de escola infantil.
			•Problema com o pessoal docente, pois não existem no país pessoal habilitado •Os Jardins de Infância começaram as escolas criadas e escolas de Froebel da Europa é para habilitar pessoal para futuros jardins de infância (lições práticas e teóricas)	•Conferência e publicação da biografia de Froebel			

Perspectiva sobre Educação (Educação de Infância)

Quadro I

Um olhar no Tempo sobre a Educação de Infância

Contexto Histórico / Político Nacional – 1ª República

Importante esforço no sentido de melhorar quantitativa e qualitativamente o País

I Guerra Mundial



1910	1911	1914	1917	1919	1920	1921/1922	1923
• País economicamente em crise • Conflitualidade social • Separação do Estado e da Igreja				Grande Insustentabilidade Política			Jardim de Infância tem a ser considerado um serviço público nos Países adiantados
• 10/10/1910 Implantação da República • Reforma da sistema educativo com organização do ensino primário em 3 graus: - infantil (0-7 anos) - básico - superior • Junta ao Público das Necessidades e com dependentes rurais é criado um Jardim de Infância a cargo da Inspeção de Lisboa	• "Em cada bairro de Lisboa e Porto e em todas as capitais de distrito deverão ser criadas jardins de infância divididos em: - elementar - 3 anos - complementar - 2 anos - superior - 3 anos • É estabelecido o Ensino Infantil emuns nos dois sexos • Inauguração do Jardim de Infância em Coimbra • Apresentação do programa da escola infantil	• Câmara Municipal do Porto assume administração do ensino infantil pois não há legislação • Consórcio de Jardim de Infância principalmente em locais aglomerados e locais mais populosos • Criação de dois Jardins de Infância: no Praça da Alegria e Passado Alegre • Aprovação do projeto e estatuto das escolas infantis e Anexas-Jardins João de Deus em centros de população operária	• É referenciado o ensino infantil como Estado do Sistema Educativo • É proposto a criação de 3 escolas infantis destinadas no modelo Montessori sendo a sua direção confiado nas professoras • É decretado as normas técnicas higiénicas e pedagógicas dos edifícios escolares e Jardins de Infância • A associação das escolas máveis solicita à Câmara Municipal de Lisboa a construção de um Jardim escola	• Ministério da Instrução decreta que o ensino primário obtegar três graus • Infantil primário geral e primário superior • Ensino infantil em regime coeducativo é ministrado em três seções: 1 - crianças dos 4/5 anos 2 - crianças dos 6/7 anos 3 - crianças dos 8/9 anos • (Des)organização da preparação (a) - primário - profissional - educador • Criação Vila do Conde uma Escola Maternal e profissional, para o sexo feminino (2 - 18 anos) em regime de internato e semi-internato • É estabelecido 2 seções: - Maternal (2-10 anos) - Profissional (10-18 anos)	• É criado e regulamentado a escola Maternal da Ajuda pelo Ministério do Trabalho • É proposta a criação de uma escola infantil ao ar livre no parque Silva Porto em Benfica, em bairros pobres, em edifícios próprios, de simples construção e obedecendo a modernas técnicas pedagógicas de tipo Municipal - Infantil	• Funcionaram 2 seções infantis anexas às escolas primárias nº 57 e nº 76 (Tapada da Ajuda) pela Ilda Moreira e Irene Lisboa • Na Porto havia 6 escolas infantis • Em Lisboa estavam em funcionamento algumas classes preparatórias, mas nenhuma oficial	• Foram criadas, até à data 7 escolas infantis no Porto em Palmares adajudais e ainda a Escola infantil anexa às escolas normais do Porto (nº 1 e 2) construídas propostadamente • Proposta de reorganização de Educação Nacional, pois não existia no País, fora do âmbito do Instituto particular Jardins de Infância • Criado em Lisboa uma escola laica para crianças de ambos os sexos: - o ensino infantil para crianças (4-7 anos) e o ensino primário geral para crianças dos (7 aos 10 anos de idade)
• É defendido o modelo João de Deus em vez do modelo natural	• Objetivos: - dirigir, educar e ensinar de crianças até aos 9 anos de idade com o modelo português segundo o espírito e doutrina da obra pedagógica João de Deus		• Vantagem de ordem física, intelectual, moral e social, meio de educação, regeneração e profícuo social	• É aconchegado para além do material Froebiano, o método Montessori		• "A duração das lições, os exercícios nas escolas ou classes infantis, quer nas duas classes do ensino primário geral não excederá os 30 minutos"	
	• Professores diplomados na especialidade pelas escolas normais • Enquanto não houver pessoal habilitado as Câmaras Municipais poderão contratar professores primários com bom efectivo serviço."	• Criação de Escolas Normais de Lisboa, Porto e Coimbra em substituição das Escolas de Ensino Normal e de habilitação de Magistério • Formação de professores com registo de 1 ano. Os dois últimos anos do curso, os alunos deveriam realizar estágios nas escolas infantis.			• É regulamentado o Curso de aperfeiçoamento nas escolas normais primárias para professores efectivos do ensino infantil e primário geral.		• Diplomaram-se pela Escola Normal de Lisboa um especialização do ensino infantil

Perspectiva sobre Educação (Educação de Infância)

- 1º Congresso de saúde mental, recomendando a abertura de classes infantis e pré-primárias
- Criação de várias escolas de educadores de infância (associação religiosa)

Noni Poi Seguirà la Guerra Mondiale?
 mondo e fuori di vizio, con 2. grande
 blocco di politica militare e econo-
 mico e di politica militare e econo-
 mico e di politica militare e econo-

Perspectiva sobre Educação (Educação de Infância)

Um olhar no Tempo sobre a Educação de Infância

Contexto Histórico / Político Nacional – Fim do Estado Novo e Início da Democracia

1966	1971/1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
- As elites sindicais de Previdência e Abono de Família dinamizam obras e serviços de Assistência Materno-Infantil - Tratado de Madrid e a criação do Conselho Nacional de Infância - É utilizada a expressão Pré-Primário em vez de ensino apertar dos 3 anos	- Portugal ratifica-se da UNESCO e a ONU especializado em questões de ensino, cultura e ciência e de - Ministério da Educação e do Assento Nacional de Infância com 470 infantários e jardins de infância, assegurando assistência a 30.000 crianças	«São criados serviços dependentes do Ministério da Educação Nacional, através das suas outras secções em alguns dos seguintes domínios: «Infância e Jardim Infantil dos serviços sociais (Cunha)	- Portugal é reintegrado na UNESCO «O projecto do Plano de Fomento visa a criação de um sistema de ensino pré-escolar em 1975, da idade dos 3 aos 6 anos «Fossem abrangidas até 1979 (principalmente de estudos socio-evolutivos diferenciados)	«25/06/75 – O PS foi o vencedor nas 1.ª eleições gerais para a Assembleia Constituinte «No campo educativo a situação é turbulenta. Poder-se-ia estabelecer a rede pré-escolar implementando a rede pré-escolar «Colocação de pessoal do serviço técnico	«15/07/76 – O PS foi o vencedor nas 1.ª eleições para a Assembleia da República «No campo educativo a situação é turbulenta. Poder-se-ia estabelecer a rede pré-escolar implementando a rede pré-escolar «Colocação de pessoal do serviço técnico	- O MEIC cria o sistema público da educação pré-escolar «Foi reformada a estrutura do Ministério dos Assuntos Sociais com a criação de centros regionais e filiais dos serviços de previdência e de Assistência Social «Foi criado o sistema público de educação pré-escolar	«Publicação de artigos de opinião do funcionamento de classes pré-escolares «Fiscalização a cargo de inspeção e do DEPE «Publicação de guias de orientação pelos serviços do Ministério «Deixa de ser utilizada a expressão pré-escolar voltando a utilizar a expressão jardim de infância	- A prioridade dos jardins de infância deverá ser nas zonas mais carenciadas de país em: - pequenas aldeias com grande dispersão de população - zona educacional itinerante - programas educativos para os pais - participação indispensável para os recursos «Criação da inspeção geral do ensino
«É imputante para o desenvolvimento da educação de Infância do Instituto de Obras Sociais (IOS)	«São apresentados os objetivos da educação de infância	«Definição dos objetivos da educação pré-escolar	«Objetivos: - criar uma rede de jardins infantis para igualizar as oportunidades das crianças, das diferenças estratificadas sociais.	«Inspeção geral e técnico-educativo «Mais representantes sociais devido a um maior número de representantes da assistência social do que do Ministério da Educação	«Inspeção geral e técnico-educativo «Mais representantes sociais devido a um maior número de representantes da assistência social do que do Ministério da Educação	«Revisão de algumas bases das secções armadas de educação infantil «Renovação do sistema de sobrelóquio dos educadores nos jardins infantis oficiais.	«Professores do ensino primário lecionam o ensino infantil devido ao número reduzido de educadores «É criada a contabilidade contabilística para a formação de professores	- Os jardins de infância do Ministério da Educação visam: - necessidade das crianças - Os jardins de infância do Ministério dos Assuntos Sociais asseguram desenvolvimento integral das crianças durante as horas de trabalho dos pais. - O MEIC lança para legislação, com vista a implementar a formação de professores e de educadores de infância do 1.º e 12.º ciclo de estudos básicos

Um olhar no Tempo sobre a Educação de Infância

Contexto Histórico / Político Nacional – Período Democrático

O PSD é o vencedor das eleições legislativas com maioria absoluta

1991

Definição de um programa de funcionamento da União Europeia possibilitando a disponibilidade de recursos necessários na concretização de valores fixados

O PSD ganha as eleições legislativas
- É assinado o acordo de Adesão de Portugal e Espanha na CEE, tornando uma nova organização da economia a médio e longo prazo

1993

1985

1980/1982	- Chase o despacho da obra social do Ministério da Educação criando creches e Jardins de Infância para os filhos dos trabalhadores do Ministério da Educação - A escolaridade obrigatória passa para 9 anos de acordo com a lei de bases do sistema educativo - Foram criados 1801 sítios de Jardins de Infância	- Assinado um plano de alfabetização de 50.000 adultos - Adesão do TS na Assembleia da República	- Financiamento do Plano Nacional para os estudos de educação de infância - Financiamento da educação de infância em creches e Jardins de Infância - A adesão de Portugal à CEE	- O PSD obtém a maioria absoluta no Parlamento - O PSD cria o Ministério da Educação - O PSD cria o Ministério da Educação - O PSD cria o Ministério da Educação	1988/1989 1990/1992 1996/1997 1998/1999 2000/2004	1991 1993 1995 1997 1999 2001 2003 2005 2007 2009 2011 2013 2015 2017 2019 2021 2023 2025 2027 2029 2031 2033 2035 2037 2039 2041 2043 2045 2047 2049 2051 2053 2055 2057 2059 2061 2063 2065 2067 2069 2071 2073 2075 2077 2079 2081 2083 2085 2087 2089 2091 2093 2095 2097 2099	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 2066 2068 2070 2072 2074 2076 2078 2080 2082 2084 2086 2088 2090 2092 2094 2096 2098 2100	1980 1982 1984 1986 1988 1990 1992 1994 1996 1998 2000 2002 2004 2006 2008 2010 2012 2014 2016 2018 2020 2022 2024 2026 2028 2030 2032 2034 2036 2038 2040 2042 2044 2046 2048 2050 2052 2054 2056 2058 2060 2062 2064 20
-----------	--	---	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

**ANEXO II – Sessões de Formação “Um Percurso Reflexivo sobre as
Orientações Curriculares”**

“Um Percurso Reflexivo sobre as Orientações Curriculares”

Sessão	Data	Estratégias	Instrumentos	Síntese
1	5/12/02	- Apresentação do grupo - Expectativas face ao círculo de estudos - Proposta de temática das sessões - Calendarização das sessões - Selecção dos jardins de infância - Avaliação	Agenda da 1ª sessão: Entrega de documentação para acreditação e financiamento do PRODEP Folha de Registo	Houve grande receptividade das educadoras de infância, na proposta da temática, na rotatividade das sessões pelos diferentes jardins de infância. A temática veio ao encontro das suas dificuldades.
2	16/12/02	- Trabalho individual sobre: “Educação é...” - Trabalho em grande grupo - Troca dos trabalhos - Leitura em voz alta - Selecção dos aspectos mais significativos - Trabalho em pequeno grupo - Leitura sobre a concepção de educação	DOC “Relatório da Unesco – Educação para o século XXI”	A representação das educadoras sobre o conceito de educação deixou-as de início um pouco inibidas. Chegou-se à conclusão que as educadoras não se afastam das ideias preconizadas no Relatório Delors sobre Educação.
3	07/01/03	- Trabalho em pequeno grupo sobre a concepção de currículo - Leitura de textos - Elaboração de um texto reflexivo de grupo sobre as diferentes concepções de currículo - Avaliação	Texto de: Alonso C. Leite Zabalza D’ Hainaut Apple Roldão Folha de Registo	As educadoras manifestaram algumas dificuldades em compreender o conteúdo das diferentes concepções curriculares. Tornou-se relevante que estas profissionais precisem de uma articulação teoria-prática.
4	16/01/03	- Trabalho individual - Trabalho em pequeno grupo - Trabalho individual do registo avaliativo da sessão sobre “concepção de currículo” - Leitura do texto - Debate em grupo sobre as diferentes concepções - Dinâmica de Grupo: (Formação de Grupos) - Elaboração de 3 grupos com as diferentes concepções de currículo: - tradicional - tecnicista - sócio-crítica - Role-Play “Abertura de um novo Jardim de Infância” - Mesa redonda com a participação de: - Um moderador - Um elemento de cada grupo defendendo a sua concepção de currículo	Agenda da reunião DOC “Modelos Curriculares” – Carlinda Leite Folha de Registo	O facto de cada grupo se centrar em cada um dos modelos curriculares apresentados possibilitou que descobrissem os pontos positivos e negativos em cada um deles. Este trabalho permitiu que a responsável de cada grupo defendesse acerrimamente o “seu” modelo perante o auditório.

5	18/02/03	- Breve síntese do trabalho anterior - Trabalho individual sobre as planificações elaboradas por cada educadora no seu jardim de infância. - Trabalho em grande grupo - "Brainstorming" sob o papel do professor - Selecção de palavras mais significativas - Registo no quadro - Debate em grande grupo - Síntese conclusiva - Trabalho Individual de registo avaliativo da sessão	Agenda da sessão Texto: "Modelos de Aprendizagem – Métodos de Ensino" DOC "Papel do Professor" DOC "O Educador construtor de Currículo" T. Vasconcelos Folha de Registo	A representação das educadoras sobre o seu papel na prática quotidiana foi bem evidente com o "Brainstorming". O confronto entre a função pedagógica e a função social no papel do educador permitiu detectar diferentes entendimentos e diferentes modos de actuação.
6	25/02/03	. Breve síntese da sessão anterior . Apresentação da agenda da sessão . Trabalho individual sobre: "Quando penso em avaliação associada:" . Dinâmica de grupo para formação dos grupos . Trabalho em pequeno grupo . Apresentação individual dos itens seleccionados . Elaboração de uma grelha em grupo sobre os itens referidos . Trabalho em grande grupo . Registo colectivo. Debate . Trabalho individual sobre o tema da sessão	Agenda da sessão Grelha sobre a temática DOC "Texto sobre a Avaliação na educação infantil" de M. Zabalza Folha de Registo	Avaliar deve englobar as aprendizagens das crianças, a planificação do educador e ainda os modos de actuação do educador enquanto pessoa e elemento social. Avaliar deve fazer parte do nosso quotidiano não negligenciando nenhuma das partes. Contudo as educadoras vivem "amarguradamente" a avaliação devido à alteração do calendário escolar.
7	11/03/03	. Síntese da sessão anterior . Agenda da sessão . Apresentação da planificação apresentada pelas educadoras na sessão de (18/02/03) em esquema . Trabalho individual análise das planificações (ilustração das lacunas detectadas) . Trabalho em pequeno grupo: - Planificação segundo as "Áreas de Conteúdo das O. C." - Elaboração do Quadro Síntese	DOC "Processos Educativos/ Planificação em forma esquemática" Folha de Registo	Este processo de investigação-reflexão permitiu às educadoras detectarem as suas lacunas na sua prática pedagógica bem como uma desarticulação entre os seus discursos e práticas educativas. O Processo formativo possibilitou uma melhor adequação das planificações das educadoras e uma melhor integração das Orientações Curriculares

8	18/03/03	- Agenda da sessão (continuação) - Trabalho em pequeno grupo - Continuação da elaboração das planificações apresentadas colmatando as lacunas	DOC "Processos Educativos/ Planificação em forma esquemática"	Esta oportunidade de uma nova leitura das Orientações Curriculares e o "enriquecimento" das planificações das educadoras tornou-se uma actividade interessante pois permitiu o debate das áreas curriculares e seus respectivos domínios.
9	20/05/03	- Síntese dos assuntos abordados nas sessões - Apresentação do quadro "Análise e Confronto dos Conceitos" sobre o que pensam as educadoras/o que dizem as orientações curriculares sobre: - Educação - Currículo - Papel do Professor /Educador	Agenda da sessão Grelha de apresentação dos discursos das educadoras face aos itens analisados das Orientações Curriculares	Nesta sessão foi possível as educadoras compreenderem os aspectos que mais se afastam das Orientações Curriculares e concluir que precisam de trabalhar em equipa para estarem mais conscientes das suas fragilidades.
10	26/05/03	- Agenda da sessão (continuação) - Processos Educativos/Planificação - Áreas de Conteúdo - Avaliação - Trabalho individual de registo avaliativo dos confrontos analisados	Agenda da sessão Grelha de apresentação dos discursos das educadoras face aos itens analisados das Orientações Curriculares. Folha de registo	A construção do currículo em grupo possibilitou uma melhor consciencialização das educadoras face aos contextos locais mobilizando diferentes saberes.
12	14/7/03	- Síntese dos assuntos abordados ao longo do círculo de estudos - Apresentação da Conclusão Final do Estudo (aproximação /afastamento face às Orientações Curriculares) - Reconstrução final dos conceitos abordados - Preenchimento do documento de avaliação - Sistematização dos resultados deste círculo de estudos	Doc "Conclusão Final do Estudo" Folha de registo Ficha de avaliação do Prodep	Com esta equipa de trabalho conseguiu-se um verdadeiro grupo de formação. Consideramos pontos fortes a reflexão, a investigação e uma perspectiva crítica dos discursos e das práticas das educadoras de infância.

ANEXO III – DESCRITIVO DAS SESSÕES POR UNIDADES DE ANALISE

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS GRAVAÇÕES DAS SESSÕES

CONCEITOS	UNIDADES SIGNIFICATIVAS
Educação	16/12/02 A7 "crescimento partilhado em todas as áreas. Evolução da criança em direcção à autonomia, (...) o crescimento partilhado em todas as áreas pressupõe a referência à criança! (...) evolução no sentido da autonomia, (...) educar no sentido de se atingir a autonomia da criança. Movimento em espiral sempre acompanhado atenta e activamente com o adulto. (...) é incentivo e estímulo do que a criança tem de positivo. Limite e domínio do que apresenta de negativo (...) Trata-se de educar para a concepção do erro. Autoconsciencializar-se das suas potencialidades e dificuldades, o autocontrolo..." p: 1 "construção de um indivíduo completo, harmonioso e único (...) Proporcionar o enriquecimento do conhecimento em simultâneo com os valores (...) esforçar-me para que amanhã a sociedade que ajudei a construir seja melhor que a de hoje (...) é no sentido de que a criança é activa, é membro e tem de ter uma participação activa na sociedade. Vai ter na sociedade que desempenhar o seu papel (...) estar atenta a todas as crianças e a cada uma das crianças para dar resposta adequada" p: 2 "... integração significa adaptar, integrar no contexto onde esta se encontra inserida". p: 3 "...desenvolver nas crianças as capacidades existentes. Tornar a criança autónoma. Fazer com que ela se sinta capaz perante si e os outros, ouvi-la sempre que tenha necessidade. Transmitir-lhe segurança. Transmitir-lhe novos conhecimentos e novas emoções de uma forma integrada". p: 7 "... nós falamos na concepção de criança! Mas, a educação não se restringe apenas a esta faixa etária". p: 7 "... o problema é conhecer! A dificuldade é (...) conhecer primeiramente a cultura deles e conhecê-la sem preconceitos, pois se à partida achar que a minha cultura é a certa, eu é que faço bem,...". p: 9 "...Imaginamos (...) que vamos ter um cigano, na nossa sala. Se nós partimos (...) que o cigano (...) que a cultura dos ciganos tem montanhas de defeitos e que a cultura deles não tem pé nem cabeça vamos partir mal". p: 10 "a A8 também tem actualmente uma criança evangelista ou qualquer coisa assim!, (...) essa miúda não tem qualquer problema. Eu também já tive um evangélico e é assim (...) ser protestante de qualquer igreja, só tem o problema da Nossa Senhora, mas se também a Nossa Senhora for lá no meio se S. José não há problema nenhum. Os Jeovás é que são mais complicados! (...) Mas, também não podemos fazer como algumas pessoas fazem e talvez por ignorância que é gozar com a situação, pois sempre temos que respeitar de acordo com as (...) eu achava bem que a criança viesse para que ela fizesse e fizesse essa coisa ou outra coisa qualquer...". p: 14 "Mas, no Porto devia estar lá uma mãe para lutar pelos seus direitos. Se ela ficasse no jardim de infância perdia todas as terapias (...) quantas visitas essas equipas têm feito? (...) imaginando que nós estávamos, (...) imagina a responsabilidade desta gente! Estão num cargo de responsabilidade e (...) podia-se estar a marimbar com a criancinha (fechá-la o dia inteiro numa casa de banho e tirava-la à noite para ir embora e nunca ninguém te ia lá perguntar o que é que estavas a fazer com a criança. Tu tens a visita da educadora de apoio uma vez por semana, uma horita ou duas." p:18 "É porque é uma criança especial por qualquer razão!". p: 19 "...quando cheguei (...) a colega da outra sala tinha uma menina que de cinco/seis anos e ela tinha pedido um requerimento para pedir adiamento, mas as professoras primárias que eram (...) só esteve lá dois dias na escola primária! Não fazia nada atirava-se para o chão, (...) e, as professoras chamaram logo a mãe e diziam: _ Não queremos a menina aqui! Arranje-se! Arranje os papéis e assine! Não queremos aqui a menina! A criança veio de 'requitô' outra vez para o Jardim, (...) mandaram a criancinha de 'avião'! (...) vi fazer os testes de inteligência e de cognição. Perguntavam-lhe: _ É azul, não é? (e abanavam com a cabeça)". p: 20 "O pior é estimular o pensamento crítico

nas crianças que vão para a escola primária!". p: 21 "Nós tínhamos uma criança que até era demasiado inteligente para certas questões e a professora pura e simplesmente não a suportava (...) ela nem era irrequieta sequer, nem malcriada, mas era demasiado interventiva, questionadora". p: 22 "Eu, às vezes também dou um raspanete a um garoto de forma injusta. Sou um bocado impulsiva e digo: _ Seu pateta! Então tu foste fazer uma coisa destas! Mas, depois a criança tem abertura suficiente para dizer: _ Não, eu não fiz isso!". p: 23

11/3/03

"nós vamos à frente em todos os níveis. tomara que alguém dos outros níveis chegassem às nossas ideias! não sei, se vamos perder as nossas características (...) nós temos é que pensar nas crianças. Se tivermos consciência de que são as nossas crianças e se soubermos para quem vão os nossos meninos, quem vai ser a professora no ano seguinte, devemos (...) prepará-las minimamente para encararem e prepará-las para o que vão receber no ciclo seguinte..." p: 28 "...os nossos filhos, porque são nossos filhos já sabem alguma coisa (...) os filhos dos outros, porque são (...) dos outros não devemos ensinar". p: 29

A6 "...é uma educação que está a crescer! (...) porque o conhecimento vai alargando, vai aumentando, vai tendo por base os conhecimentos anteriores". p: 1 "Por isso é um movimento em espiral pois tem em atenção os conhecimentos anteriores. (...) Primeiro (...) devo dispor a criança de uma forma natural e feliz para as aprendizagens, conhecimentos naqueles anos de jardim e futuramente. Levar as crianças a conhecerem-se a si próprias. Levar as crianças a conhecerem-se e a conhecerem os outros, outras crianças, outros adultos, outras pessoas (...) levar as crianças a crescerem e a desenvolverem as suas capacidades intelectuais, capacidades de conhecimento, capacidades de experiências e acima de tudo uma actividade de procura de saber, levando à procura de respostas adequadas ao longo da vida. Levá-las a um auto-questionamento constante sobre as coisas e daí adquirirem as noções e evoluindo a si próprio. (...) Desenvolver nas crianças a capacidade de se questionarem, de reflectirem, de se tornarem críticos..." p: 2 "É potenciar todas as suas capacidades! É conhecê-la com todas as suas características!" p: 4 "... aí os meninos tomam consciência da diversidade de opções religiosas". p: 11 "...o menino falava o que ele queria. Ele era impecável! Sentado no colo ele enroscava-se de uma maneira (...) ele ouvia, ele percebia, ele falava (mal, um bocadinho mal, pois não tinha um desenvolvimento normal para a idade dele, mas a criança tinha aquela vontade de comunicar, ele percebia (...) a criança era um espectáculo. Um espectáculo de miúdo! Atraso sim! Tinha um certo atraso até de estimulação, (...) precisava de terapia da fala, (...) se calhar o que ele precisava muito era de um apoio." p:21 [as professoras do 1.º ciclo] "Não os podemos suportar! Eles são extremamente irrequietos! Não os podemos aturar! Nada lhes agrada! Tudo os chateia!" p:22 "Mas, os meninos no ciclo têm que se calar e ouvir! (...) por isso é que não é possível haver consenso. Não conseguem dar a volta a isto! (...) é uma coisa enfadonha. A escola para algumas crianças não lhes diz nada! (...) É que às vezes interpretam mal! (...) Mas, se a criança diz qualquer coisa (...) a gente pensa duas vezes. E, eu tenho a humildade para dizer que tem razão e depois dou-lhe um beijo..." p:23 "Mas, esse tipo de atitudes eles não vão encontrar mais! (...) eles têm a razão deles, porque é diferente da nossa! E, às vezes temos situações que nós não vemos! Não vemos a parte deles! (...) temos muita coisa que fazer e se eles, (...) costuma dar resultado (...) é pôr os mais velhos com responsabilidade (...) ajuda muito! (...) os mais velhos até explicam melhor que nós aos mais pequenitos. É uma coisa que funciona muito bem e atendem muito melhor do que se fosse a própria educadora (...) as crianças tornam-se muito colaboradoras..." p:24

A5 "É desenvolver na criança a auto-estima (...) é levar a criança a uma adaptação ao meio social diferente, ao enriquecimento, á integração do seu "eu", da sua personalidade (...) com a partilha de experiências com vista a atingir determinados objectivos. No fundo permitindo

	trabalhar diferentes áreas de um modo adequado, promovendo o seu desenvolvimento e a sua autonomia. A2 "Educar será despertar o ser para o mundo que o rodeia. O Ser é igual a criança, é composta por inúmeras capacidades e competências (inatas), capacidades ou competências que é necessário estimular, valorizar, interiorizar, desenvolver interagindo com o outro. Este despertar vai estar presente nas diferentes fases de desenvolvimento de cada um". p: 3 "Dar a mão é no sentido de apoiar o quanto baste para a criança crescer e desenvolver. Não é fazer nada por ela, (...) apoiá-la neste percurso, para a criança prosseguir a sua caminhada". p: 6 "... todas fomos para a educação da criança, mas no fundo nós estamos a formar para a vida..." p: 7 "Inculcar hábitos de higiene e de saúde (...) embora não tenham sido abordadas, (...) não tenham sido explícitas, são inerentes à nossa prática, pois fundamentam os alicerces de um bem estar físico e social da criança, a responsabilidade de cada educadora". p: 9 A4 "Educar é algo de nós que se dá a alguém. Estas competências podem ser adquiridas ou estão de tal forma intrínsecas no educador que nós damos sem nos apercebermos porque gostamos daqueles a quem nos é permitido educar. Educar é gostar daquilo que se faz. É paixão pelas crianças ou pelo outro. É ajudar o outro a crescer e a desenvolver na sua globalidade". p: 4 "... quando falamos em honestidade/responsabilidade, estamos pois a falar de valores. Quanto ao ultrapassar as dificuldades, ajudar a desenvolver as competências, (...) do desenvolvimento global e equilibrado das crianças". P5 "... temos que respeitá-las". p: 14 "Pode ser autista! Há diferentes níveis e há até casos bem complicados!". p:20 11/3/03 A8 "Educar é formar "alguém" num todo. Construir a base de um futuro. É ajudar a desenvolver competências, (...) Ajudar a ultrapassar dificuldades. Dar um exemplo de humanidade e honestidade. Desenvolver o sentido da responsabilidade. Ajudar aqueles que devido a diversos factores tanto de ordem física como psicológica requerem mais atenção, compreensão e disponibilidade. Sensibilizar os pais de forma sensata sobre alguns dos meios para educar/respeitar os filhos. Ser amigo. A individualização no trabalho com as crianças". p:4/5 A1 "Educação é para mim o respeito pela individualidade de cada pessoa, ajuda a crescer e ajuda a conhecer-se. É conhecer a alma da criança. É contribuir para a formação de cidadãos livres, criativos, sonhadores, felizes. Dar a mão na caminhada. Estar atenta e muito observadora. Responsabilidade e vocação. Deixar a criança ser criança". p: 5 "as professoras do primeiro ciclo perguntam sempre: _ Falam bem? (...) queriam que eu andasse a rotular os meninos!". p: 21 23/1/03 A1 "Mas, (...) no meu Meio é totalmente diferente!". p: 39 "... às vezes as pessoas mais simples são as mais fáceis de contentar! (...) às vezes os pais muito cultos não conseguem ver! Aqueles, se calhar vêem de uma maneira mais simples e vêem melhor!". p: 41 A3 "Educar é levar a criança a pensar e a perceber conhecimentos e noções. É dialogar e proceder à gestão de conflitos. É respeitar os outros. Educar é (...) 'construção' e não 'transmissão de conhecimentos' ". p: 7 "No meu jardim de infância os deficientes tem uma educadora, pois há uma educadora colocada em cada sala. Mas, há algumas câmaras que vêm esse trabalho muito complicado e para além da educadora e da auxiliar colocam uma tarefa para apoiar o pessoal na hora do almoço (...) Mas, essa tarefa é só para aquela criança! p: 19 " É uma criança que ainda não chegaram à conclusão qual é o verdadeiro problema dela." p: 19 "Não se sabe ainda muito bem se a criança é autista (...) Ela na sala não está um minuto quieta. Corre dentro-fora. Corre sempre tudo! (...) com a mãe ela não sai de casa porque a mãe não vai a andar a correr (...) ele dá a mão à mãe e vai na rua direito! A11 "...aborda-se a interculturalidade. É preciso e porque talvez ainda não seja uma realidade muito presente neste meio, nesta zona, começa a aparecer em diversos locais. O respeito
--	--

	pelos outros enquanto ser (...) pela sua cultura...". p: 9 11/3/03 A11 "Eu acho uma estupidez é quando as crianças são destrás. Porque é que as crianças têm que escrever com a mão direita, quando elas são assim (...) o mesmo se passa (...) que mais faz a mim que a criança faça o O assim! Desde que ela faça e conheça o O e interprete o O, que mais me faz a mim (...) é mesmo isso! Desde que ele cumpra as regras, que me importa (...) como (...) a criança inicia a execução do O". p: 29 "...tenho um sobrinho (...) [que] não escreve como nós! Escreve ao contrário!". p: 30 23/1/03 A11" [os pais] são pessoas com o mesmo grau académico que nós! (...) porque é que eu tenho a capacidade em perceber em termos generalizados, muito generalizados sobre filosofia, ciências (...) multiculturalismo, eu tenho uma ideia de que se trata (...) percebo minimamente e não percebo especificadamente (...) por um lado, o nosso curso...". p: 38 "Mas, disse uma coisa muito sábia!". p: 39 A12 "Por vezes é (...) muito difícil! (...) ele não será hiperactivo" p: 19 "Eu tive um miúdo hiperactivo e com a mãe fazia gato-sapato e aqui andava direito!" p: 20 "eles não ficam lá na sala e por isso não chateiam (...) a minha filha que anda no 9.º ano (...) a professora mandou-a para a rua (...) simplesmente a professora disse: _O problema é meu! Eu é que sei porque te mando para a rua". p: 23 "... a minha filha tem um bocado de dificuldade em (...) tivesses entendido! (...) ela foi queixar-se à directora de turma, porque na verdade a professora não pode ser assim. Ela tem que explicar quando o aluno não entende". p : 24
Currículo	A1 "hoje a realidade começa a ser diversificada. Temos meninos de outras culturas, formações, opções religiosas (...) com as outras religiões nomeadamente a Jeová (...) vem sempre interferir na dinâmica da sala. Para mim não foi nada complicado! Eu até me dou bem com a mãe dele, porque ela simplesmente naquelas alturas não trazia o menino à escola! (...) Não fui eu que impus! Ela própria fazia isso!" p: 10 "Não fazia nada! (...) (...) ou ia para outro canto qualquer! Já não precisava de pintar! (...) o facto da criança não ir para o jardim é opção dos pais (...) o facto dos pais não deixarem as crianças muitas vezes ir é para que eles não ouçam, pois sabem que os meninos ouvem e o facto de estarem a fazer, a falar sobre as coisas, os meninos acabam por se aperceber e nós não deixamos de fazer por o menino estar lá! (...) o melhor é não deixar ir!" p: 11 "O que me espanta é que já se fazia isso [ensino especial] no ano em que estive em (...) já para aí uns cinco, ou seis anos. Continua tudo na mesma!" p: 18 A7" As da Jeová é que é complicado (...) temos que ser muito adultos (...) é porque não era Jeová a sério, (...) mas, isso não está certo!" p: 10 "Não, ele não ia a ficar a olhar para o balão! (...) ele próprio tinha uma educação tão enraizada, já com quatro anos que quando eu pegasse num trabalho de natal, ele levantava-se direitinho e sabia que eu não dizia nada e, deixava o grupo e levantava-se, pegava na caixinha dos legos e ia sentar-se, o que facilitava, pois, ele próprio sabia (...) tu queres contar a história de Jesus e tu sabias que ias estar contra os princípios que aquela mãe queria, mas depois os meninos..." p: 11 "Mas, assim está muito limitado!" p: 12 "...temos de tentar e trabalhar nesse sentido (...) eles podiam achar isso uma delícia! (...) se calhar era mais interessante do que fosse a própria professora a cantar os parabéns!" p: 13 "Eu achava bem que a criança viesse para que ela fizesse e fizesse essa coisa ou outra coisa qualquer". p: 14 "E, não devia colidir muito, pois o que ouvia num lado acabava por ouvir no outro. A não ser que houvesse muitas proibições, (...) também há cortejos. Tanto dar chamar procissão como cortejo. Vai dar ao mesmo. A criança desde que fosse a cantar qual era o problema? (...) aos Pais e não só! "Mas, estamos a prepará-los! (...) se calhar é mais fácil a nós prepará-los para o 1.º ciclo. Se formos teimosos e não ensinarmos isto aos meninos, porque não tem jeito nenhum ensinar isto aos meninos, as crianças chegam a Setembro e (...) eles precisavam de saber e eles apanham no 'nariz' (...)

porque não fomos flexíveis..." p: 27 "Se acontece e eu até gosto, desde que tenham capacidades de escrever o nome deles a manuscrito e, se eles conseguem pois devem andar para a frente e não devem estar parados (...) porque acontece que as crianças até Junho fazem desenhos, brincam, saltam, pulam, escrevem o nome deles à máquina (...) quando chegam no primeiro dia de aulas (...) recebem uma folha A4 de linhas para escrever o nome dele inteiro e completo a manuscrito numa folha de cima abaixo". p: 28 "O que na verdade acontece é que não podemos adiantar a criança, nem travar a evolução da criança, nesta fase". p: 29

23/1/03

A7 "...tudo isto era para suscitar discussão, pois quando estamos a fazer alguma coisa, devemos pensar em tudo". p: 34 "...eu penso que nós no nosso quotidiano fazemos uma mistura de modelos. Vamos buscar um bocado de cada lado, inclusivamente no Projecto Curricular de Turma é uma mistura de Modelos (...) Há aqui uma coisa que aqui fala e que eu nem sequer considero na planificação, pois para mim são inerentes (...) a transmissão de valores! Eu nunca ponho na minha planificação (...) como ajudar os meninos a serem amigos, pois (...) isto é básico". p: 35 "...eu valorizo isso de tal forma que para mim os valores são fundamentais e por isso não os escrevo (...) nem que eu não faça nada num dia, isso faço sempre (...) as outras actividades que eu tento atingir determinadas competências (...) já tenho necessidade de planificar para não me perder. Eu não vou andar um mês sem ter nada de objectivo para trabalhar (...) Mas, eu não escrevo e (...) pode-se perguntar: _Não tenho sensibilidade para isso? Fala aqui nas tecnologias (...) passei a tarde no computador e (...) não pus isso na planificação e isto é básico como todas as tarefas que eu tenho que desenvolver". p: 36

A8 "... Não via a situação do jardim em que estão os outros meninos. Eu tive um miúdo que ia sempre (...) tive que explicar aos pais que não podia pôr o menino de parte nessas alturas e por isso ela fazia na mesma. (...) eu expliquei aos pais que o objectivo seria fazer aquilo como podia estar a fazer uma outra coisa qualquer, ou em qualquer altura!" p: 10 "Ele até pode não levar nada para casa naquele dia. Pode fazer o trabalho, acabá-lo e levá-lo noutro dia qualquer e os pais acham bem!" p: 14 "Houve uma ano na escola, que uma mãe referiu que nunca se respeitava a igreja dela. Por isso ficavam admiradas com certas histórias da Bíblia, e deram-lhe uma dessas para ler. Isso foi há bastante tempo! Depois até me ofereceram um livro". p: 15 "E, devemos! Porque devemos enquadrá-los na continuidade educativa!" p: 27

A12 "Pois ele tinha que estar integrado no grupo!". p: 10 "...então tem de retirá-lo da participação, e da vida muitas coisas, (...) na vida inteira os meninos vão contactá-lo com essa realidade ". p: 12 "É claro! Tem que ser!" p: 14 A12 "No meu caso, quando é o dia do pai, a criança não dá ao pai, dá ao avô..." p: 14 "Mas, a criança pode fazer a prenda e dar ao avô! (...) porque lhes escondem a realidade!". p: 15

A6 "Fica com quebras nesse sentido! (...) quando é que os outros conhecem a cultura deles? (...) é haver um intercâmbio!" p: 12 "Hoje em dia vemos pessoas muito atrapalhadas e nos pedem quando for altura do dia do Pai, as avisem ou as lembrem para que as crianças não venham para o jardim, (...) a própria criança e também os outros tem que aceitar que as famílias (...) pois as famílias estão a sofrer alterações (...) eu este ano tenho no jardim imensas crianças sem pais de famílias. São divorciados (...) mas, por vezes não têm consciência disso. Não têm consciência da situação da família (...) É aluno. Às vezes, o melhor e preferível que a criança se aperceba e enfrente a realidade do que..." p: 15 "... mas, assim quando mais tarde optar, opta conscientemente". p: 16

A4 "...dar a conhecer as tradições deles, pois eu acho que é muito importante. Dar a conhecer a todos! (...) e também com a própria criança!" P12 "Eu pergunto sempre à criança a quem é que ela quer oferecer! (...) Mas, essas têm Pais! (...) Quando era no Natal, as crianças de outras religiões não eram privilegiadas sobre a igreja delas..." p: 15

	A4 "...nestes aspectos acho que sou tradicional, mas, (...) nestes (...) considero que sou crítica". p: 34 "Eu fui um bocadinho Técnico no meu projecto (...) após ter olhado para isto incluo-me neste modelo pois trabalhei apenas com as crianças e comigo própria. Não fui para o Meio e como o Modelo Sócio-Crítico (...) será que fui correcta no modo como elaborei isto? (...) se calhar a minha planificação não seria tão correcta". p: 34 "Pela análise do meu projecto não se observa nenhum aspecto crítico, pelo contrário! Enquadra-se mais na Perspectiva Técnico". p: 35 A2 "Se não temos esses hábitos, não devemos por isso culpabilizá-los por não terem princípios (...) eu sei que ele está a fazer aquilo porque na cultura deles (...) e isso ninguém leva a mal" p: 12 "...o meu amigo até faz! E, estão numa idade e os paizinhos até dizem: _ Então como é que agora estão a aprender a..." p: 13 "por isso seria óptimo que no início do ano lectivo os pais viessem ter connosco e nos informassem sobre as suas opções religiosas..." p: 14 "Mas, em vez de Chamar Nossa Senhora pode chamar Maria, porque o nome é Marial". p: 16 "...há crianças que vão aprender por variadíssimos métodos: o global, o método das vinte e oito palavras, (...) só no final do segundo ano é que as crianças conseguem ler e identificar palavras e se (...) o professor adoptar o método global, para o professor vai ser mais fácil. Se for o contrário e que comece pelas letras já irá ser mais difícil". p: 30 A2 "Neste projecto não articulo nada com o Meio..." p: 34 "Relativamente ao Modelo Sócio-Crítico, como podemos fazer estas coisas? Neste aspecto como é que vamos fazer as coisas? Para as crianças adquirirem conhecimentos, temos que transmitir-lhes (...) parece-me difícil". p: 34 "Eu acho que a postura que aqui se observa está dependente de cada escola de Formação inicial. (...) está aqui posturas de cada escola inerente. Isto tem um peso bastante grande no modo como planificamos. Mas, eu acho (...) que é preciso um bocado de bom senso e buscar um pouco de cada modelo. Há coisas que é o modelo Tradicional, haverá outra que será o Modelo Crítico. Relativamente ao aspecto Crítico como é que nós transmitimos isto às crianças? Eu acho é que nestes aspectos se torna difícil a nossa prática". p: 35 A7 "...tudo isto era para suscitar discussão, pois quando estamos a fazer alguma coisa, devemos pensar em tudo". p: 34 A6 "Quando a criança não tem Pai, ela é quem sabe a quem deve dar! [a prenda] Ao Avô, (...) eu já tive uma miúda que não tinha Pai e levava para o Avô (...) Mas, a criança pode fazer a prenda e dar ao avô (...) porque lhes escondem a realidade!" p: 15 "Mas, [as matrículas do 1.º ciclo] se for até 31 de Dezembro é normal que as crianças entrem, mas, apartir daí é que os Paizinhos têm de tratar do assunto (...) Nós temos também colegas nossos que apressam os filhos a entrarem na escola do 1.º Ciclo (...) eu tive um Pai, eu falei com ele (...) é um professor e ele fez isso e a criança entrou com cinco anos!" p: 17 "É capaz de nada estar de acordo com as capacidades que ele tem!". p: 19 A6 "Uma coisa é o ensinar, outra coisa é o fazer!" p: 38 A5 "Devemos perguntar de quem a criança gosta como se fosse Pai e a criança deve entregar a prenda a essa pessoa. Ela é que escolhe". p: 15 "O melhor seria a mesma professora para os quatro anos seguidos. Se for uma professora durante um ano e outra no ano seguinte e ainda por cima outro método, as crianças nunca mais chegam lá!". p: 30 A10 "Pode ser outro elemento da família". p: 15 A11 "Além dos saltos serem grandes, [as férias] há também e nós podemos constatar que para além dos saltos serem grandes (...) falta a tal interdisciplinaridade (...) entre os vários ciclos e a tal articulação, o tal diálogo entre 'uns' e 'outros'. (...) mesmo o professor do ensino primário (...) seja uma pessoa que gosta de investigar e tenha todas as coisas positivas (...) se não lutar connosco (...) se não estiver dentro daquilo que estamos a fazer, se não
--	--

	souberem os perfis (...) de desenvolvimento de cada um dos nossos alunos, muito dificilmente ele vai conseguir articular depois com os projectos deles..." p: 26 "Isso é a intercomunicabilidade! A Intercomunicabilidade que devia existir entre ciclos!" p: 27 "A escola tem de vir a nós! (...) não passa apenas por uma flexibilidade nossa (...) Passa também para [que] as professoras do ciclo seguinte (...) tenham mais abertura e percebam a dinâmica do jardim de infância para lhe darem continuidade. (...) Podemos fazer de forma positiva (...) a flexibilidade não é vista do ponto de vista negativo (...) ela deve ser vista flexibilizada e positiva entre os dois ensinos..." p: 28/29 A11 "Não é apenas o negligenciar (...) é o tal currículo oculto. O não contemplar pode-me levar a pensar que eu sempre trabalhei assim! (...) Quando eu falo em actividades orientadas, isto é importante, pois neste aspecto confronta-se o papel do adulto e da criança nesta orientação. Mas., a criança não é livre de optar por aquilo que ela quiser fazer na sala de actividades? (...) mas esta é realmente uma boa questão! (...) não tinha actividades orientadas no recreio, mas, não quer dizer que não sejam orientadas! Eu não as promovo! Eu não tenho um papel interventivo! (...) não quer dizer que muito pontualmente eu não possa sugerir alguma actividade, mas é sempre gerido pela criança (...) temos que estar particularmente atentas na forma como colocamos as coisas no papel". p: 37 "...será que o trabalho que eu faço é visível? (...) como é que eu posso tornar visível sem ser através da postura do aluno? (...) A gente não escreve e não é por mal! Por vezes, pensamos que está implícito e que é suficiente. (...) mas, não é suficiente porque (...) as pessoas com o mesmo grau académico que eu não vinham perguntar como é que eu ensino a matemática. Nós não ensinamos matemática. Eu não ensino matemática! De vez em quando 'fazemos matemática'. Aprendemos! Fazemos! Escrevemos histórias! Também isso de dizer que aqui não ensinamos nada" Aprendemos! Fazemos! Fazemos com os 'putos' (...) matemática! Às vezes, escrevemos histórias...." p: 38 "Há colegas que não concordam (...) se eu estiver num projecto e se todas nós planificamos, trabalhamos e dentro desta planificação decorre um projecto (...) eu não me preocupo com [as festas] (...) se eu estiver a viver aquele projecto eu planifico teoricamente (...) planifico com eles. E claro que eu falo nas [festas], mas não vou investir nas [festas]. Eu vou investir no projecto que se está a viver naquele momento. É claro que eu faço umas coisas para (...), mas se eles me chamarem à atenção! Se eu vir que o grupo pára para vivenciar [as festas] muito bem (...) se eu vir que o grupo não pára, podem vir as críticas dos pais (...) eu digo (...) não é esse o projecto que estamos a vivenciar agora (...) o meu projecto [turma] contempla estas vivências (...) Podes fazer isso esporadicamente e podes não pensar enquadrar isso dentro do teu projecto". p: 42 A14 "É como os métodos que utilizam as palavras muito 'abébezadas', que não fazem parte do vocabulário deles". p: 34 23/1/03 A3 "...os pais estão preocupados se ensinam a matemática (...) os trabalhos (...) se já sabem fazer o nome deles, porque vão para a escola! Eles vão para a escola sem fazer nenhum trabalho, sem fazer nada!" p: 39 11/3/03 A4 "...o meu filho andou (...) e aprendeu (...) a fazer o cinco ao contrário. Anda na faculdade e ainda hoje escreve o cinco ao contrário. Não está certo, mas olha escreve!" p: 30 A11 "mas existe uma diferença, uma inadequação entre a mudança de ciclos, do jardim de infância para o outro seguinte, o primeiro ciclo e sucessivamente": P26 23/1/03 A11 "Eu só vou decodificar esses currículo e questionar-me, se eu tiver competência para questionar (...) porque pode acontecer que quando eu confronto com alguém e me faz despertar a esse nível, porque senão eu continuo a trabalhar".
	11/3/03

Áreas de Conteúdo	A7 "Eu não mencionei a Área da Formação Pessoal e Social e ela é trabalhada continuamente (...) A História pode ser (...) recente, a pré-história (...) dentro deste projecto pode ser..." P33 A6 "Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,...." P33 A4 "....a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia (...)"
Processos Educativos/ Planificação	A12 "Eu não me situo muito bem! Tenho falhas!" p: 31 "Temos que fazer a planificação para cada grupo etário?" p: 32 A5 "...onde se encontram as competências para a educação de infância?" p: 32 "...na Formação Pessoal e Social pode ser (...) respeitar as regras (...)". p: 33 "História dos Reis!" p: 33 A7 "As competências (...) subjacentes a todo o ensino são as do 9.º ano. No fim da escolaridade obrigatória a criança tem que atingir (...) a capacidade de oralidade. Estas (...) estão a ser desenvolvidas desde que nascem. Há competências mínimas para entrar na escolaridade obrigatória. Aí se fazem referencia na parte final das orientações curriculares quando fala da articulação com o ensino básico (...) nas orientações curriculares (...) fala-se das condições favoráveis para o sucesso. (...) fala-se de três tipos de condições: as que dizem respeito ao comportamento das crianças no grupo, as que implicam determinadas aquisições indispensáveis para a aprendizagem formal das leituras, escrita e a matemática e ainda aquela que se relaciona com as atitudes". p: 32 "Eu não mencionei a Área da Formação Pessoal e Social e ela é trabalhada continuamente (...) A História pode ser (...) recente, a pré-história (...) dentro deste projecto pode ser..." p: 33 A6 "Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,...." p: 33 A4 "....a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia (...) Nós vamos fazer a planificação de todas. Vamos completar este e depois passamos para outra..." p: 33 16/12/02 Simulação de Um Painel A1 – Moderadora A10 – Perspectiva Tradicional A7 – Perspectiva Técnico A1 – Perspectiva Sócio-Crítica A10 "...trabalhamos segundo o modelo curricular tradicional, pois (...) é o modelo mais correcto! (...) Nós entendemos que a ênfase no saber é o mais importante porque o saber está acumulado no educador. Parte sempre do educador (...) implica transmissão de conhecimentos, não dando criatividade (...) daí que se devam proporcionar às crianças actividades de raciocínio, capacidades intelectuais, mas sempre partindo do educador, pois o educador é quem sabe. O educador é a fonte do saber!" p: 45 "Para que serve a criatividade? (...) os meninos o que têm é de aprender!..." p: 45 "...é neste Modelo que os meninos aprendem! (...) no tempo dos nossos avós, eles aprendiam tudo! Agora é que está tudo de "pernas para o ar!" Os alunos não sabem nada! (...) isso de afectos e de 'colinhos' dão os pais em casa! Aqui, os meninos têm que aprender (...) eles aprendem é com o ensino (...) os meninos vêm para cá, para eu lhes ensinar e eles aprendem! Claro, está, se não estiverem atentos, não aprendem. Primeiro, mando-os calar a todos, depois eles aprendem (...) as crianças vem para a escola para aprenderem! Na minha escola é assim! Eles são bons alunos! O educador prepara as actividades antecipadamente e dá muito trabalho para seguir rigidamente tudo o que tem planeado. (...) não há espaço para que a criança faça ou fuja daquilo que está previamente estabelecido. Desta forma evitam-se brincadeiras, as asneiras e assim não há espaço para desviar (...) o meu modelo é o que garante o melhor para as crianças". p: 46 "...o que interessa mesmo é ensinar, porque os meninos não sabem nada!

Sabem aquilo que se diz! É isso! Se eles soubessem alguma coisa ficava muito bem em casa, com o pai ou com a mãe e não precisavam de vir para aqui, para a escola (...) a criança não tem necessidade de observar! (...) a experimentar a criança aprende com a teoria e assim é que deve ser o ensino (...) saber é transmitido ao grupo de forma harmoniosa (...) assim funciona para todos e para todas as crianças. Não chateiam! E, garanto-lhes que funciona! Outra coisa é o educador ter tudo impecavelmente arranjado para ver o que é bonito... O educador deve dar o exemplo (...) é o que eu costumo dizer, os meus alunos sabem todos! (...) Não sou eu que faço as distinções. A distinção é natural! São os meninos que de uma forma natural, com a inteligência que têm, que fazem a distinção, ou então acabou!" p: 47 "Eles fazem a selecção por eles próprios! Ou são inteligentes ou não são! (...) a selecção é feita à partida! (...) eu estou a trabalhar e (...) sento-me na cadeira (...) Eu mando-os sentar e eles sentam-se! A selecção é feita à partida. (...) Não estou a dar-lhes liberdade nenhuma! Ou eles primam pela inteligência, ou (...) sento-os (:::9 os 'gajos' sabem, óptimo. Senão sabem, arrumou! (...) Quem sabe, sabe!" p:48 "...que criatividade? (...) o melhor é nem pensar muito! O melhor modelo é o tradicional (...) É ensinar e, está feito! (...) são [pessoas] activas, sem reflectirem! São pessoas que se auto-destroem, pois..." p:50 "Daí, que haja muita confusão! (...) no meu trabalho as minhas crianças estão caladas! (...) Estão atentas, isso é que sim! (...) para isso é que está ali o educador! O educador é que sabe, por isso é que é um Educador com 'E' grande..." p:52

M "...não acha importante estimular a criatividade? (...) quanto estou a perceber [a sua linha] enquadra-se numa linha cognitivista". p: 45 "...a ênfase no saber é importante, mas parece-me descurada a parte afectiva, quer no Modelo Técnico, quer no Modelo Tradicional (...) quando eu digo a nível sensitivo, é porque se aprende com o desenvolvimento da inteligência emocional (...) o que me parece que no modelo Tradicionalista fica de fora, que é a transdisciplinaridade, a interactividade, onde o papel da criança é puramente receptiva (...) ou seja, a criança tem um papel passivo (...) sente-se 'dona' do saber?" p: 46 "...revela uma certa ignorância (...) porque na verdade ninguém sabe nada! (...) os seus alunos são todos bons? (...) os alunos não tem qualquer hipótese?" p: 47 "...mas, isso não é valorizar o processo porque me aparece que não há uma interdisciplinaridade e uma intercomunicação entre os diversos ateliers (...) e por isso não valorizam as etapas, o processo para chegarem ao produto. O que lhes interessa é o que eles saibam fazer (...) ao afirmarem que preparam as crianças para o trabalho, estão a defender uma escola do tipo Montessori em que as coisas estão estanques, são organizadas e estão desfasadas da realidade, porque fora da escola podem encontrar..." p: 49 "...a criança continua a ser um receptáculo. A criança continua a não ter uma acção preponderante. (...) continua a ser preparada com os objectivos dos adultos (...) A maioria das crianças que são educadas dentro deste modelo acabam por ser pessoas que se submetem e que se auto-destroem (...) [e] sobretudo porque hoje há uma grande diversidade (...) o que estou a dizer é que (...) os vossos modelos 'pecaram' pelo facto de não haver (...) a biunivocidade, o cognitivo (...) [e] ao mesmo tempo a parte da inteligência emocional que sem a qual vocês nada fazem. Está provado, que de facto estes modelos criam pessoas mecanizadas, pessoas que se anulam e,..." p: 50/51 "...o papel do educador nestes vários modelos era preponderante e o papel da criança era bastante passivo (...) a grande diferença [naquele modelo] parece-me que se centra no papel da criança e no papel do educador (...) de um lado temos o aprender e do outro lado temos o aprender a fazer..." p: 52

A7 "A criatividade é uma treta, (...) como diz o ditado popular a criatividade 'não dá de comer a ninguém!' [mas] a ênfase (...) no saber (...) se uma pessoa sabe e não faz nenhum, para que serve o saber! Há aí tantos doutores a passear com as pastas aí pela rua..." p: 45 "...não defendo o modelo desta colega, mas estar à espera que os meninos nos digam o que vão fazer (...) se eles quiserem brincar com um carrinho todo dia, eu deixava, não? (...) Então não

faz distinção entre alunos bons e alunos maus?" p: 47 "O meu modelo é aquele que está inserido na realidade (...) É o saber-fazer! (...) De doutores, estamos nós todos cheios! Há aí muitos doutores (...) nós temos que arranjar, criar competências nas nossas crianças, para "arregaçarem as manguinhas" e irem para o mercado de trabalho (...) nós damos uma grande ênfase ao processo e por isso (...) organizamos toda a nossa sala, com ateliers, de modo que as crianças aprendam a fazer. É claro que é preciso pois usar a cabeça para o fazer! (...) Eu ensino, como todos sabem!" p: 48/49 ".... nós organizamos grupos de trabalho em que uns ajudam na cantina e aprendem a cozinhar, outros tratam da jardinagem, uma vez por semana, outros fazem a limpeza à sala no fim do dia (...) tudo isto está a prepará-los para a vida! (...) o essencial é isto: nós conhecemos salas de jardins de infância em que os meninos fazem muita pintura, fazem muitos desenhos, andam para ali, a estragar muita tinta, papeis, a fazer aquelas coisas todas (...) é mais dancinha, musiquinha, é (...) blá-blá, mas, ensinam o quê? Nós temos é de criar os homens para o amanhã! (...) nós queremos pessoas que saibam o valor do trabalho e a responsabilidade do que é ser um cidadão. (...) as nossas crianças se organizam de forma a trabalhar e a sentir a responsabilidade (...) a criança é que sabe!" P49 "...se estamos à espera dos objectivos das crianças (...) temos 'crianças' com trinta anos! O que é que acontece agora? Andam (...) a passear (...) cheios de criatividade nas discotecas..." p: 50 "Os meninos com dificuldade (...) podem andar toda a vida à procura. (...) uns irão para carpinteiros, outros para jardineiros e por isso respeita-se o ritmo de aprendizagem (...) tolerância..." p: 51 "Para que serve o espírito crítico? (...) Para dizer meia dúzia de verdades ao patrão quando forem empregados e depois vêm para a rua, ou são despedidos no dia seguinte! (...) Aqui não é o aprender só! É o saber fazer!" p: 52

A1 "...estou completamente em desacordo e, não posso admitir que nos dias de hoje hajam sequer discursos, (...) e que hajam pessoas que os defendam (...) [pois] esses discursos eram do tempo dos nossos avós! (...) eles não aprendem! Eles são obrigados a meter na cabeça coisas que depois na vida futura e prática não são precisas. Hoje, em dia temos que respeitar o ser humano! A pessoa tal qual ela é!" p: 46 "...a colega teria muito mais trabalho se estivesse mais atenta e observasse melhor as suas crianças para ver os interesses deles (...) ao observar diariamente (...) a colega concorda com uma 'régua' para chamar à atenção de uma criança?" p: 47 "Parece-me que está a fazer a selecção entre os inteligentes e, os (...) menos inteligentes! (...) não está a dar-lhes liberdade (...) a colega primeiro quer saber quem são os inteligentes para constituir o grupo, (...) e o mais grave é que se considera, detentora da verdade!" p: 48 "nós, (...) defendemos (...) como se aprende e isso para nós é o principal, como se chega a adquirir os conhecimentos e isto implica o respeito pelo ritmo da cada criança, dos seus interesses (...) as pessoas são diferentes e temos que respeitar esse ritmo! Uns contam com o desenvolvimento intelectual maior a daí o respeito pela individualidade e pela diferença começa aí (...) terá que ser dado mais tempo, (...) ajustado um método de trabalho diferente (...) se os meninos quiserem ou tiverem vontade de serem jardineiros, (...) carpinteiros (...) mas, (...) se a educação os leva a aprender daquela maneira para ser jardineiro, ou carpinteiro (...) e vivendo numa sociedade que se diz democrática, (...) passa pelo respeito pelos valores, pelo respeito pelos outros, pela educação para a cidadania e isto começa desde pequenino e portanto no jardim de infância damos tempo para que todos falem, (...) a ajudarem a terem o espírito de entreajuda, para uma sociedade mais justa (...) mais tolerante (...) mais fraterna e não é a impor, mas sim a respeitar! (...) é o respeito que devemos ter pelos outros!" p: 51 "O papel do educador (...) não de impor nada! É de ajudar a criança a desenvolver-se, de ser observador (...) [nos outros modelos] é que acontece é quando as coisas são impostas! (...) estão caladas, de boca fechada, mas estão revoltadas com aquilo que estão a fazer! (...) Mas, as crianças tem um espírito crítico, devem dar as suas opiniões sobre os diversos assuntos (...) É para saberem aquilo que querem, e o trabalho que estão a fazer (...) Nós estamos a preparar as crianças como seres livres..." p: 52

	A8 "...quando diz [que] aquele modelo é o melhor (...) porque faz tudo! Trabalha para as crianças aprenderem a fazer e a tornar as crianças autónomas. Aprendem a fazer tudo! Para quê? Interessa é uma pessoa ser meiga..." p: 53
O Papel do Educador	A7 "...para além disso há também um bocadinho do inato ou do genético. Eu acho que (...) há pessoas, eu acho que sempre tive esta vocação. Não sei se sou boa ou má profissional (...) mas, penso que nasci para ensinar. Fosse o que fosse e a quem fosse. E, acho isso até se verifica com crianças (...) Eu tenho crianças (...) que gostam de ensinar os outros. Têm jeito para ensinar. Tem facilidade para ensinar, tem facilidade para transmitir (...) se calhar tem a ver com as aprendizagens que fazemos na família..." p4 "Vamos influenciar as crianças nesse sentido (...) tem que se ter cuidado ao lidar com esse tipo de crianças!" p: 10 "Eu tive um que era Jeová a sério! A 100% (pois já tive um que era Jeová a fazer de conta) pois era uma criança que a primeira coisa que disse quando era bebé, foi Jeová (...) a família era a 200% e (...) tive que respeitar isso tinha que respeitar! É a tal história da criança ser única! p: 11 (...) Eu não deixei de fazer o que havia de fazer, mas ele realmente não fazia! Eu respeitei isso. É assim, enquanto uns pintavam o presépio, ele pintava (...) uma árvore de Inverno..." p: 11 "sempre que havia uma festa era uma outra educadora, [que participava devido a ser Jeová]. Eles podiam achar isso uma delícia! (...) se calhar era mais interessante do que fosse a própria professora a cantar os parabéns! (...) Mas, isso é diferente!" p: 13 "Ai, sem dúvida que os pais dos professores são os piores! Passo a publicidade! (...) tu podes rotular o colega de ignorante. Agora, tu queres convencer uma mãe em que a criança precisa de mais de um ano no jardim de infância (...) a mãe coitadinha tem de convencer-se, convencer o pai, convencer a avó a tia, (...) pois tudo isto às vezes é complicado pois passa pela família toda, pois todos dão opinião. E, as pessoas serem obrigadas a percorrerem ao longo de vários meses a pedinchar a toda a gente, pois falta mais um relatório, ou não sei o quê! Agora falta ainda o psicólogo, ainda falta assinar mais um papel e falta mais não sei o quê e as psicólogas (...) Nós tivemos um caso de uma senhora que teve de pedir tantas coisas, tantas declarações, tantos impressos, tantas coisas que a mulher se não fosse realmente forte e corajosa dizia: _ Qual quê, vai é para a escola! Ela já devia ter ido! Mas, foi um horror! A senhora chegava até a chorar! E, a menina deficiente que ela tem, (...) a mãe chegava lá dia sim e dia não (...) porque era assim (...) nós dizíamos que era melhor ficar. A equipa dizia que ela devia ter ido (...) a mãe ia ao Porto e dizia-lhe: _ Perde todos os apoios se a deixarem ir! Isto tem que ser assim!" p: 17/18 "...imagina a responsabilidade desta gente! Estão num cargo de responsabilidade e (...) a [educadora] podia-se estar a marimbar com a criancinha (...) nessa horita ou duas, tu até podias estar a sorrir para o menino, pô-lo com um laçarote na cabeça. A educadora de apoio saía e tu enfiava-la de novo na..." p: 19 "...deviam ter dito um monte de barbaridades, pois eles não conhecem as criancinhas" p: 19 "E, se tu apanhas uma criança (...) como quando a educadora pegou no processo do aluno (...) olhou para ele e disse: _eu tenho um super-herói! Quando a criança coitada, andava com muita dificuldade, melhorando depois de ser operada ao coração e não dizia a não ser meia dúzia de palavras e atirava tudo pelo ar e não fazia rigorosamente nada. Foi pegar naquele processo e ignorá-lo simplesmente!" p: 20/21 11/3/03 A7 "...se a professora for muito 'ditadora' devemos preparar os meninos, para serem muito sossegadinhos, para falarem mais baixinho, agora não podem falar tanto, (...) Não quer dizer que (...) concorde com isso (...) estamos a sublinhar esta atitude negativa de um professor primário, sem desrespeito..." p: 28 23/1/03 A7 "...uma coisa que devemos fazer e de uma forma simples, mas profissional (...) sobretudo para este tipo de pais é informá-los sobre o que se faz no jardim de infância, porque é natural que quem nunca andou num jardim de infância (...) não sabe o que se faz num jardim de

infância, nem (...) imagina o que é (...) pensa que é uma sala muito gira onde os meninos brincam e mais nada (...) Se nós fomos explicando aos pais para eles perceberem o que se faz (...) eles brincam (...) nós ensinamos tudo a brincar e que as brincadeiras que fazemos na sala com eles que nos custa muitas horas de trabalho! Frisamos sempre esse ponto (...) na ideia deles e para quem está de fora a ideia que têm é que 'coitadinhas', elas vestem uma bata, brincam um bocadinho com os meninos e passam o tempinho". p: 39

A2 "...o nosso principal papel é construir (...) pois a criança é o elemento activo que a partir dos seus conhecimentos vai adquirindo e desenvolvendo". p: 6 "...para salvaguardar o papel da educadora é falar com a família..." p: 12 [a educadora] "Ela desde o início do ano me pedia sempre a mim para fazer essa tarefa (...) Ela pedia-me sempre a mim! (...) veio falar comigo e por isso ela retirava-se e os meninos nem se apercebiam (...) É uma postural! Foi uma solução! Se calhar, e porque estava contigo, pois se estivesse sozinha (...) Para os meninos inventava uma desculpa e eles nem se apercebiam muito bem (...) só diziam nós fizemos (...) Mas, como nos juntávamos sempre os dois grupos, passava sempre despercebida". p: 13 "E, quando as professoras incentivavam os pais das crianças a matricularem-nos na escola primária porque precisavam de um n.º de crianças para o lugar não ser extinto. Isto choca-me, porque falar com os pais e com as entidades e resolverem o adiamento e neste processo não se respeita a criança, o seu ritmo ou o seu desenvolvimento. E, a DREN aceita! Até as crianças que fazem seis anos em Janeiro a DREN aceita!" p: 17 [actualmente]"Já mais parecemos avós! Já temos idade para sermos avós!" p: 41

23/1/03

A2 " O papel do educador é um trabalho dinâmico, interventivo, aberto ao Meio, e estes aspectos são inerentes à nossa profissão!" p: 36

A6 "...antes do regime de autonomia e gestão nós sempre fomos autónomas. Sempre fomos 'rotuladas' de autónomas, pois não nos limitávamos a uma estandardização da nossa actividade, mas éramos apologistas de coisas únicas (...) sempre construímos no caminho da inovação. Sempre fomos pioneiras na contemplação da cultura do Meio..." p: 9 "...como articulamos nós as diferentes culturas se nós andamos sempre a saltar de um lado para o outro (...) ficamos completamente..." p: 9 "Mas, quando eu cheguei este ano ao (...) eu tinha um caso de uma criança de cinco anos e eu li o relatório antes de conhecer a educadora que vinha dar o apoio e antes de conhecer o miúdo. Eu achei-o um espectáculo! Ele era fantástico! (...) quando eu li o relatório até disse à colega: - Não sei se este relatório (...) se não houve alguma alteração do nome, ou de qualquer problema, porque isto não coincide nada com esta criança, que eu tenho aqui! Pelo menos pelo que eu conheço! Pouco sei desta área, mas acho que não tem nada a haver uma coisa com a outra. E, realmente viu!" p: 21

11/3/03

A6 "...se tivesse apanhado uma professora que diz é assim que deve ser, com regra,...." p: 30

A5 "...a cidadania foi um dos elementos abordados nas nossas reflexões, pois as educadoras valorizam a participação de cada criança e de todos na dinâmica diária de cada jardim de infância". P9 "Eles andam ansiosos pela festa (...) e nós temos muito trabalho...." p: 24

A1 "Não podemos partilhar! A nossa conduta e actuação vai ser discriminatória (...) Para mim não foi nada complicado! Eu até me dou bem com a mãe dele, porque ela simplesmente naquelas alturas não trazia o menino à escola!" p: 10 "É para dizerem que fazem muito! [colegas de apoio" p:20

23/1/03

A1 "...é verdade, o que dizes (...) eu agora vou falar por mim é que eu acho que o nosso relacionamento com as crianças é diferente do que quando tiramos o curso! (...) acho que eles agora são tão meigos (...) dizem: - oh professorinha! Eles dão beijos, eles agarram-se (...) talvez nós sejamos mais tolerantes com eles (...) e eles sentem isso e por isso também mudam! (...) os meus também me chamam de professorinha!" p: 40

	A12 "...eu tenho um ciganito! Mas, tem faltado muito! Mas, o miúdo é amoroso..." p: 10 "Pois é importante o trabalho directo com as famílias". p: 13 "A mim também me criticaram o meu trabalho!" p: 19 "Trabalhar sozinha é complicado! É por isso que podemos falhar! Escapam-se-nos algumas coisas (...) Não sei bem o que vou escrever. Vou escrever umas coisas aqui,..." p: 25 A4 "Assim como nós respeitamos a religião deles também eles têm de respeitar a nossa". p: 10 "Mas, isso é que está mal (...) a colega arranjou uma solução!" p: 13 A8 "A menina tinha que andar, tinha que continuar o processo porque ela já tinha oito anos, e a senhora (...) ou as pessoas tem uma certa informação ou isto a mim é o que me choca é as pessoas saberem as coisas, terem informação (...) já lhes basta ter uma criança assim!" p: 18 A3 "Noutro dia surgiu uma situação na minha sala em que chamava os meninos (...) vieram sentar-se (...) E, um deles dizia: - Não te convido para a minha festa de anos! (...) depois eu disse-lhe: - Tens razão! Precisamos de conversar! Tenho que te pedir desculpa! (...) de certeza que eles tem razão! Porque (...) nós andamos a correr com (...) e é fácil neste período passar despercebida muita coisa e calmos facilmente no erro! (...) Se calhar precisavam de outra atenção e percebe-se porque é que eles estão daquela maneira!" p: 24 23/1/03 A3 "Ainda hoje quando ia a abrir o portão (...) o nível geral tem a 4ª classe, tenho um com o 11.º ano, alguns com a 6.º classe (...) elas diziam: - Elas são todas boas! Cada uma à sua maneira! O que interessa é que gostem das crianças (...) elas vinham (...) a falar sobre a nova educadora. A outra era nova, esta também é nova,..." p: 39 "Relativamente aquele comentário e atendendo ao nível de habilitação dos pais, não foi só achar que as educadoras gostam muito deles (...) achei interessante (...) dizerem: - Elas são todas boas, cada uma há sua maneira! Para quem não tem habilitação e chegar a estas conclusões,..." p: 41 11/3/03 A11 "...só agora se lembram que nós somos um corpo docente que nunca teve problemas em relação à parte afectiva (...) salvaguardando (...) as características da personalidade de cada um dos profissionais (...) de grosso modo temos uma relação muito afectiva, muito positiva com as nossas crianças (...) No caso da educação de infância (...) o nosso instinto maternal nos favorece nesse aspecto (...) "Eu não mencionei a Área da Formação Pessoal e Social e ela é trabalhada continuamente (...) A História pode ser (...) recente, a pré-história (...) dentro deste projecto pode ser..." p: 33 A6 "Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,..." p: 33 A4 "...a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia (...) Nós vamos fazer a planificação de todas. Vamos completar este e depois passamos para outra..." p: 33 A11 "Eu vou aqui dizer que não tinha actividades orientadas no recreio. Não quero dizer que não fossem orientadas, mas o que eu quis dizer é que eu não as promovo! Os jogos lúdicos, espaços (...) não tenho um papel interventivo. Às vezes tenho e quando tenho é muito pontualmente e sugerido pelas crianças. Não é sugerido por mim! É sugerido por eles! (...) se houver um espaço lúdico qualquer e as crianças façam não sei o quê (...) veja que elas não conseguiram estabelecer regras para jogar (...) eu vou lá e com o jogo (...) organizo o jogo. Mas, o meu papel e eu jamais faço isso, é de orientar as brincadeiras das crianças no recreio!" p: 37 "de facto eu sou muito vaidosa por ser educadora, é espectacular! Nós temos que dominar um bocado de tudo! Passa por aí, e isso implica que leiamos muito, que nós escrevamos muito (...) façamos muitas acções de formação, porque as coisas evoluem muito rapidamente" p: 38 "Eu não me posso queixar das críticas que me fazem! Mas, isso é uma coisa muito sábia! (...) eu queria sublinhar (...) a ideia da colega. Partilho muito a ideia (...) se nós tivermos o nosso equilíbrio emocional e a nossa inteligência emocional, se não estiver devidamente desenvolvida (...) nada se faz! (...) Primeiro vem o amor e depois vem o resto
--	--

(...) se gostarmos dos miúdos criamos uma empatia (...) eu estou a viver esta experiência neste momento (...) estou um bocado deliciada! Delícia-me aquela sala! É uma meladice pegada! (...) estou a achar que eles estão num ritmo de desenvolvimento espectacular! (...) eu não mudei assim tanto! (...) É da empatia! (...) nunca fiquei na minha vida tanto tempo com eles! (...) sempre gostei de ir trabalhar (...) um menino (...) ainda hoje dizia (...) – Dá-me colo! (...) tenho (...) duas meninas, principalmente uma pequenina (...) se eu me sentar pede-me logo colo. (...) sabe-me tão bem!" p: 39/40

23/1/03

A13 "... os meninos também me chamam de professorinha!" p: 40

A6 "...mas antes do regime de autonomia e gestão nós sempre fomos autónomas. Sempre fomos 'rotuladas' de autónomas, pois não nos limitávamos a uma standardização da nossa actividade, mas éramos apologistas de coisas únicas..."

11/3/03

A8 "Ah! Mas, isso tem que ser! Uma vez um pai não falou comigo e por isso um dia tive uma conversa com ele no sentido de esclarecer o funcionamento do jardim". p: 14. "Relativamente ao espírito crítico, realmente não acontece apenas nas escolas da primária ciclo. No meu caso e relativamente ao meu filho (...) andava aborrecido com uma professora [professora do 1. ciclo] porque (...) colocava os meninos fora da sala (...) porque comentou na aula (...) que (...) chamava (...) sempre os mesmos meninos. Eram os meninos queridos. A professora não teve outra atitude e colocou-o fora da sala (...) porque na verdade era sempre aquele grupinho os escolhidos para irem para o quadro. (...) a professora não deu hipótese de explicar!" p: 23

A1 "as professoras do primeiro ciclo perguntam sempre: _ Falam bem? (...) queriam que eu andasse a rotular os meninos!". p: 21

23/1/03

A3 Não sei bem qual é o problema da criança (...) vai-se observando (...) com a mãe faz tudo (...) não sei se a mãe lhe bate, mas o pai diz que não lhe bate! Só que ele não para um minuto em lado nenhum! É mesmo preciso uma pessoa só para ele! Ele é muito inteligente!" p: 19

A12 "Algumas crianças são de difícil diagnóstico! Por vezes é (...) muito difícil! (...) Custou a integrar-se (...) quando a gente saía da sala não parava um minuto." p: 20

A7 "Nós somos mais flexíveis e quando não somos prejudicamos os nossos garotos." P: 27

**ANEXO IV - DESCRITIVO DOS REGISTOS ESCRITOS POR UNIDADES DE
ANÁLISE**

ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS REGISTOS ESCRITOS

CONCEITOS	UNIDADES SIGNIFICATIVAS
Educação	A1 "... contribuir, ajudar, a tomar as crianças pessoas mais felizes, que um dia formarão este mundo melhor! (...) respeitar, compreender, amar quem nela confia e tudo faz para a ajudar a crescer, a ser pessoa, na sua dignidade, individualidade". A2 "...um processo contínuo em espiral na vida de cada um, em especial a criança (1ª fase na vida de cada ser humano), (...) um processo que se baseie em quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser (...) tendo sempre em conta a multiculturalidade da criança, o seu tempo, a sua sensibilidade, a sua personalidade, a sua forma de estar. Não esquecendo a necessidade de higiene e alimentação e valores para a vida em sociedade". A5 "O conceito de educação tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, a base da educação com o sentido de transmissão, de uma formação que terminou com o curso [formação inicial] tende a extinguir-se. A educação tem um novo sentido, com novos valores, com uma autoformação constante, com a valorização dos outros, com um sentido global, não esquecendo, no entanto, o individual de cada um, o respeito pelas suas opções: surgem as novas vertentes de aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a aprender a ser". A6 "A educação nunca deve ser um processo finalizado, mas sim uma constante procura do saber ser, saber fazer, saber viver com os outros, saber conhecer o que fomos, o que somos e aquilo que a sociedade nos levará a ser (...), um desafio estimulante". A7 "A educação faz-se ao longo de toda a vida, tendo a educação pré-escolar a função de iniciar este percurso fora da família. Todas as ideias sobre educação se podem resumir nos quatro pilares do relatório da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. O homem não nasce cidadão, constroi-se. Quanto mais rica for essa construção, melhor se viverá e conviverá amanhã".
Currículo	A2 "Na sessão de hoje, (...) o [grupo] foi unanime que nos tempos que correm a própria abrangência de meios humanos e materiais que o processo educativo por si envolve, pressupõe necessariamente a mudança de concepções de currículo. Foi possível reflectirmos (...) [sobre] a nossa postura como profissionais nos tempos de hoje (...) estaremos a defender o modelo social na realidade? Ou defendemos este último na teoria e usamos outros na prática? O que dita o nosso bom senso? Um pouco de tudo!". A5 "A concepção de currículo varia perante os objectivos e a orientação educativa pretendida para a educação, essa mesma concepção poderá implicar metodologias a aplicar diversificadas. Os modelos quer tradicionais, técnicos, humanista e social tem a sua vertente importante, o que não considero correcto adoptar um único modelo específico, mas retirar o que cada um tem de positivo e criar um modelo mais abrangente, que respeite a criança no seu todo". A6 "... os modelos tradicionais, técnico e humanista (...) levaram-me a descobrir que hoje ainda existe uma mistura destes modelos nas nossas práticas curriculares, pois nem todas as suas competências estão totalmente erradas, mas sim necessitadas de uma maior ponderação e lapidação. Desta forma é necessário reflectir continuamente e alargar o âmbito do currículo tornando-o mais abrangente e um instrumento de trabalho a partir do qual é conjugado com os vectores como o grupo, o meio, etc. (...) poderá ser sempre ajustado às realidades." A7 "...nem sempre temos consciência dos limites de cada um e das suas limitações a nível pedagógico. É fácil cair em qualquer das suas falhas por eles revelados sem ter disso consciência. Penso que todas [as educadoras] em determinado dia, adoptam este ou aquele aspecto de um deles sem se aperceber". A8 "...a análise dos diferentes modelos curriculares (...) se constatou diversas formas de

	trabalho e de posturas das educadoras levando-as a concluir que todas elas têm pontos positivos e algo de bom que devemos valorizar e adoptar no nosso próprio modelo". A9 "... foram focados os aspectos mais relevantes de todos eles no que diz respeito ao espaço, tempo, criança, professor e avaliação e em debate realçaram os aspectos negativos do tradicional e do técnico...". A11 "...consciencialização e reconsciencialização do papel crucial do educador com base na sua postura face ao sector em que está profissionalizado, e sua grande importância na estruturação do corpo social humano -- numa palavra: a estruturação de uma sociedade que se quer globalizante mas respeitadora do que é matriz em cada uma delas". A13 "...podemos observar e reflectir sobre os objectivos dos vários modelos curriculares e chegar a uma conclusão -- o modelo que nos interessa é o modelo social".
Áreas de Conteúdo	A10 "...senti imensa dificuldade em escrever o que é feito no dia a dia do meu jardim de infância. Senti que tenho muita dificuldade em dividir o trabalho pelas diferentes áreas. Do trabalho que observei (...) [verifiquei] o quanto será importante (...) para melhor planificar, colocar cada actividade na área certa". A14 "Foi bastante enriquecedor este trabalho porque ajudou bastante no desenvolvimento dentro das várias áreas do projecto a realizar. Fiquei com a sensação que no futuro irei estar mais alerta para os vários factores que se podem utilizar num melhor desenvolvimento dum projecto. É de realçar também o facto do trabalho ser em grupo e haver uma enriquecedora troca de experiências". A6 "Da realização deste trabalho (...) fiquei com uma visão mais integradora das diferentes áreas de conteúdo e sua integração no projecto (...) com uma visão mais clara, mais sistemática de como incorporar toda esta diversidade no mesmo plano. Creio também que para mim o trabalhar em grupo me desperta para situações que de uma forma individual é mais difícil e que sinto mais facilidade em falar do que em escrever. Deste trabalho constatei com as minhas falhas nas diferentes áreas, nas competências e nas diversas formas possíveis para a respectiva avaliação. A12 "Uma das grandes dificuldades que eu tinha era planificar segundo as novas áreas. Esta sessão ajudou-me imenso a entender e fazer a planificação do meu trabalho. A planificação feita em grupo foi muito construtiva". A9 "Estas duas ultimas sessões foram enriquecedoras pois deram-me uma perspectiva a nível da planificação do trabalho a realizar, as áreas que na escrita são menos contempladas. Foi (...) muito positiva a troca de experiências". A4 "Esta sessão permitiu-me consolidar os conhecimentos apreendidos. Fiquei mais esclarecida. Analisamos os projectos que faltavam e enriquecemo-nos desta forma mutuamente partilhando diferentes trocas de experiências. Estas sessões têm sido muito enriquecedoras". A1 "Esta sessão foi para mim esclarecedora sobre determinados pontos que para mim estavam ainda um pouco confusos. Foi proveitosa e permitiu um enriquecimento mútuo. A partilha de ideias foi mais uma vez uma constante nestas acções de formação". A7 "Esta sessão serviu para clarificar certas dúvidas relativas às denominações a dar a certas actividades ou competências, pois é mais fácil idealizar que classificar correctamente. É frequentes as competências interligar-se de tal forma que nos é difícil fazer uma seriação objectiva". A11 "É sempre importante o intercâmbio das reflexões individuais para a evolução e optimização da prática pedagógica, nomeadamente ao nível da esquematização_ planificação -- avaliação, das competências a adquirir e os processos inerentes aquelas, quer à concretização do projecto, passando necessariamente pela planificação, avaliação e investigação do grupo". A13 "...fiquei mais esclarecida sobre as competências a desenvolver no projecto. Na Área da

	Formação Pessoal e Social não tinha referido as estratégias, talvez porque me sentia um pouco confusa na selecção das mesmas (...) fiquei esclarecida (...) Foi importante (...) porque (...) em todas elas se tiram dúvidas que nós sentimos no dia a dia". A8 "Esta sessão foi muito proveitosa para mim, aprendi a fazer uma pequena planificação e a explorar os temas (...) um grande intercâmbio com as colegas. Espero receber mais informações acerca de uma planificação bem organizada. Através destes trabalhos práticos é mais fácil entendermos e compreendemos este tipo de trabalho escrito". A2 "...pude verificar que cometi alguns esquecimentos ao passar para o papel o que na realidade foi trabalhado. Não foi novo para mim, já tinha notado isso em reflexões anteriores. O complemento do nosso quadro de planificação em trabalho de grupo foi muito enriquecedor e proveitoso. (...) "duas cabeças a pensar, pensam melhor". (...) surgiram novas actividades, chegando mesmo a fazer troca de canções, poesias e actividades motoras. Poderei mesmo dizer, sempre que duas educadoras se encontram a originalidade surge. Este tipo de trabalho é bom!" A3 "... continuamos com a organização da planificação segundo as áreas de conteúdos. Mediante a planificação que tínhamos feito anteriormente acrescentamos nas diversas áreas o que consideramos que faltava, o que nos levou a reflectir e a enriquecermos mutuamente trocando entre todas impressões e acrescentando ao plano de cada uma o que considerávamos estar em falta".
Processos Educativos/ Planificação	A10 "...senti imensa dificuldade em escrever o que é feito no dia a dia do meu jardim de infância. Senti que tenho muita dificuldade em dividir o trabalho pelas diferentes áreas. Do trabalho que observei (...) [verifiquei] o quanto será importante (...) para melhor planificar, colocar cada actividade na área certa". A14 "Foi bastante enriquecedor este trabalho porque ajudou bastante no desenvolvimento dentro das várias áreas do projecto a realizar. Fiquei com a sensação que no futuro irei estar mais alerta para os vários factores que se podem utilizar num melhor desenvolvimento dum projecto. É de realçar também o facto do trabalho ser em grupo e haver uma enriquecedora troca de experiências". A6 "Da realização deste trabalho (...) fiquei com uma visão mais integradora das diferentes áreas de conteúdo e sua integração no projecto (...) com uma visão mais clara, mais sistemática de como incorporar toda esta diversidade no mesmo plano. Creio também que para mim o trabalhar em grupo me desperta para situações que de uma forma individual é mais difícil e que sinto mais facilidade em falar do que em escrever. Deste trabalho constatei com as minhas falhas nas diferentes áreas, nas competências e nas diversas formas possíveis para a respectiva avaliação. A12 "Uma das grandes dificuldades que eu tinha era planificar segundo as novas áreas. Esta sessão ajudou-me imenso a entender e fazer a planificação do meu trabalho. A planificação feita em grupo foi muito construtiva". A9 "Estas duas ultimas sessões foram enriquecedoras pois deram-me uma perspectiva a nível da planificação do trabalho a realizar, as áreas que na escrita são menos contempladas. Foi (...) muito positiva a troca de experiências". A4 "Esta sessão permitiu-me consolidar os conhecimentos apreendidos. Fiquei mais esclarecida. Analisamos os projectos que faltavam e enriquecemo-nos desta forma mutuamente partilhando diferentes trocas de experiências. Estas sessões têm sido muito enriquecedoras". A1 "Esta sessão foi para mim esclarecedora sobre determinados pontos que para mim estavam ainda um pouco confusos. Foi proveitosa e permitiu um enriquecimento mútuo. A partilha de ideias foi mais uma vez uma constante nestas acções de formação". A7 "Esta sessão serviu para clarificar certas dúvidas relativas às denominações a dar a certas actividades ou competências, pois é mais fácil idealizar que classificar correctamente. É

	frequentes as competências interligar-se de tal forma que nos é difícil fazer uma seriação objectiva". A11 "É sempre importante o intercâmbio das reflexões individuais para a evolução e optimização da prática pedagógica, nomeadamente ao nível da esquematização_ planificação – avaliação, das competências a adquirir e os processos inerentes aquelas, quer à concretização do projecto, passando necessariamente pela planificação, avaliação e investigação do grupo". A13 "...fiquei mais esclarecida sobre as competências a desenvolver no projecto. Na Área da Formação Pessoal e Social não tinha referido as estratégias, talvez porque me sentia um pouco confusa na selecção das mesmas (...) fiquei esclarecida (...) Foi importante (...) porque (...) em todas elas se tiram dúvidas que nós sentimos no dia a dia". A8 "Esta sessão foi muito proveitosa para mim, aprendi a fazer uma pequena planificação e a explorar os temas (...) um grande intercâmbio com as colegas. Espero receber mais informações acerca de uma planificação bem organizada. Através destes trabalhos práticos é mais fácil entendermos e compreendermos este tipo de trabalho escrito". A2 "...pude verificar que cometi alguns esquecimentos ao passar para o papel o que na realidade foi trabalhado. Não foi novo para mim, já tinha notado isso em reflexões anteriores. O complemento do nosso quadro de planificação em trabalho de grupo foi muito enriquecedor e proveitoso. (...) "duas cabeças a pensar, pensam melhor". (...) surgiram novas actividades, chegando mesmo a fazer troca de canções, poesias e actividades motoras. Poderei mesmo dizer, sempre que duas educadoras se encontram a originalidade surge. Este tipo de trabalho é bom!" A3 "... continuamos com a organização da planificação segundo as áreas de conteúdos. Mediante a planificação que tínhamos feito anteriormente acrescentamos nas diversas áreas o que consideramos que faltava, o que nos levou a reflectir e a enriquecemos mutuamente trocando entre todas impressões e acrescentando ao plano de cada uma o que considerávamos estar em falta".
O Papel do Educador	A1 – "Como educadora valorizo e preocupo-me muito com o criar e propiciar um ambiente afectivo e alegre para as crianças, onde elas se sintam à vontade e felizes [pois] só assim, se poderão desenvolver harmoniosamente e crescerem saudáveis física e psicologicamente. A observação cuidada e permanente permite-me conhecer melhor as crianças e responder às suas necessidades, desejos, medos e preocupações. (...) a avaliação é importante e faço-o quase diariamente. A troca de experiências é feita continuamente por mim e entendo-o muito benéfico e importante. O papel do educador é de grande responsabilidade e esforço-me por desempenhá-lo o melhor que posso e sei". A realização de projectos é um dos aspectos onde não me sinto muito à vontade, pois custa-me um pouco fazê-los. O intercâmbio com a comunidade não é muito realizado (...) embora o entenda importante. A2 – "Uma das minhas preocupações diárias é procurar abarcar todo o grupo no geral e cada criança no particular. Para o conseguir procuro acima de tudo ser flexível, sensível e usar sempre o bom senso. Procuro não cair em exageros (sejam eles de planificação, de postura, de avaliação, etc.) tento ir buscar um pouco aos diferentes processos educativos, coordenar projectos com ideias/ interesses das crianças no seu dia a dia, atender às necessidades de forma que as potencialidades de cada criança sejam desenvolvidas e aumente a sua auto – estima e confiança. Que sejam felizes e parte integrante do mundo que as rodeia. No fundo ter tempo para reflectir. A5 – "O educador deve (...) observar para a partir daí planificar, atendendo às necessidades das crianças, ajudando a desenvolver as suas potencialidades. Tem que ter em conta o meio onde está inserido, (o que se torna um pouco difícil pois de ano para ano "salfita" de uma

	comunidade para outra) esta dificuldade poderá depois diminuir através de reuniões de pais, visitas de exploração. "Uma outra dificuldade é a avaliação, a partir de registos de comportamentos e actividades, e complementar com observações e reflectir sobre o trabalho desenvolvido. Será que atingimos exactamente o que se pretendia, que os objectivos foram conseguidos". A12 – "valorizo (...) um bom ambiente na sala tanto em relação às crianças como aos colegas e pais. Tento que os pais participem sempre que possível em trabalhos realizados na sala com as crianças. Tento desenvolver as potencialidades das crianças. Gosto de fazer trabalhos em conjunto com outros colegas e levar as crianças a conhecer outros meios e outras realidades". "No que sinto mais dificuldade é em registar o que se passa no dia a dia e a evolução que as crianças vão tendo, o que me dificulta depois a nível das avaliações das crianças". A9 – "...o que se torna mais difícil para mim é coordenar o projecto Agrupamento com o projecto de grupo, no que diz respeito à organização do projecto curricular de turma. Em relação à avaliação o que se torna mais difícil é realçar apenas os aspectos positivos das crianças, quando se nota que apresentam algumas dificuldades em diferentes áreas". A3 – "Todos os papéis do educador são considerados importantes. Há no entanto alguns que na prática passam mais ao de leve do que os outros. Pessoalmente considero importante planificar, observar, avaliar entre outros. (...) a flexibilidade e a reflexão são importantes na medida que só depois de uma reflexão conseguimos chegar aos nossos erros". "Na prática tenho falhas no registar, pois nem sempre conseguimos quando trabalhamos sozinhas registar situações que consideramos importantes (...) considero ainda que exploro pouco o intercâmbio com a comunidade educativa". A13 – "Todo o trabalho do educador deve ter como base um ambiente acolhedor e seguro na sala. A observação é um ponto muito importante que deve estar sempre presente, depois vem (...) o registo da observação. A coordenação é muito importante para que o trabalho seja eficaz e para que os objectivos sejam atingidos". "Sinto mais dificuldade no planificar e no trabalho administrativo" A4 – "...considero-me uma educadora flexível, sensível aos factos que vão surgindo diariamente e na minha actividade pedagógica. Procuro criar um ambiente agradável e acolhedor com o grupo e com a comunidade em geral. Procuro fazer uma avaliação construtiva. Faço uma reflexão constante em todo o acto educativo". "Tenho alguma dificuldade em avaliar, embora registe diariamente, perco-me na avaliação. Procuro sempre uma avaliação construtiva e qualitativa". A8 – "...sinto necessidade de criar na sala um bom ambiente de harmonia, acolhedora e alguma disciplina, pois penso que o ambiente da sala é muito importante para o sucesso das actividades. (...) os registos feitos pelas crianças são um "documento" interessante para uma certa avaliação. Observar as crianças tanto na sala como fora dela é também um importante instrumento de trabalho para mim". "A minha dificuldade maior reside em coordenar os projectos e registá-los em papel devidamente sintetizados". A6 – "É preciso saber actuar para desta forma poder estar atento às particularidades de cada criança". (...) o meu papel ao nível dos registos é para mim muito difícil, pois aquilo que observo como importante acontece rapidamente e com o intuito de nada perder não escrevo (...) quando me proponho a escrever ou já não me lembro textualmente das palavras e por vezes nem dos contextos onde surgiu a avaliação. Fico apenas com a ideia no geral. Outra dificuldade que sinto tem a ver, com o intercâmbio com a escola (...) pois as coisas surgem consumadas sem ter em consideração as características do pré-escolar". A14 – "... o papel do educador terá que ser (...) equilibrado". (...) o meu ponto fraco nesse aspecto relaciona-se com os registos e o trabalho administrativo. Acabo sempre por não
--	--

	registar certas atitudes das crianças e que deveriam ser valorizadas. Reconheço que deveria nestes aspectos tornar-me mais responsável". A11 – "A diversidade de educandos e de educadores remete-nos para um trabalho sempre atento, contínuo e renovado (...) os aspectos do registo, da observação, da avaliação e reflexão (...) os outros aspectos coloco-os não em segundo plano, mas numa simultaneidade...". A7 – "... considero que tenho presentes todos os itens que caracterizam o papel da educadora, apesar de ser um pouco directiva, sem deixar de respeitar as iniciativas e o ritmo de cada criança (...) apenas o registo das observações me falha frequentemente, embora dê muita atenção a cada criança e às suas atitudes, depois não passo à escrita". A10 – "No início do ano lectivo preocupo-me um pouco com a organização da sala. (...) que seja acolhedora, mas que tenha só o mínimo, porque penso que a montagem da sala deve surgir ao longo do ano com o trabalho que vai surgindo com as crianças. A minha principal prioridade é a de ajudar a criança a desenvolver as suas potencialidades (...) tento dar o meu melhor. Preocupo-me em observar e avaliar o trabalho feito para partir para planificações cada vez mais ajustadas á realidade que tenho (...) para mim é realmente mais difícil a parte de coordenação de projectos e também da dinâmica da escola, mais em relação aos adultos (colegas e pais)".
Avaliação	A6 "A avaliação é uma actividade muito importante na nossa prática pedagógica e eu pessoalmente tenho ainda muitas dificuldades nesta área. (...) é o instrumento que pode aperfeiçoar o nosso trabalho. As observações e os respectivos registos são para mim uma dificuldade". A7 "A reflexão sobre a avaliação teve uma maior relevância nas opiniões acerca da dar ou não informação escrita aos pais ou professores do 1º Ciclo. A minha opinião é que não nos podemos desresponsabilizar do nosso papel no processo de aprendizagem das crianças, que não se inicia no 1º Ciclo, mas muito antes. Temos que ser corajosas e intervenientes". A12 "...há opiniões diferentes em relação a quem se devem entregar as avaliações e em relação às grelhas de avaliação". A5 " A necessidade de avaliar, de ser autocrítica em relação á nossa acção educativa, de reflectir para melhorar e conhecer as crianças (...) é importante utilizar instrumentos para essa mesma avaliação e que devem ser diversos, bem como proceder à avaliação de uma forma contínua, periódica ou anual, para melhorar a prática educativa". A14 " A acção foi muito proveitosa, embora o tempo se tornou curto para o tema. Deveria haver outras sessões para concretizar melhor certas dúvidas que, penso que ainda ficaram, [embora] na globalidade foram focados todos os aspectos em relação ao tema avaliar". A11 "Foi importante reflectirmos na temática porque apesar de existir um consenso geral acerca do tema, levou-nos a discussão pelo questionamento do conteúdo daquele e chegou-se à conclusão de que mais uma vez é importante ter em linha de conta a diversidade dos educadores, das comunidades onde estamos inseridas, atenção/ sensibilidade como registamos a avaliação". A13 "...trocamos ideias sobre os métodos de avaliação, o que é muito importante para a realização do trabalho do dia a dia no jardim de infância". A2 "Ao confrontar-me com as questões sobre a [avaliação] pude verificar que não descurei grande parte dos itens. A minha grande lacuna foi em relação a quem serve a Avaliação. Não mencionei os pais pois ainda sinto um pouco de insegurança no que respeita a dar por escrito a avaliação/observação de comportamentos aos pais/encarregados de educação. Até que ponto os pais/encarregados de educação compreendem e aceitam o nosso parecer por escrito". A3 "Nesta sessão sobre a avaliação levou-me a reflectir em algumas questões sobre se a avaliação deverá ou não ser extensiva aos pais por escrito e se deverá ou não existir uma

	grelha comum ao Agrupamento. Questiono-me sobre esta questão pensando que para atender aos diferentes grupos etários não deverá ser igual crianças", assim como a avaliação aos pais deverá ser uma troca oral de informações e dar por escrito aos pais poderemos cair no erro de rotular as crianças".
--	---

**ANEXO V – DESCRITIVO DO PROCESSO DE TRABALHO EM GRUPO POR
UNIDADE DE ANÁLISE**

CONCEITOS	UNIDADES SIGNIFICATIVAS
Educação	
Currículo	GRUPO: [A6, A14, A3; A8, A7]-07/01/03 "identificamo-nos com a concepção de currículo de Alonso [pois este é um] instrumento do qual nos servimos visando as questões educativas fundamentais do porquê, para quê, como e quando. (...) consideramos que um currículo (...) deve obedecer (...) a um conjunto dos vários modelos ou a uma interacção das características dos vários modelos. Para nós a palavra – chave são currículo, instrumento, interacção, participação, colaboração, reflexão, clarificar competências" GRUPO: [A1; A4; A9; A12] "o currículo implica mudança. O termo currículo (...) Não deverá ser entendido na base de um programa a cumprir, mas sim, na interacção entre diferentes intervenientes onde a criança terá um papel preponderante e activo na sua formação e construção do saber (...) o currículo deverá ser uma resposta às necessidades e características de cada aluno, a classificação das capacidades e competências que pretendemos desenvolver seleccionando e organizando os conteúdos e métodos de acordo com as necessidades do meio e da própria criança, preparando-a para as necessidades da sociedade actual. Currículo deverá ser a base, o pilar de toda a acção educativa e deverá definir as finalidades da educação pretendida". GRUPO: [A2; A5; A10; A11; A13] LEITE "a abrangência de meios humanos e materiais que o processo educativo por si envolve, pressupõe necessariamente a mudança de concepção de currículo. O que se verifica na prática é uma inadaptação entre o conhecimento transmitido e o conhecimento que na realidade é funcional na sociedade actual. Este facto "leva a seleccionar e privilegiar conteúdos que em muitos casos, são inúteis ou não funcionais". ALONSO "o ponto fulcral será a articulação entre unidade/diversidade, projecto comum/ variabilidade (relativo ao projecto), complexidade, pluralismo da realidade e necessidades do meio onde estamos inseridos (Projecto educativo de Agrupamento/ Projecto curricular de estabelecimento agregado ao agrupamento), então currículo, necessariamente implica: processos participativos e colaborativos que nos permitem orientar as nossas práticas educativas. <u>Princípios educativos</u> (Reflectir/Questionar); <u>Necessidades e interesses dos alunos</u> (analisar/ diagnosticar) <u>Clarificar</u> (capacidades/competências); <u>Conteúdos com critérios de globalização e de relevância</u> (seleccionar/organizar). - optar por Metodologias (que estimulem a implicação activa dos alunos) processos investigativos, reflexivos e colaborativos; - diversificação de materiais - procurar estratégias adequadas par uma avaliação contínua e formativa para o processo curricular (...importância e reconhecimentos dos diferentes intervenientes no processo "no sentido de percebermos o Porquê e para quê se deve ensinar e aprender) Para Zabala currículo é um conjunto de ideias, conteúdos e das actuações educativas. Para ele currículo tem como base "projectos". Para Apple, o currículo é uma tradição selectiva, estando inserida dentro de uma organização cultural, política e económica". Segundo Roldão, o currículo está relacionado com o conjunto das aprendizagens que os alunos realizam, é identificado como um conjunto de orientações estabelecidas. O currículo integra a procura de respostas às diversas necessidades.

Áreas de Conteúdo	
Processos Educativos	GRUPO A [A1; A7; A8; A3] – 23/1/03 "...constatamos que nas nossas planificações sobressaem características do modelo técnico. Há algumas planificações que contemplam objectivos incluídos nos métodos social, outras consideram que estes aspectos estejam incluídos no currículo oculto. Todas concordam em que o modelo tradicional está implícito na forma como orientamos as actividades e tentamos transmitir conhecimentos às crianças que consideramos importantes". GRUPO B [A6; A9; A12; A13] "...concluimos que as nossas planificações estão inseridas no modelo técnico "levar o aluno a descobrir-se por si" e a "aprender fazendo". Também se incluem no modelo social ou de interacção social porque a criança tem toda a "liberdade" para executar as suas actividades: criatividade". GRUPO C [A2; A5; A4; A11] "...concluimos que independentemente do Projecto curricular a concretizar e/ou do grupo etário em questão as diferentes planificações assentam em diferentes processos educativos, porque em conformidade com a procura de optimização das aprendizagens "propostas" pelo educador. Predomina o método de interacção social, embora se tenha verificado que em grupos com um escalão etário mais elevado se recorra um pouco mais ao modelo técnico e em alguns casos ao modelo tradicional, quando existe necessidades em transmitir conhecimentos".
Educador	
Avaliação	

AVALIAÇÃO

	A QUEM SERVE?	O QUÊ?	QUEM?	COMO?	QUANDO?	PARA QUÊ?
A10	Educadora Criança	Trabalho directo com as crianças Relação com os pais Relação com o pessoal docente e discente	Crianças Educadora	Observar o comportamento das crianças Reflexão sobre o trabalho realizado e resultados obtidos	Sempre que necessário A planificação pressupõe uma prévia avaliação do trabalho realizado	Para alterar a nossa atitude perante as crianças e adaptar o nosso trabalho às realidades que nos vão surgindo
A9	Educadora Pais Prof. do 1.º Ciclo	Educadora Planos de trabalho Crianças (áreas de desenvolvimento)	Educadora Crianças	Observar a criança no seu dia a dia Provocar situações que levem a uma observação específica	Depois de conhecer e observar a criança durante um período de tempo	Para poder adaptar o trabalho às necessidades que vamos observando
A8	Crianças Educadora Restante pessoal Meio	Níveis de desenvolvimento Comportamentos	Educadora	Avaliar atendendo à especificidade de cada uma Observar com sensibilidade	Depois de uma observação atenta Depois de uma reflexão	Para a educadora poder reflectir Para a educadora ter consciência de cada criança em situação Instrumento de trabalho e ponto de partida para outras etapas
A14	Pais Crianças Educadora	O grupo Necessidades e capacidades segundo um projecto	Crianças Educadora	Registos individuais	Durante todas as actividades	Melhor conhecimento das necessidades de cada uma Para saber desenvolver melhor as capacidades de cada uma
A5	Todos os intervenientes da acção educativa	O trabalho desenvolvido Os projectos (se os objectivos foram atingidos)	Crianças Educadora	Observar através de registos de comportamentos Fichas	Durante o projecto e no final Dia a dia da criança	Melhorar o nosso trabalho Reflectir sobre o trabalho
A6	Educadora Pais Agrupamento	Comportamentos Expressões (linguísticas, gestual, gráfica e motora)		Registando situações Observando Comparando objectivos com comportamentos observados	Sempre que oportuno No final de cada período	Para ajudar a um maior conhecimento da criança Para registar tomadas de posição da educadora para com o grupo/criança Para ter a verdadeira noção da realidade Ter uma perspectiva correcta do

						desenvolvimento do trabalho
A 3	Educadora Crianças Parceiros Pais	Projectos Planificações "Medir" o desenvolvimento da criança	Educadora crianças	Registos Reflexão	Ao longo do ano	Podemos reflectir e possivelmente melhorar
A13	Educadora (avaliação do trabalho)	Imaginação Criatividade Empenho Comportamento e planificação)	Crianças Educadora Pessoal auxiliar	Observação Diálogo	Depois de conhecermos a criança e o grupo	Para verificarmos se os objectivos foram atingidos
A11	Educadora Crianças Comunidade educativa	Práticas pedagógicas	Grupo	Estratégias adequadas à colmatação do: processo Objectivos Resultados qualitativos	Continuamente Cada etapa do projecto Cada etapa do processo de aprendizagem	Como premissa de reformulação, potenciação e optimização do processo ensino/aprendizagem
A12	Educadora Pais	Crianças no seu todo (capacidades/ dificuldades)	Crianças	Observação Registo	Diariamente Registrar trimestralmente	Melhor conhecimento da criança Ajudar as crianças nas suas dificuldades
A7	Educadora Professora Pais	A criança no seu todo Comportamentos/ temperamentos Relações sociais Competências Dificuldades O nosso trabalho	Educadora Crianças	Observação Registos	Contínua Periódica	Melhor conhecimento da criança e para poder trabalhar a partir dela Conhecer os interesses das crianças
AS	Educador: grupo projectos Outros docentes: projecto educativo projecto curricular	Projectos Actividades	Educadora Crianças	Observação: casual Comportamentos Registos das crianças Actividades desenvolvidas	Quotidianamente e Formalmente no fim de cada trimestre	Para reflectir: Dar continuidade Não dar continuidade Nossa postura Motivação das crianças No interesse das actividades e/ ou projectos Para conhecer

ANEXO VI – ANÁLISE DAS PLANIFICAÇÕES DAS EDUCADORAS

PROCESSOS EDUCATIVOS/PLANIFICAÇÃO

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A5	Heterogéneo	Inverno/ Frio	Semanal			GEOGRAFIA .alteração/modificação da estação do Ano; .o frio que se faz sentir .alterações nas árvores .alterações nas nuvens FÍSICA .alterações das diferentes fases da água	LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . diálogo sobre a época . poesia . história dos bonecos de neve . dar um nome ao boneco EXPRESSIONE PLÁSTICA . decoração de uma árvore com algodão . modelagem de bonecos de neve DOMÍNIO DA MATEMÁTICA . puzzles boneco de neve		

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPE-TÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIA-ÇÃO
A4	Heterogéneo		Janeiro/ Fevereiro			BIOLOGIA Identificação do Corpo Humano .cabeça .braços-2 .pernas- 2 - A cabeça: .olhos; orelhas; boca; nariz,... .cabelo (curto/ comprido) ... - O tronco os membros (superiores/ inferiores)			

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPE-TÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A11	Homogéneo	Ambiente/ água - política dos 3 R' S - a água	1 semana		. registo de regras; . tentativas de vivência diária na escola	BIOLOGIA A importância da água para os seres vivos EDUCAÇÃO AMBIENTAL Separação dos lixos	LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . diálogo . histórias . canções EXPRESSION MOTORA . Jogos		

GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AValiação
A2	PROJECTO EDUCATIVO Educar para a Cidadania Sub-Temas (jardins de infância de V.) Solidariedade Culturas Defesa do Meio Ambiente INVERNO	15 dias		Amizade – (dar aos amigos material que temos a mais para as construções)	METEOROLOGIA Inverno/Água Frio, neve, saraiva, granizo, chuva FÍSICA Experiências: . fazer nuvens . diferentes estados da água ZOOLOGIA . animais de inverno BIOLOGIA . árvores de inverno	LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . histórias: . uma aventura de inverno . diálogo sobre a mudança da natureza . pequena história com sequência de 4 imagens DOMÍNIO DA MATEMÁTICA . Quando medimos . Quando pesamos EXPRESSÃO PLÁSTICA . construção de bonecos de neve com diferentes materiais EXPRESSÃO MUSICAL Canções de Inverno "cai neve" "A chuva é ping- ping" EXPRESSÃO DRAMÁTICA . mimar canções	. cartolina . barro . embalagem vazia de iogurte . outro material	

GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A7	Inverno	Janeiro	.Desenv. Linguístico (novos vocábulos) .Comunicação de expressões pessoais e sensações .Destreza Manual .Desenv. Estético .Desenv. da Memória, Atenção, e cooperação	. Comunicação de Experiências Pessoais e Sensações	GEOGRAFIA Conhecimentos dos fenómenos Meteorológicos (partindo da chuva, do frio, da geada e do vento que se fez sentir)	LINGUAGEM ORAL/ ESCRITA . histórias . poesias . diálogos sobre o tema . registos . emergência da Escrita EXP. PLÁSTICA . pinturas, . recortes . elaboração de um livro de Inverno MATEMÁTICA . sequências lógicas sobre a chuva . enfiamentos de esferóvite	Material de Desperdício . tecidos . algodão . botões	

GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPE- TÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIA- ÇÃO
A8	Sequência da Planificação Anterior: Dia de Reis		. Incentivar o gosto pela tradição . Desenv. o gosto pela freguesia . Desenv. a capacidade de memorização . Despertar o sentido estético . Desenv. da linguagem . Desenv. da motricidade fina/global . Desenv. o esquema corporal . Desenv. o respeito pelo outro		. Quadro do Tempo	EXPRESSIONE PLÁSTICA . fazer coroas de Reis . bonecos de neve . árvores de Inverno . desenhos com contornos de uma criança . roupas de Inverno EXPRESSIONE MUSICAL . canções dos reis . canções de Inverno LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . poesias . lengalengas EXPRESSIONE MOTORA . jogos		

GRUPO ETÁRIO	TEMA/PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A1		Janeiro/ Fevereiro	. desenv. da linguagem . desenv. do raciocínio . desenv. da capacidade de atenção	. Partir de uma adivinha que uma criança trouxe de casa . Participação dos pais e das crianças na transmissão de novas adivinhas		LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . ler adivinhas e poesias . exploração das rimas: chão/mão EXPRESSIONES MUSICAL . canções de roda EXPRESSIONES PLÁSTICA . elaboração de um pequeno livro de adivinhas e poesias		

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A 12		Tempo O Corpo Humano	Três Meses			GEOGRAFIA . O Tempo que faz . Estações do Ano . Vestuário BIOLOGIA . O Corpo Humano: . diferentes partes do corpo . os sentidos . características EDUCAÇÃO SEXUAL . diferenças entre homem/mulher EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE . higiene . alimentação	LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA oral	Família Visitas Meio Material de Desperdício	

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AValiação
A6		- Projecto Educativo do Agrupamento-Grupo - Espaços Educação para a Cidadania: Quem somos Onde vivemos	Janeiro/ Abril			A Descoberta de nós Mesmos EDUCAÇÃO SEXUAL - Quem Somos: rapazes/raparigas BIOLOGIA - Como Somos (o nosso corpo) Diferentes Estaturas: altos/baixos Fortes/Magros - Como Conhecemos as Coisas: Diferentes Sabores - Como nos Conhecemos: Sentido da visão (cores, formas, tamanhos...) Sentido do Tacto Sentido do Olfacto (diferenciação e verbalização dos cheiros)	MATEMÁTICA - noção de: forte/magro - alto/baixo - cor - forma - igual/diferente		

GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A9	Projecto Curricular de Agrupamento A Alimentação	Quinzenal			BIOLOGIA O Nosso Corpo . Como Somos (altos/baixos) . Os Sentidos . Noções Sensoriais (quente/frio) . Identificação das diferentes Partes do Corpo EDUCAÇÃO SEXUAL . diferença entre menino/menina	MATEMÁTICA . noção de alto/baixo . noção de esquerda/direita . noção de número . noção de conjunto		

GRUPO ETÁRIO	TEMA/PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A 13	O Ambiente . Os três R' S	Seis Meses	. sensibilizar a criança para os problemas do ambiente . dar a conhecer qual a importância da reciclagem, reutilizar e reduzir		EDUCAÇÃO AMBIENTAL . a importância do ambiente . Os Três R' S . Reciclar . Reutilizar . Reduzir . Visita ao Ecocentro . Visita à Lipor . Limpar e Separar o Lixo . Introdução de um Ecoponto dentro da Sala BIOLOGIA . execução de uma horta no recreio ASTRONOMIA . execução de um mini- planetário	LINGUAGEM ORAL/E. ESCRITA . leitura de imagens . histórias . poesias . lengalengas . trava-línguas EXPRESSÃO MUSICAL . canções EXPRESSÃO DRAMÁTICA . dramatizações EXPRESSÃO PLÁSTICA . execução de um placar com material de desperdício . execução de papel reciclado . execução de um móbile . execução de editais para divulgação		

GRUPO ETÁRIO	TEMA/PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AValiação
A3	Projecto curricular de agrupamento "Conhecer para Melhorar" · conhecer-se a si, aos outros e ao meio	Projecto Curricular de grupo ↓ · Planificações semanais feitas com as crianças		· Conhecer os outros · intercâmbio entre as quatro salas, (pois as crianças juntam-se no prolongamento) · intercâmbio com outros jardins de infância (crianças almoçam e partilham o mesmo prolongamento). · Visitas ao Meio	BIOLOGIA · Conhecimento do Corpo FÍSICA · Experiência com água: · Congelamento · Evaporação · Conhecimentos Sensoriais (de acordo com as Estações do Ano: quente; frio; gelado...) HISTÓRIA · Conhecimento das Profissões QUADROS: · Responsáveis · Presenças	EXPRESSIONE PLÁSTICA · construção de bonecos de neve, com diversos materiais enfiamentos com esferovite · recorte de cristais de neve · elaboração de trabalhos sobre o Carnaval (com outros materiais) EXPRESSIONE MUSICAL · canções de roda · ritmos LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA · vocábulos novos: inverno; gelo; derreter; geada; granizo; etc. DOMÍNIO DA MATEMÁTICA · Contagem EXPRESSIONE DRAMÁTICA · história de "A Bela Adormecida" · execução de fantasias de carnaval		Feita Semanalmente com as Crianças

GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSIONES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AValiação
A14	O papel do pai na família	quinzenal	- Valorizar a importância do pai - igualando à importância da mãe - Sensibilizar a criança para a colaboração do pai	- mudança de atitude para com o pai - solicitar mais a sua ajuda		EXPRESSIONE PLÁSTICA - elaboração de um presente para o pai EXPRESSIONE MOTORA - apertar os botões - abotoar os casacos		

	GRUPO ETÁRIO	TEMA/ PROJECTO	PERÍODO	COMPETÊNCIAS	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL	CONHECIMENTO DO MUNDO	EXPRESSÕES E COMUNICAÇÃO	RECURSOS	AVALIAÇÃO
A 10	Heterogéneo	A Reciclagem dos lixos	Semanal	. Sensibilizar as crianças para terem um planeta melhor: . a nível físico . melhor qualidade de vida . Promover o desenvolvimento global da criança . Desenvolvimento da linguagem . Conhecimento do mundo . Desenvolvimento da motricidade	. Consciência de si e dos outros . Evolução da criança no sentido duma maior maturidade . Aceitação dos outros . Capacidade de partilha	EDUCAÇÃO AMBIENTAL . Observação dos diferentes recipientes para o lixo no recreio . Separação dos lixos em recipientes de cores: . amarelo . verde . azul . Elaboração de um quadro com a identificação das cores e o lixo correspondente EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE . Alimentos que necessitam de frigorífico e os que não necessitam	LINGUAGEM ORAL/ E. ESCRITA . diálogo sobre o lixo . observação do mundo . lengalengas . histórias EXPRESSÃO PLÁSTICA . Elaboração de fantoches com as embalagens do leite . Elaboração de postais de natal . Execução do livro da história "O coelhinho branco", com material de desperdício . Elaboração de trabalhos de: . desenhos . colagem . pintura EXPRESSÃO DRAMÁTICA . Montagem de um supermercado com diferentes materiais trazidos pelas crianças DOMÍNIO DA MATEMÁTICA . Setação das embalagens de acordo	Educadora Auxiliar da Acção Educativa	

**ANEXO VII – SÍNTESE DESCRITIVA DAS SESSÕES /REGISTOS ESCRITOS
POR UNIDADES DE REGISTO**

CONCEITO DE EDUCAÇÃO

Saber	A7 "crescimento partilhado em todas as áreas (...) Autoconsciencializar-se das suas potencialidades e dificuldades (...) desenvolver nas crianças as capacidades existentes (...) Transmitir-lhe novos conhecimentos e novas emoções de uma forma integrada". p: 7 "... nós falamos na concepção de criança! Mas, a educação não se restringe apenas a esta faixa etária". p: 7 "... o problema é conhecer! (...) conhecer primeiramente a cultura deles e conhecê-la sem preconceitos..." p: 9 (...)"Nós tínhamos uma criança que até era demasiado inteligente para certas questões (...)"nós vamos à frente em todos os níveis. Tomara que alguém dos outros níveis chegasse às nossas ideias! (...) nós temos é que pensar nas crianças. Se tivermos consciência de que são as nossas crianças e se soubermos para quem vão os nossos meninos, quem vai ser a professora no ano seguinte, devemos (...) prepará-las minimamente para encararem e prepará-las para o que vão receber no ciclo seguinte..." p: 28 A6 "...é uma educação que está a crescer! (...) porque o conhecimento vai alargando, vai aumentando, vai tendo por base os conhecimentos anteriores". p: 1 (...) devo dispor a criança de uma forma natural e feliz para as aprendizagens, conhecimentos naqueles anos de jardim e futuramente (...) levar as crianças a crescerem e a desenvolverem as suas capacidades intelectuais, capacidades de conhecimento, capacidades (...) acima de tudo uma actividade de procura de saber (...) Levá-las a um auto-questionamento constante sobre as coisas e daí adquirirem as noções e evoluindo a si próprio p: 2 (...)"É potenciar todas as suas capacidades! É conhecê-la com todas as suas características!" p: 4 A2 "Educar será despertar o ser para o mundo que o rodeia. O Ser é igual a criança, é composta por inúmeras capacidades e competências (inatas), capacidades ou competências que é necessário estimular, valorizar, interiorizar..." A4 "É ajudar o outro a crescer e a desenvolver na sua globalidade". p: 4 A8 "É ajudar a desenvolver competências..." p: 4/5 A3 "Educar é levar a criança (...) a perceber conhecimentos e noções.p: 7 A11 "eu tenho a capacidade em perceber em termos generalizados, muito generalizados sobre filosofia, ciências (...) multiculturalismo, eu tenho uma ideia de que se trata (...) percebo minimamente..." p: 39 A12 "a minha filha tem um bocado de dificuldade em (...) tivesses entendido!" p: 24 A'2 "...um processo contínuo em espiral na vida de cada um, em especial a criança (...) aprender a conhecer" A'5 "A educação tem um novo sentido (...) com uma autoformação constante (...) de aprender a conhecer" A'6 "A educação deve (...) uma constante procura do saber"
Saber – Fazer	A7 "Evolução da criança em direcção à autonomia (...) educar no sentido de se atingir a autonomia da criança (...) é incentivo e estímulo do que a criança tem de positivo. Limite e domínio do que apresenta de negativo (...) Trata-se de educar para a concepção do erro (...) o autocontrolo..." p: 1 (...) integração significa adaptar, integrar no contexto onde esta se encontra inserida" p: 3 A6 "levar as crianças a crescerem e a desenvolverem (...) capacidades de experiências (...) levando à procura de respostas adequadas ao longo da vida. A5 "é levar a criança a uma adaptação ao meio social diferente, ao

	enriquecimento, á integração do seu "eu", da sua personalidade (...) com a partilha de experiências com vista a atingir determinados objectivos. No fundo permitindo trabalhar diferentes áreas de um modo adequado, promovendo o seu desenvolvimento" A2 "Inculcar hábitos de higiene e de saúde (...) são inerentes à nossa prática, pois fundamentam os alicerces de um bem estar físico e social da criança, a responsabilidade de cada educadora". p: 9 A4 "Educar é gostar daquilo que se faz (...) Quanto ao ultrapassar as dificuldades, ajudar a desenvolver as competências, (...) do desenvolvimento global e equilibrado das crianças". P5 A8 "Educar é formar "alguém" num todo. Construir a base de um futuro..." A3 "Educar é levar a criança (...) 'construção' e não 'transmissão de conhecimentos' ". p: 7 A11 "Eu acho uma estupidez é quando as crianças são destrás. Porque é que as crianças têm que escrever com a mão direita, quando elas são assim (...) o mesmo se passa (...) que mais faz a mim que a criança faça o O assim! Desde que ela faça e conheça o O e interprete o O, que mais me faz a mim (...) é mesmo isso! Desde que ele cumpra as regras, que me importa (...) como (...) a criança inicia a execução do O". p: 29 "...tenho um sobrinho (...) [que] não escreve como nós! Escreve ao contrário!". p: 30 A'2 "aprender a fazer (...). Não esquecendo a necessidade de higiene e alimentação" A7 "O homem não nasce cidadão, constroi-se. Quanto mais rica for essa construção (...)
Saber Viver Juntos	A7 "é no sentido de que a criança é activa, é membro e tem de ter uma participação activa na sociedade. Vai ter na sociedade que desempenhar o seu papel (...) estar atenta a todas as crianças e a cada uma das crianças para dar resposta adequada (...) Fazer com que ela se sinta capaz perante si e os outros, ouvi-la sempre que tenha necessidade. Transmitir-lhe segurança (...) conhecer primeiramente a cultura deles e conhecê-la sem preconceitos, pois se à partida achar que a minha cultura é a certa, eu é que faço bem (...) Se nós partimos (...) que o cigano (...) que a cultura dos ciganos tem montanhas de defeitos e que a cultura deles não tem pé nem cabeça vamos partir mal". p: 10 "a A8 também tem actualmente uma criança evangelista ou qualquer coisa assim!, (...) essa miúda não tem qualquer problema. Eu também já tive um evangélico e é assim (...) ser protestante de qualquer igreja, só tem o problema da Nossa Senhora, mas se também a Nossa Senhora for lá no meio se S. José não há problema nenhum. Os Jeovás é que são mais complicados! (...) não podemos fazer (...) é gozar com a situação (...) temos que respeitar (...) a colega da outra sala tinha uma menina que de cinco/seis (...) e (...) tinha pedido um requerimento para pedir adiamento, mas as professoras primárias que eram..." p: 22 "O pior é estimular o pensamento crítico nas crianças que vão para a escola primária!". p: 21 (...) ela nem era irrequieta sequer, nem malcriada, mas era demasiado interveniente, questionadora". p: 22 "...os nossos filhos, porque são nossos filhos já sabem alguma coisa (...) os filhos dos outros, porque são (...) dos outros não devemos ensinar". p: 29 "...os nossos filhos, porque são nossos filhos já sabem alguma coisa (...) os filhos dos outros, porque são (...) dos outros não devemos ensinar". p: 29 A6 "Levar as crianças a conhecerem-se e a conhecerem os outros, outras

	crianças, outros adultos, outras pessoas (...) os meninos tomam consciência da diversidade de opções religiosas". p: 11 "...o menino falava o que ele queria. Ele era impecável! Sentado no colo ele enroscava-se de uma maneira (...) ele ouvia, ele percebia, ele falava (mal, um bocadinho mal, pois não tinha um desenvolvimento normal para a idade dele, mas a criança tinha aquela vontade de comunicar, ele percebia (...) a criança era um espectáculo. Um espectáculo de miúdo! Atraso sim! Tinha um certo atraso até de estimulação, (...) precisava de terapia da fala, (...) se calhar o que ele precisava muito era de um apoio." p:21 [as professoras do 1.º ciclo] "Não os podemos suportar! Eles são extremamente irrequietos! Não os podemos aturar! Nada lhes agrada! Tudo os chateia!" p:22 "Mas, os meninos no ciclo têm que se calar e ouvir! (...) por isso é que não é possível haver consenso. Não conseguem dar a volta a isto! (...) é uma coisa enfadonha. A escola para algumas crianças não lhes diz nada! (...) se a criança diz qualquer coisa (...) a gente pensa duas vezes. E, eu tenho a humildade para dizer que tem razão e depois dou-lhe um beijo..." p:23 "Mas, esse tipo de atitudes eles não vão encontrar mais! (...) eles têm a razão deles, porque é diferente da nossa! E, às vezes temos situações que nós não vemos! Não vemos a parte deles! (...) temos muita coisa que fazer e se eles, (...) costuma dar resultado (...) é pôr os mais velhos com responsabilidade (...) ajuda muito! (...) os mais velhos até explicam melhor que nós aos mais pequenitos. É uma coisa que funciona muito bem e atendem muito melhor do que se fosse a própria educadora (...) as crianças tornam-se muito colaboradoras....". p:24 A2 "desenvolver interagindo com o outro (...) nós estamos a formar para a vida..." p: 7 A4 "É paixão pelas crianças ou pelo outro..." p: 4 (...) Há diferentes níveis e há até casos bem complicados!". p: 20 A8 "Dar um exemplo de humanidade e honestidade. (...) Ajudar aqueles que devido a diversos factores tanto de ordem física como psicológica requerem mais atenção, compreensão e disponibilidade. Sensibilizar os pais de forma sensata sobre alguns dos meios para educar/respeitar os filhos." P: 4/5 A1 "Estar atenta e muito observadora. (...) Deixar a criança ser criança". p: 5 A1 "no meu Meio é totalmente diferente!". p: 39 "... às vezes as pessoas mais simples são as mais fáceis de contentar! (...) às vezes os pais muito cultos não conseguem ver! Aqueles, se calhar vêm de uma maneira mais simples e vêm melhor!". p: 41 A3 "É dialogar e proceder à gestão de conflitos. É respeitar os outros P: 7 "No meu jardim de infância os deficientes tem uma educadora, pois há uma educadora colocada em cada sala. Mas, há algumas câmaras que vêm esses trabalhos muito complicado e para além da educadora e da auxiliar colocam uma tarefa para apoiar o pessoal na hora do almoço (...) Mas, essa tarefa é só para aquela criança! p: 19 " É uma criança que ainda não chegaram à conclusão qual é o verdadeiro problema dela." p: 19 "Não se sabe ainda muito bem se a criança é autista (...) Ela na sala não está um minuto quieta. Corre dentro-fora. Corre sempre tudo! (...) com a mãe ela não sai de casa porque a mãe não vai a andar a correr (...) ele dá a mão à mãe e vai na rua direito! A11 "...aborda-se a interculturalidade. É preciso (...) começa a aparecer em diversos locais. O respeito pelos outros enquanto ser (...) pela sua cultura..." p: 9 A11" [os pais] são pessoas com o mesmo grau académico que nós!" A12" "Eu tive um miúdo hiperactivo e com a mãe fazia gato-sapato e aqui andava direito!" p: 20 (...) ela foi queixar-se à directora de turma, porque na verdade a
--	---

	professora não pode ser assim. Ela tem que explicar quando o aluno não entende". p: 24 A'1 "respeitar, compreender, amar quem nela confia e tudo faz para a ajudar a crescer" A'2 "aprender a viver juntos (...) tendo sempre em conta a multiculturalidade (...) e valores para a vida em sociedade". A'5 "valorização dos outros, com um sentido global (...) o respeito pelas suas opções (...) a viver juntos" A'7 "Quanto mais rica for essa construção, melhor se viverá e conviverá amanhã". A'7 "E, às Entidades e às professoras (...) para pedirem o adiamento de uma criança (...) para conseguir isso com as entidades! (...) Mas, estamos a prepará-los! (...) se calhar é mais fácil a nós prepará-los para o 1.º ciclo" p: 16
Saber Ser	A7 "Proporcionar o enriquecimento do conhecimento em simultâneo com os valores (...) esforçar-me para que amanhã a sociedade que ajudei a construir seja melhor que a de hoje (...) no Porto devia estar lá uma mãe para lutar pelos seus direitos. Se ela ficasse no jardim de infância perdia todas as terapias (...) quantas visitas essas equipas têm feito? (...) imagina a responsabilidade desta gente! Estão num cargo de responsabilidade e podia-se estar a marimbar com a criancinha p: 18 (...) ninguém te ia lá perguntar o que é que estavas a fazer com a criança. (...) só estive lá dois dias na escola primária! (...) Não queremos a menina aqui! Arranje-se! Arranje os papéis e assine! Não queremos aqui a menina! veio de 'requitó' outra vez para o Jardim, (...) mandaram a criancinha de 'avião' p: 21 a professora pura e simplesmente não a suportava (...) p: 22 às vezes também dou um raspanete a um garoto de forma injusta. Sou um bocado impulsiva e digo: _ Seu pateta! Então tu foste fazer uma coisa destas! Mas, depois a criança tem abertura suficiente para dizer: _ Não, eu não fiz isso!". p: 23 (...) A6 "Levar as crianças a conhecerem-se a si próprias." P: 2 A5 "É desenvolver na criança a auto-estima..." A2 "Este despertar vai estar presente nas diferentes fases de desenvolvimento de cada um". p: 3 "Dar a mão é no sentido de apoiar o quanto baste para a criança crescer e desenvolver. Não é fazer nada por ela, (...) apoiá-la neste percurso, para a criança prosseguir a sua caminhada". p: 6 A4 "Educar é algo de nós que se dá a alguém. Estas competências podem ser adquiridas ou estão de tal forma intrínsecas no educador que nós damos sem nos apercebermos porque gostamos daqueles a quem nos é permitido educar (...) quando falamos em honestidade/responsabilidade, estamos pois a falar de valores. A8 "Desenvolver o sentido da responsabilidade. (...) Ser amigo. A individualização no trabalho com as crianças". p: 4/5 A1 "Educação é para mim o respeito pela individualidade de cada pessoa, ajudar a crescer e ajudar a conhecer-se. É conhecer a alma da criança (...) Dar a mão na caminhada (...) Responsabilidade e vocação (...) queriam que eu andasse a rotular os meninos!". p: 21 A12 "a minha filha que anda no 9.º ano (...) a professora mandou-a para a rua (...) simplesmente a professora disse: _O problema é meu! Eu é que sei porque te mando para a rua". p: 23" A'1 "... contribuir, ajudar, a tornar as crianças pessoas mais felizes, que um dia formarão este mundo melhor! (...) ser pessoa, na sua dignidade, individualidade".

	A'5 "A educação tem (...) novos valores (...) valorização (...) o indivíduo de cada um, (...) a aprender a ser". A'6 "saber conhecer o que fomos, o que somos e aquilo que a sociedade nos levará a ser (...), um desafio estimulante".
--	---

CONCEITO DE CURRÍCULO

Técnico	A1 "Para mim não foi nada complicado! Eu até me dou bem com a mãe dele, porque ela simplesmente naquelas alturas não trazia o menino à escola! (...) Não fui eu que impus! Ela própria fazia isso!" p: 10 "Não fazia nada! (...) (...) ou ia para outro canto qualquer! Já não precisava de pintar! (...) o facto da criança não ir para o jardim é opção dos pais (...) o facto dos pais não deixarem as crianças muitas vezes ir é para que eles não ouçam, pois sabem que os meninos ouvem e o facto de estarem a fazer, a falar sobre as coisas, os meninos acabam por se aperceber e nós não deixamos de fazer por o menino estar lá! (...) o melhor é não deixar ir!" p: 11 "O que me espanta é que já se fazia isso [ensino especial] no ano em que estive em (...) já para aí uns cinco, ou seis anos. Continua tudo na mesma!" p: 18 A7 "se calhar é mais fácil a nós prepará-los para o 1.º ciclo. Se formos teimosos e não ensinarmos isto aos meninos, porque não tem jeito nenhum ensinar isto aos meninos, as crianças chegam a Setembro e (...) eles precisavam de saber e eles apanham no 'nariz' (...) porque não fomos flexíveis..." p: 27 (...) quando chegam no primeiro dia de aulas (...) recebem uma folha A4 de linhas para escrever o nome dele inteiro e completo a manuscrito numa folha de cima abaixo". p: 28 A7 "as outras actividades que eu tento atingir determinadas competências (...) já tenho necessidade de planificar para não me perder. Eu não vou andar um mês sem ter nada de objectivo para trabalhar " p: 36 A4 "...nestes aspectos acho que sou tradicional (...) "Eu fui um bocadinho Técnicoista no meu projecto (...) após ter olhado para isto incluo-me neste modelo pois trabalhei apenas com as crianças e comigo própria. (...) Enquadra-se mais na Perspectiva Técnicoista". p: 35 A2 "Se for o contrário e que comece pelas letras já irá ser mais difícil". p: 30 (...) Para as crianças adquirirem conhecimentos, temos que transmitir-lhes..." p: 34 A14 "É como os métodos que utilizam as palavras muito 'abêbezadas', que não fazem parte do vocabulário deles". p: 34 A3 "...os pais estão preocupados se ensinam a matemática (...) os trabalhos (...) se já sabem fazer o nome deles, porque vão para a escola! Eles vão para a escola sem fazer nenhum trabalho, sem fazer nada!" p: 39
Prático	A7 "mas, isso não está certo!" p: 10 "Não, ele não ia a ficar a olhar para o balão! (...) ele próprio tinha uma educação tão enraizada, já com quatro anos que quando eu pegasse num trabalho de natal, ele levantava-se direitinho e sabia que eu não dizia nada e, deixava o grupo e levantava-se, pegava na caixinha dos legos e ia sentar-se, o que facilitava, pois, ele próprio sabia (...) tu queres contar a história de Jesus e tu sabias que ias estar contra os princípios que aquela mãe queria (...) "Mas, assim está muito limitado!" p: 12 "...temos de tentar e trabalhar nesse sentido (...) eles podiam achar isso uma delícia! (...) se calhar era mais interessante do que fosse a própria professora a cantar os parabéns!" p: 13 "Eu achava bem que a criança viesse para que ela fizesse e fizesse essa coisa ou outra coisa qualquer". p: 14 "E, não devia colidir muito, pois o que ouvia num lado acabava por ouvir no outro. A não ser que houvesse muitas proibições, (...) também há cortejos. Tanto dá chamar procissão como cortejo. Vai dar ao mesmo. A criança desde que fosse a cantar qual era o problema? (...) aos Pais e não só! P: 27 (...) "Se acontece e eu até gosto, desde que tenham capacidades de escrever o nome deles a manuscrito e, se eles conseguem pois devem andar para a frente e não devem estar parados

	(...) porque acontece que as crianças até Junho fazem desenhos, brincam, saltam, pulam, escrevem o nome deles à máquina (...) p: 28 "O que na verdade acontece é que não podemos adiantar a criança, nem travar a evolução da criança, nesta fase". p: 29 A7 "eu penso que nós no nosso quotidiano fazemos uma mistura de modelos. Vamos buscar um bocado de cada lado, inclusivamente no Projecto Curricular de Turma é uma mistura de Modelos (...) Há aqui uma coisa que aqui fala e que eu nem sequer considero na planificação, pois para mim são inerentes (...) a transmissão de valores! Eu nunca ponho na minha planificação (...) como ajudar os meninos a serem amigos, pois (...) isto é básico". p: 35 "...eu valorizo isso de tal forma que para mim os valores são fundamentais e por isso não os escrevo (...) nem que eu não faça nada num dia, isso faço sempre (...) Mas, eu não escrevo e (...) pode-se perguntar: _Não tenho sensibilidade para isso? Fala aqui nas tecnologias (...) passei a tarde no computador e (...) não pus isso na planificação e isto é básico como todas as tarefas que eu tenho que desenvolver". p: 36 A12 "ele tinha que estar integrado no grupo!". p: 10 A2 "Mas, em vez de Chamar Nossa Senhora pode chamar Maria, porque o nome é Maria!". p: 16 "...há crianças que vão aprender por variadíssimos métodos: o global, o método das vinte e oito palavras, (...) só no final do segundo ano é que as crianças conseguem ler e identificar palavras e se (...) o professor adoptar o método global, para o professor vai ser mais fácil." p30 (...) Mas, eu acho (...) que é preciso um bocado de bom senso e buscar um pouco de cada modelo. Há coisas que é o modelo Tradicional, haverá outra que será o Modelo Crítico." p: 35 A6 "Quando a criança não tem Pai, ela é quem sabe a quem deve dar! [a prenda] Ao Avô, (...) eu já tive uma miúda que não tinha Pai e levava para o Avô (...) Mas, a criança pode fazer a prenda e dar ao avô (...) porque lhes escondem a realidade!" p: 15 A5 "O melhor seria a mesma professora para os quatro anos seguidos. Se for uma professora durante um ano e outra no ano seguinte e ainda por cima outro método, as crianças nunca mais chegam lá!". p: 30 A11 "Por vezes, pensamos que está implícito e que é suficiente. (...) mas, não é suficiente porque (...) as pessoas com o mesmo grau académico que eu, não vinham perguntar como é que eu ensino a matemática. Nós não ensinamos matemática. Eu não ensino matemática! P: 38 A11 "mas existe uma diferença, uma inadequação entre a mudança de ciclos, do jardim de infância para o outro seguinte, o primeiro ciclo e sucessivamente": P26 A'6 "levaram-me a descobrir que hoje ainda existe uma mistura destes modelos nas nossas práticas curriculares, pois nem todas as suas competências estão totalmente erradas, mas sim necessitadas de uma maior ponderação e lapidação"...
Sócio- Crítico	A1 "hoje a realidade começa a ser diversificada. Temos meninos de outras culturas, formações, opções religiosas (...) vem sempre interferir na dinâmica da sala. A8 "tive que explicar aos pais que não podia pôr o menino de parte nessas alturas e por isso ela fazia na mesma. (...) eu expliquei aos pais que o objectivo seria fazer aquilo como podia estar a fazer uma outra coisa qualquer, ou em qualquer altura!" p: 10 "Ele até pode não levar nada para casa naquele dia. Pode fazer o trabalho, acabá-lo e levá-lo noutro dia qualquer e os pais acham bem!" p: 14 "Houve uma ano na escola, que uma mãe referiu que nunca se respeitava a igreja dela. Por

isso ficavam admiradas com certas histórias da Bíblia, e deram-lhe uma dessas para ler. Isso foi há bastante tempo! Depois até me ofereceram um livro". p: 15 "E, devemos! Porque devemos enquadrá-los na continuidade educativa!" p: 27

A6 "Fica com quebras nesse sentido! (...) quando é que os outros conhecem a cultura deles? (...) é haver um intercâmbio!" p: 12 "Hoje em dia vemos pessoas muito atrapalhadas e nos pedem quando for altura do dia do Pai, as avisem ou as lembrem para que as crianças não venham para o jardim, (...) a própria criança e também os outros tem que aceitar que as famílias (...) pois as famílias estão a sofrer alterações (...) eu este ano tenho no jardim imensas crianças sem pais de famílias. São divorciados (...) mas, por vezes não têm consciência disso. Não têm consciência da situação da família (...) É aluno. Às vezes, o melhor e preferível que a criança se aperceba e enfrente a realidade do que..." p: 15 "... mas, assim quando mais tarde optar, opta conscientemente". p: 16

A4 "...dar a conhecer as tradições deles, pois eu acho que é muito importante. Dar a conhecer a todos! (...) e também com a própria criança!" p: 12 "Eu pergunto sempre à criança a quem é que ela quer oferecer! (...) Mas, essas têm Pais! (...) Quando era no Natal, as crianças de outras religiões não eram privilegiadas sobre a igreja delas..." p: 15 (...) nestes (...) considero que sou crítica". (...) Não fui para o Meio e como o Modelo Sócio-Crítico p: 34 (...) se calhar a minha planificação não seria tão correcta".

A2 "Se não temos esses hábitos, não devemos por isso culpabilizá-los por não terem princípios (...) eu sei que ele está a fazer aquilo porque na cultura deles (...) e isso ninguém leva a mal!" p: 12 "...o meu amigo até faz! (...) seria óptimo que no início do ano lectivo os pais viessem ter connosco e nos informassem sobre as suas opções religiosas..." p: 14

A7 "...quando estamos a fazer alguma coisa, devemos pensar em tudo". p: 34

A5 "Devemos perguntar de quem a criança gosta como se fosse Pai e a criança deve entregar a prenda a essa pessoa. Ela é que escolhe". p: 15

A11 "Além dos saltos serem grandes, [as férias] há também e nós podemos constatar que para além dos saltos serem grandes (...) falta a tal interdisciplinaridade (...) entre os vários ciclos e a tal articulação, o tal diálogo entre 'uns' e 'outros'. (...) mesmo o professor do ensino primário (...) seja uma pessoa que gosta de investigar e tenha todas as coisas positivas (...) se não lutar connosco (...) se não estiver dentro daquilo que estamos a fazer, se não souberem os perfis (...) de desenvolvimento de cada um dos nossos alunos, muito dificilmente ele vai conseguir articular depois com os projectos deles..." p: 26 "Isso é a intercomunicabilidade! A Intercomunicabilidade que devia existir entre ciclos!" p: 27 "A escola tem de vir a nós! (...) não passa apenas por uma flexibilidade nossa (...) Passa também para [que] as professoras do ciclo seguinte (...) tenham mais abertura e percebam a dinâmica do jardim de infância para lhe darem continuidade. (...) Podemos fazer de forma positiva (...) a flexibilidade não é vista do ponto de vista negativo (...) ela deve ser vista flexibilizada e positiva entre os dois ensin..." p: 28/29

A11 "é o tal currículo oculto! (...) Quando eu falo em actividades orientadas, isto é importante, pois neste aspecto confronta-se o papel do adulto e da criança nesta orientação. (...) Eu não as promovo! Eu não tenho um papel interventivo! (...) não quer dizer que muito pontualmente eu não possa sugerir alguma actividade, mas é sempre gerido pela criança (...) temos que estar particularmente atentas na forma como colocamos as coisas no papel" (...) como é que eu posso tornar visível sem ser através da postura do aluno? (...) De vez em quando 'fazemos matemática'.

	Aprendemos! Fazemos! Escrevemos histórias! Também isso de dizer que aqui não ensinamos nada" Aprendemos! Fazemos! Fazemos com os 'putos' (...) matemática! Às vezes, escrevemos histórias...." p: 38 (...) se eu estiver num projecto e se todas nós planificamos, trabalhamos e dentro desta planificação decorre um projecto (...) eu não me preocupo com [as festas] (...) se eu estiver a viver aquele projecto eu planifico teoricamente (...) planifico com eles. (...) Eu vou investir no projecto que se está a viver naquele momento. É claro que eu faço umas coisas para (...), mas se eles me chamarem à atenção!" A11 "Eu só vou descodificar esses currículo e questionar-me, se eu tiver competência para questionar (...) porque pode acontecer que quando eu confronto com alguém e me faz despertar a esse nível, porque senão eu continuo a trabalhar (...)" A'2 "o [grupo] foi unanime que nos tempos que correm a própria abrangência de meios humanos e materiais que o processo educativo por si envolve, pressupõe necessariamente a mudança de concepções de currículo. Foi possível reflectirmos (...) [sobre] a nossa postura como profissionais nos tempos de hoje". A'5 "A concepção de currículo varia perante os objectivos e a orientação educativa pretendida para a educação, essa mesma concepção poderá implicar metodologias a aplicar diversificadas. (...) criar um modelo mais abrangente, que respeite a criança no seu todo". A'6 "Desta forma é necessário reflectir continuamente e alargar o âmbito do currículo tornando-o mais abrangente e um instrumento de trabalho a partir do qual é conjugado com os vectores como o grupo, o meio, etc. (...) poderá ser sempre ajustado às realidades." A'11 "...consciencialização e reconsciencialização do papel crucial do educador com base na sua postura face ao sector em que está profissionalizado, e sua grande importância na estruturação do corpo social humano – numa palavra: a estruturação de uma sociedade que se quer globalizante mas respeitadora do que é matriz em cada uma delas". A'13 "o modelo que nos interessa é o modelo social".
--	--

ÁREAS DE CONTEÚDO/PROCESSOS EDUCATIVOS/PLANIFICAÇÃO

Formação Pessoal e Social	e	A7 “Eu não mencionei a Área da Formação Pessoal e Social e ela é trabalhada continuamente “. p: 33 A7 “...no meu caso eu valorizo isso de tal forma (...) os valores são fundamentais e que por isso não escrevo (...) nem que eu não faça nada num dia, isso faço sempre (...) as outras actividades que eu tento atingir determinadas competências (...) já tenho necessidade de planificar para não me perder. Eu não vou andar um mês inteiro sem ter nada de objectivo para trabalhar (...) mas. Eu não escrevo (...) fala aqui nas tecnologias (...) passei a tarde no computador e vê lá não pus na minha planificação e isto é básico, como todas as tarefas que tenho que desenvolver”. p: 36 A’13 “Na Área da Formação Pessoal e Social não tinha referido as estratégias, talvez porque me sentia um pouco confusa na selecção das mesmas (...) fiquei esclarecida A’5 “...na Formação Pessoal e Social pode ser (...) respeitar as regras (...)”. p: 33
Expressões Comunicação	e	
Conhecimento do Mundo	do	A7 “A História pode ser (...) recente, a pré-história (...) dentro deste projecto pode ser...” p: 33 A6 “Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,...”p: 33 A4 “....a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia...” p: 33 A6 “Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,...” p: 33 A4 “....a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia” p: 33

PAPEL DO EDUCADOR

Construtor de Currículo	A7 " (...) nessa horita ou duas, tu até podias estar a sorrir para o menino, põ-lo com um laçarote na cabeça. A educadora de apoio sala e tu enfiava-la de novo na..." p: 19 (...) "...se a professora for muito 'ditadora' devemos preparar os meninos, para serem muito sossegadinhos, para falarem mais baixinho, agora não podem falar tanto, (...) Não quer dizer que (...) concorde com isso (...) p: 28 (...) eles brincam (...) nós ensinamos tudo a brincar e que as brincadeiras que fazemos na sala com eles que nos custa muitas horas de trabalho! Frisamos sempre esse ponto (...) na ideia deles e para quem está de fora a ideia que têm é que 'coitadinhas', elas vestem uma bata, brincam um bocadinho com os meninos e passam o tempinho". p: 39 (...) A2 " O papel do educador é um trabalho dinâmico" p: 36 A6 "se nós andamos sempre a saltar de um lado para o outro (...) ficamos completamente..." p: 9 A12 "A mim também me criticaram o meu trabalho" p: 19 "Trabalhar sozinha é complicado! É por isso que podemos falhar! Escapam-se-nos algumas coisas" p: 25 A11 "a Área da Formação Pessoal e Social e ela é trabalhada continuamente (...) A História pode ser (...) recente, a pré-história (...) dentro deste projecto pode ser..." p: 33 A6 "Nesta Área do Conhecimento do Mundo pode-se falar de História, Biologia, Física, Química,..." p: 33 A4 "....a chuva, a neve (...) pode-se enquadrar na Meteorologia (...) Nós vamos fazer a planificação de todas. Vamos completar este e depois passamos para outra..." p: 33 A'1- "Como educadora valorizo e preocupo-me muito com o criar e propiciar um ambiente afectivo e alegre para as crianças, onde elas se sintam à vontade e felizes [pois] só assim, se poderão desenvolver harmoniosamente e crescerem saudáveis física e psicologicamente. (...) A realização de projectos é um dos aspectos onde não me sinto muito à vontade, pois custa-me um pouco fazê-los. A'2 "- "Uma das minhas preocupações diárias é procurar abarcar todo o grupo no geral e cada criança no particular. Para o conseguir procuro acima de tudo ser flexível, sensível e usar sempre o bom senso. (...) coordenar projectos com ideias/ interesses das crianças no seu dia a dia, atender às necessidades de forma que as potencialidades de cada criança sejam desenvolvidas e aumente a sua auto-estima e confiança. A'5 "Tem que ter em conta o meio onde está inserido, (o que se torna um pouco difícil pois de ano para ano "saltita" de uma comunidade para outra) A'12 "valorizo (...) um bom ambiente na sala tanto em relação às crianças A'9 "...o que se torna mais difícil para mim é coordenar o projecto Agrupamento com o projecto de grupo, no que diz respeito à organização do projecto curricular" A'13 "Todo o trabalho do educador deve ter como base um ambiente acolhedor e seguro na sala. A'8 "...sinto necessidade de criar na sala um bom ambiente de harmonia, acolhedora e alguma disciplina, pois penso que o ambiente da sala é muito importante para o sucesso das actividades. A'7 "... considero que tenho presentes todos os itens que caracterizam o papel da educadora, apesar de ser um pouco directiva, sem deixar de respeitar as iniciativas e o ritmo de cada criança A'10 "No início do ano lectivo preocupo-me um pouco com a organização da sala. (...) que seja acolhedora, mas que tenha só o mínimo, porque penso que a montagem da sala deve surgir ao longo do ano com o trabalho que vai surgindo com as crianças.
Planificação/Registo e Avaliação	A7 "...uma coisa que devemos fazer e de uma forma simples, mas profissional (...) sobretudo para este tipo de pais é informá-los sobre o que se faz no jardim de infância, porque é natural que quem nunca andou num jardim de infância (...) não sabe o que se faz num jardim de infância, nem (...) imagina o que é (...) pensa que é uma sala muito gira onde os meninos brincam e mais nada (...) Se nós formos explicando aos pais para eles perceberem o que se faz " p: 39 A'1 "A observação cuidada e permanente permite-me conhecer melhor as crianças e responder às suas necessidades, desejos, medos e preocupações". A'5 "O educador deve (...) observar para a partir daí planificar, atendendo às necessidades das crianças, ajudando a desenvolver as suas potencialidades. (...) Será que atingimos exactamente o que se pretendia, que os objectivos foram conseguidos". A'12 "No que sinto mais dificuldade é em registar o que se passa no dia a dia e a evolução que as crianças vão tendo, o que me dificulta depois a nível das avaliações das crianças". A'3 "Pessoalmente considero importante planificar, observar, avaliar entre outros. (...) "Na prática tenho falhas no registar, pois nem sempre conseguimos quando

trabalhamos sozinhas registar situações que consideramos importantes..."

A'13 "A observação é um ponto muito importante que deve estar sempre presente, depois vem (...) o registo da observação. (...) "Sinto mais dificuldade no planificar e no trabalho administrativo".

A'8 "os registos feitos pelas crianças são um "documento" interessante para uma certa avaliação. Observar as crianças tanto na sala como fora dela é também um importante instrumento de trabalho para mim".

"A minha dificuldade maior reside em coordenar os projectos e registá-los em papel devidamente sintetizados".

A'6- "É preciso saber actuar para desta forma poder estar atento às particularidades de cada criança". (...) o meu papel ao nível dos registos é para mim muito difícil, pois aquilo que observo como importante acontece rapidamente e com o intuito de nada perder não escrevo (...) quando me proponho a escrever ou já não me lembro textualmente das palavras e por vezes nem dos contextos onde surgiu a avaliação.

A'14 "o meu ponto fraco nesse aspecto relaciona-se com os registos e o trabalho administrativo".

A'11 "A diversidade de educandos e de educadores remete-nos para um trabalho sempre atento, contínuo e renovado (...) os aspectos do registo, da observação, da avaliação e reflexão".

A'7 "apenas o registo das observações me falha frequentemente, embora dê muita atenção a cada criança e às suas atitudes, depois não passo à escrita".

A'10 "A minha principal prioridade é a de ajudar a criança a desenvolver as suas potencialidades (...) tento dar o meu melhor. Preocupo-me em observar e avaliar o trabalho feito para partir para planificações cada vez mais ajustadas á realidade que tenho (...)

A'8 "Relativamente ao espírito crítico, realmente não acontece apenas nas escolas da primária ciclo".

A'3 "vai-se observando (...) Ele é muito inteligente!" p: 19

A' "Agora, tu queres convencer uma mãe em que a criança precisa de mais de um ano no jardim de infância (...) a mãe coitadinha tem de convencer-se, convencer o pai, convencer a avó a tia, (...) pois tudo isto às vezes é complicado pois passa pela família toda, pois todos dão opinião" p: 17 (...)"E, se tu apanhas uma criança (...) como quando a educadora pegou no processo do aluno (...) olhou para ele e disse: _eu tenho um super-herói! Quando a criança coitada, andava com muita dificuldade, melhorando depois de ser operada ao coração e não dizia a não ser meia dúzia de palavras e atirava tudo pelo ar e não fazia rigorosamente nada. Foi pegar naquele processo e ignorá-lo simplesmente!" p: 20/21

A2 "neste processo não se respeita a criança, o seu ritmo ou o seu desenvolvimento. " p: 17

A6 "Mas, quando eu cheguei este ano ao (...) eu tinha um caso de uma criança de cinco anos e eu li o relatório antes de conhecer a educadora que vinha dar o apoio e antes de conhecer o miúdo. Eu achei-o um espectáculo! Ele era fantástico! (...) quando eu li o relatório até disse à colega: - Não sei se este relatório (...) se não houve alguma alteração do nome, ou de qualquer problema, porque isto não coincide nada com esta criança, que eu tenho aqui! Pelo menos pelo que eu conheço! Pouco sei desta área, mas acho que não tem nada a haver uma coisa com a outra. E, realmente viul" p: 21

A5 "Eles andam ansiosos pela festa (...)

A1 (...) acho que eles agora são tão meigos (...) dizem: - oh professorinha! Eles dão beijos, eles agarram-se (...) " (...) os meus também me chamam de professorinha!" p: 40

A11 "estou a achar que eles estão num ritmo de desenvolvimento espectacular! (...) p: 39/40

A'1 "a avaliação é importante e faço-o quase diariamente.

A'5 "Uma outra dificuldade é a avaliação, a partir de registos de comportamentos e actividades, e complementar com observações e reflectir sobre o trabalho desenvolvido. Será que atingimos exactamente o que se pretendia, que os objectivos foram conseguidos".

A'12 "No que sinto mais dificuldade é em registar o que se passa no dia a dia e a evolução que as crianças vão tendo, o que me dificulta depois a nível das avaliações das crianças".

A'9 "Em relação à avaliação o que se torna mais difícil é realçar apenas os aspectos positivos das crianças, quando se nota que apresentam algumas dificuldades em diferentes áreas".

A'3 "Todos os papeis do educador são considerados importantes. Há no entanto alguns que na prática passam mais ao de leve do que os outros. Pessoalmente considero importante (...) observar, avaliar entre outros.

A'4 "Procuro fazer uma avaliação construtiva. Faço uma reflexão constante em todo o acto educativo". "Tenho alguma dificuldade em avaliar, embora registe diariamente, perco-me na avaliação. Procuro sempre uma avaliação construtiva e qualitativa".

A'6 "É preciso saber actuar para desta forma poder estar atento às particularidades de cada criança". (...) o meu papel ao nível dos registos é para mim muito difícil, pois aquilo que observo como importante acontece rapidamente e com o intuito de

	nada perder não escrevo (...) quando me proponho a escrever ou já não me lembro textualmente das palavras e por vezes nem dos contextos onde surgiu a avaliação. Fico apenas com a ideia no geral". A'7 "... considero que tenho presentes todos os itens que caracterizam o papel da educadora, apesar de ser um pouco directiva, sem deixar de respeitar as iniciativas e o ritmo de cada criança (...) apenas o registo das observações me falha frequentemente, embora dê muita atenção a cada criança e às suas atitudes, depois não passo à escrita". A'1 "as professoras do primeiro ciclo perguntam sempre: _ Falam bem? (...) queriam que eu andasse a rotular os meninos!" p: 21 A'3 Não sei bem qual é o problema da criança (...) vai-se observando (...) com a mãe faz tudo (...) não sei se a mãe lhe bate, mas o pai diz que não lhe bate! Só que ele não para um minuto em lado nenhum! É mesmo preciso uma pessoa só para ele! Ele é muito inteligente!" p: 19 A'12 "Algumas crianças são de difícil diagnóstico! Por vezes é (...) muito difícil (...) Custou a integrar-se (...) quando a gente saía da sala não parava um minuto." p: 20 A'11 "Não quero dizer que não fossem orientadas, mas o que eu quis dizer é que eu não as promovo! Os jogos lúdicos, espaços (...) não tenho um papel interventivo. Às vezes tenho e quando tenho é muito pontualmente e sugerido pelas crianças. Não é sugerido por mim! É sugerido por eles! (...) se houver um espaço lúdico qualquer e as crianças façam não sei o quê (...) veja que elas não conseguiram estabelecer regras para jogar (...) eu vou lá e com o jogo (...) organizo o jogo. Mas, o meu papel e eu jamais faço isso, é de orientar as brincadeiras das crianças no recreio!" p: 37
Trabalho com pais e comunidade	A'7 "tem que se ter cuidado ao lidar com esse tipo de crianças!" p: 10 "Eu tive um que era Jeová a sério! (...) a família era a 200% e (...) tive que respeitar isso tinha que respeitar! (...) Eu não deixei de fazer o que havia de fazer, mas ele realmente não fazia! Eu respeitei isso. É assim, enquanto uns pintavam o presépio, ele pintava (...) uma árvore de Inverno..." p: 11 (...) E, as pessoas serem obrigadas a percorrerem ao longo de vários meses a pedinchar a toda a gente, pois falta mais um relatório, ou não sei o quê! Agora falta ainda o psicólogo, ainda falta assinar mais um papel e falta mais não sei o quê e as psicólogas (...) Nós tivemos um caso de uma senhora que teve de pedir tantas coisas, tantas declarações, tantos impressos, tantas coisas que a mulher se não fosse realmente forte e corajosa dizia: _ Qual quê, vai é para a escola! Ela já devia ter ido! Mas, foi um horror! A senhora chegava até a chorar! E, a menina deficiente que ela tem, (...) a mãe chegava lá dia sim e dia não (...) porque era assim (...) nós dizia que era melhor ficar. A equipa dizia que ela devia ter ido (...) a mãe ia ao Porto e dizia-lhe: _ Perde todos os apoios se a deixarem ir! Isto tem que ser assim!" p: 17/18 "...imagina a responsabilidade desta gente! Estão num cargo de responsabilidade e (...) a [educadora] podia-se estar a marimbar com a criancinha (...) p: 19 "...deviam ter dito um monte de barbaridades, pois eles não conhecem as criancinhas" p: 19 A2 "O papel do educador é um trabalho dinâmico, interventivo, aberto ao Meio, e estes aspectos são inerentes à nossa profissão!" p: 36 A5 "...a cidadania foi um dos elementos abordados nas nossas reflexões, pois as educadoras valorizam a participação de cada criança e de todos na dinâmica diária de cada jardim de infância". P9 "Eles andam ansiosos pela festa (...) e nós temos muito trabalho..." p: 24 A1 "Não podemos partilhar! A nossa conduta e actuação vai ser discriminatória (...) Para mim não foi nada complicado! Eu até me dou bem com a mãe dele, porque ela simplesmente naquelas alturas não trazia o menino à escola!" p: 10 "É para dizerem que fazem muito! [colegas de apoio]" p: 20 A12 "é importante o trabalho directo com as famílias". p: 13 A4 "Assim como nós respeitamos a religião deles também eles têm de respeitar a nossa". p: 10 A8 "A menina tinha que andar, tinha que continuar o processo porque ela já tinha oito anos, e a senhora (...) ou as pessoas tem uma certa informação ou isto a mim é o que me choca é as pessoas saberem as coisas, terem informação (...) já lhes basta ter uma criança assim!" p: 18 - Elas são todas boas! Cada uma à sua maneira! O que interessa é que gostem das crianças (...) elas vinham (...) a falar sobre a nova educadora. A outra era nova, esta também é nova..." p: 39 "Relativamente aquele comentário e atendendo ao nível de habilitação dos pais, não foi só achar que as educadoras gostam muito deles (...) achei interessante (...) dizerem: - Elas são todas boas, cada uma há sua maneira! Para quem não tem habilitação e chegar a estas conclusões..." p: 41 A'1 "O intercâmbio com a comunidade não é muito realizado (...) embora o entenda importante. A'5 "esta dificuldade poderá depois diminuir através de reuniões de pais, visitas de exploração. A'12 "Tento que os pais participem sempre que possível em trabalhos realizados na sala com as crianças. A'3 "considero ainda que exploro pouco o intercâmbio com a comunidade educativa". A'6 "Outra dificuldade que sinto tem a ver, com o intercâmbio com a escola (...) pois

	as coisas surgem consumadas sem ter em consideração as características do pré-escolar". A'8 "¡ Uma vez um pai não falou comigo e por isso um dia tive uma conversa com ele no sentido de esclarecer o funcionamento do jardim". (...) No meu caso e relativamente ao meu filho (...) andava aborrecido com uma professora [professora do 1. ciclo] porque (...) colocava os meninos fora da sala (...) porque comentou na aula (...) que (...) chamava (...) sempre os mesmos meninos. Eram os meninos queridos. A professora não teve outra atitude e colocou-o fora da sala (...) porque na verdade era sempre aquele grupinho os escolhidos para irem para o quadro. (...) a professora não deu hipótese de explicarl" p: 23
Agentes de mudança/ investigadores colaborativos	A2 " O papel do educador é um trabalho dinâmico, interventivo, aberto ao Meio, e estes aspectos são inerentes à nossa profissão!" p: 36 A5 "...a cidadania foi um dos elementos abordados nas nossa reflexões, pois as educadoras valorizam a participação de cada criança e de todos na dinâmica diária de cada jardim de infância". P9 "Eles andam ansiosos pela festa (...) e nós temos muito trabalho..." p: 24 A6 "...antes do regime de autonomia e gestão nós sempre fomos autónomas. Sempre fomos 'rotuladas' de autónomas, pois não nos limitávamos a uma standardização da nossa actividade, mas éramos apologistas de coisas únicas (...) sempre construímos no caminho da inovação. Sempre fomos pioneiras na contemplação da cultura do Meio..." p: 9 A3 "Noutro dia surgiu uma situação na minha sala em que chamava os meninos (...) vieram sentar-se (...) E, um deles dizia: - Não te convindo para a minha festa de anos! (...) depois eu disse-lhe: - Tens razão! (...) Se calhar precisavam de outra atenção e percebe-se porque é que eles estão daquela maneira!" p: 24 A11 "nós somos um corpo docente que nunca teve problemas em relação à parte afectiva (...) salvaguardando (...) as características da personalidade de cada um dos profissionais (...) de grosso modo temos uma relação muito afectiva, muito positiva com as nossas crianças " p: 33 A11 "Nós temos que dominar um bocado de tudo! Passa por aí, e isso implica que leiamos muito, que nós escrevamos muito (...) façamos muitas acções de formação, porque as coisas evoluem muito rapidamente" p: 38 (...) Primeiro vem o amor e depois vem o resto (...) se gostarmos dos miúdos criamos uma empatia (...) eu estou a viver esta experiência neste momento (...) estou um bocado deliciada! Delícia-me aquela sala! É uma meladice pegada! É da empatia! (...) nunca fiquei na minha vida tanto tempo com eles! (...) sempre gostei de ir trabalhar (...) um menino (...) ainda hoje dizia (...) - Dá-me colo! (...) tenho (...) duas meninas, principalmente uma pequenina (...) se eu me sentar pede-me logo colo. (...) sabe-me tão bem!" p: 39/40 A'1 "A troca de experiências é feita continuamente por mim e entendo-o muito benéfico e importante. O papel do educador é de grande responsabilidade e esforço-me por desempenhá-lo o melhor que posso e sei". A'2 "Procuro não cair em exageros (sejam eles de planificação, de postura, de avaliação, etc.) tento ir buscar um pouco aos diferentes processos educativos, coordenar projectos com ideias/ interesses das crianças no seu dia a dia, atender às necessidades de forma que as potencialidades de cada criança sejam desenvolvidas e aumente a sua auto-estima e confiança. Que sejam felizes e parte integrante do mundo que as rodeia. No fundo ter tempo para reflectir. A'12 "Gosto de fazer trabalhos em conjunto com outros colegas e levar as crianças a conhecer outros meios e outras realidades". A'3 "Gosto de fazer trabalhos em conjunto com outros colegas e levar as crianças a conhecer outros meios e outras realidades" (...) a flexibilidade e a reflexão são importantes na medida que só depois de uma reflexão conseguimos chegar aos nossos erros" A'4 "...considero-me uma educadora flexível, sensível aos factos que vão surgindo diariamente e na minha actividade pedagógica. Procuro criar um ambiente agradável e acolhedor com o grupo e com a comunidade em geral. Procuro fazer uma avaliação construtiva. Faço uma reflexão constante em todo o acto educativo". A'14 "... o papel do educador terá que ser (...) equilibrado". (...) o meu ponto fraco nesse aspecto relaciona-se com os registos e o trabalho administrativo (...) Reconheço que deveria nestes aspectos tomar-me mais responsável". A'11 "A diversidade de educandos e de educadores remete-nos para um trabalho sempre atento, contínuo e renovado..." A'10 "Preocupo-me em observar e avaliar o trabalho feito para partir para planificações cada vez mais ajustadas á realidade que tenho (...) para mim é realmente mais difícil a parte de coordenação de projectos e também da dinâmica da escola, mais em relação aos adultos (colegas e pais)". A'7 "Nós somos mais flexíveis e quando não somos prejudicamos os nossos garotos." P: 27

A AVALIAÇÃO

Planificação	A6 "Desenvolver nas crianças a capacidade de se questionarem, de reflectirem, de se tornarem críticos..." p: 2 (...) Como articulamos nós as diferentes culturas se nós andamos sempre a saltar de um lado para o outro. Por isso também ficamos completamente..." p: 9 A2 "Inculcar hábitos de higiene e de saúde (...) embora não tenham sido abordadas (...) são inerentes à nossa prática, pois fundamentam os alicerces de um bem-estar físico e social da criança" p: 9 A2 "Neste projecto não articulo nada com o Meio (...) Relativamente ao modelo Sócio-Crítico como podemos fazer estas coisas? (...) para as crianças adquirirem conhecimentos temos que transmitir-lhes (...) parece-me difícil" p: 34 A5 "...a cidadania foi um dos elementos abordados nas nossa reflexões a criança deve entregar a prenda a essa pessoa". p: 15 (...) a criança deve entregar a prenda a essa pessoa". p: 15 A7 "... o problema é conhecer! A dificuldade é, (...) conhecer primeiramente a cultura deles e conhecê-la sem preconceitos, pois se à partida achar que a minha cultura é a certa, eu faço bem..." p: 9 "... se nós partimos já do princípio que o cigano (...) e acharmos que a cultura dos ciganos tem montanhas de defeitos e que a cultura deles não têm pé, nem cabeça, vamos partir mal (...) Vamos influenciar as crianças nesse sentido, (...) eu não deixei de fazer o que havia de fazer, mas ele realmente não fazia! Eu respeitei isso. (...) enquanto uns pintavam o presépio, ele pintava (...) uma árvore de Inverno, (...) temos que respeitar de acordo com as..." p: 14 (...) "O pior é estimular o pensamento crítico nas crianças que vão para a escola primária!" p: 21 A11 "E, eles não sabem o que nós fazemos! (...) Porque é que não sabem? Quando eu lhes explico eu também tenho o cuidado de falar em termos avaliativos (...) às vezes eles vem lá dizer que determinada criança realmente alterou o seu comportamento (...) não sabem como se dá a língua materna, como se faz isto ou aquilo A7 "...estamos a prepará-los! (...) se calhar é mais fácil a nós prepará-los para o 1.º ciclo. Nós somos mais flexíveis e às vezes quando não somos, prejudicamos os nossos garotos (...) era mesmo aquilo que eles precisavam de saber e eles apanham no 'nariz' e não sabem, porque não fomos flexíveis o suficiente..." p: 27 A7 "... a transmissão de valores! (...) como ajudar os meninos a serem amigos..." p: 35 "...no meu caso eu valorizo isso de tal forma (...) os valores são fundamentais e que por isso não escrevo (...) nem que eu não faça nada num dia, isso faço sempre (...) as outras actividades que eu tento atingir determinadas competências (...) já tenho necessidade de planificar para não me perder. Eu não vou andar um mês inteiro sem ter nada de objectivo para trabalhar (...) mas. Eu não escrevo (...) fala aqui nas tecnologias (...) passei a tarde no computador e vê lá não pus na minha planificação e isto é básico, como todas as tarefas que tenho que desenvolver". p: 36 A1 "Hoje a realidade começa a ser diversificada. Temos meninos de outras culturas, formações, opções religiosas (...) vem sempre interferir na dinâmica da sala". p: 10 (...) Nós vamos à frente em todos os níveis. Tomara que alguém dos outros níveis chegasse às nossas ideias! (...) nós temos é que pensar nas crianças. Se tivermos consciência de que são as nossas crianças e se soubermos para quem vão os nossos meninos, quem vai ser a professora deles no ano seguinte, devemos realmente prepará-las minimamente para encararem e prepará-las para o que vão receber n ciclo seguinte. (...) se a professora for muito ditadora devemos prepara-los os meninos, para serem sossegadinhos, para falarem mais baixinho, agora não podem falar tanto (...) desde que tenham capacidades de escrever o nome deles a manuscrito e, se eles conseguem, pois devem andar para a frente e não devem estar parados, nem que eu não gostasse! (...) fazem desenhos, brincam, saltam, pulam, escrevem o nome deles à máquina, interiorizam e escrevem o nome deles à máquina..." p: 28 A1 "O que eu acho é que às vezes os pais muito cultos não conseguem ver! Aqueles se calhar vêem melhor de uma maneira mais simples e melhor!" p: 41 A8 "tive que explicar aos pais que não podia pôr o menino de parte nessas alturas e por isso (...) que o objectivo seria fazer aquilo como podia estar a fazer outra coisa qualquer, ou em qualquer altura!" p: 10 "...isso tem que ser! P: 14 (...) "Relativamente ao espírito crítico, (...) não acontece apenas no 1.º ciclo (...) uma professora simplesmente (...) colocava os meninos fora da sala (...) porque [a criança] comentou (...) que a professora chamava ao quadro sempre os mesmos meninos. Eram os meninos queridos. A professora, não teve outra atitude e colocou-o fora da sala. (...) ficou revoltado! (...) na verdade era sempre aquele grupinho os escolhidos para irem ao quadro (...) a professora não deu hipótese de explicar!" p: 22/23 A8 "...devemos enquadrá-los na continuidade educativa!" p: 27 A12 "...na vida inteira os meninos vão contactar com essa realidade (...) com a própria criança!". p: 12 (...) A12 "Eu não me situo muito bem! Tenho bastantes falhas!" p: 31
--------------	--

	A4 "...dar a conhecer as tradições deles (...) Dar a conhecer a todos!" p: 12 "...temos que respeitar!" p: 14 (...) A4 "...nestes aspectos sou tradicional, (...) nestes aspectos, considero-me que sou crítica!" P34 A3 "os pais estão preocupados se ensinam a matemática (...) os trabalhos (...) se já sabem fazer o nome deles, porque vão para a escola!" p: 39 A11 "quando eu falo em actividades orientadas ou não orientadas, isto é importante pois neste aspecto confronta-se o papel do adulto e da criança nesta orientação. (...) a criança não é livre de optar por aquilo que ela quiser na sala de actividades? (...) não tinha actividades orientadas no recreio (...) não quer dizer que não sejam orientadas! Eu não as promovo! Eu não tenho um papel interventivo! (...) não quer dizer que muito pontualmente eu não possa sugerir alguma actividade, mas é sempre gerido pela criança. (...) o que é importante é que temos que estar atentos na forma como colocamos as coisas no papel. (...) é assim que os outros se vão aperceber da nossa realidade profissional. (...) os jogos lúdicos, espaços, (...) não tenho um papel interventivo. (...) quando eu lhes explico (...) tenho o cuidado de falar em termos avaliativos (...) às vezes vem lá dizer que determinada criança realmente alterou o seu comportamento (...) não sabem como se dá a língua materna, como se faz isto ou aquilo (...) será que o trabalho que eu faço será visível? (...) A gente não escreve e não é por mal! Por vezes pensamos que está implícito e que é suficiente (...) Não é suficiente porque (...) as pessoas com o mesmo grau académico que eu, não vinham perguntar como é que eu ensino matemática! (...) fazemos matemática! Aprendemos! Fazemos! Escrevemos as histórias! (...) isso de dizer que aqui nós não ensinamos nada!" p: 38 (...) "...se eu tiver num projecto e se todas nós planificamos, trabalhamos e dentro desta planificação decorre um projecto, quando eu estou a desenvolver eu não me preocupo com (...) se eu estiver a viver aquele projecto, eu planifico teoricamente 8...) planifico com eles. (...) não vou investir nas [festas] eu vou investir no projecto que se está a viver naquele momento". p: 41/42 A6 "A avaliação é uma actividade muito importante na nossa prática pedagógica e eu pessoalmente tenho ainda muitas dificuldades nesta área... (...) é o instrumento que pode aperfeiçoar o nosso trabalho. A5 "A necessidade de avaliar, de ser autocrítica em relação à nossa acção educativa, de reflectir para melhorar (...) bem como proceder à avaliação de uma forma contínua, periódica ou anual, para melhorar a prática educativa". A13 "...trocamos ideias sobre os métodos de avaliação, o que é muito importante para a realização do trabalho do dia a dia no jardim de infância".
Criança	A6 "Nós temos também colegas nossos que apressam os filhos a entrarem na escola do 1.º ciclo (...) eu tive um pai, eu falei com ele (...) é um professor e ele fez isso e a criança entrou com cinco anos!" p: 17 "É capaz de nada estar de acordo com as capacidades que ele tem!" p: 19 "quando eu cheguei este ano (...) tinha um caso de uma criança de cinco anos e eu li o relatório antes de conhecer a educadora que vinha dar o apoio e antes de conhecer o mudo (...) Ele era fantástico! (...) ele ouvia, ele percebia, ele falava (mal, um bocadinho mal, pois não tinha um desenvolvimento normal para a idade dele, mas a criança tinha vontade de comunicar, ele percebia (...) li o relatório e até disse à colega: - Não sei se este relatório (...) se não houve alteração de nome (...) porque não coincide nada com esta criança que eu tenho aqui! Pelo menos pelo que eu conheço! Pouco sei desta área, mas acho que não tem nada a haver uma coisa com a outra. (...) A criança era um espectáculo (...) atraso sim! (...) até de estimulação, ou de qualquer outra coisa. Ele precisava de terapia da fala, (...) precisava muito de um apoio". p: 21 "As professoras dizem não os podemos suportar! Eles são extremamente irrequietos! (...) "Nada lhes agrada! tudo os chateia!" p: 22 Não conseguem dar a volta a isto! (...) É uma coisa enfadonha. A escola para algumas crianças não lhes diz nada! (...) às vezes interpretam mal! (...) se a criança diz qualquer coisa, a gente pensa duas vezes. (...) p: 23! E, às vezes temos situações que nós não vemos! Não vemos a parte deles (...) uma coisa que costuma dar resultado (...) é pôr os mais velhos com responsabilidades. (...) os mais velhos até explicam melhor que nós (...) funciona muito bem e atendem muito melhor do que fosse a própria educadora (...) as crianças tornam-se muito colaboradoras..." p: 24 A2 "... é falar com a família (...) Se não temos esses hábitos (...) não devemos por isso culpabilizá-los por não terem esses princípios (...) Mas, podemos dizer assim: eu sei que ele está a fazer aquilo porque na cultura dele (...) neste processo não se respeita a criança, o seu ritmo ou o desenvolvimento". p: 17 A5 "a participação de cada criança e de todos na dinâmica diária de cada jardim de infância". p: 9 A7 "...É a tal história da criança ser única! (...) Eu respeitei isso. (...) ele próprio (...) quando eu pegasse num trabalho de Natal (...) deixava o grupo (...) pegava na caixinha dos legos e ia sentar-se, o que facilitava..." p: 11 "...temos de tentar e trabalhar nesse sentido". P: 13 (...) a menina deficiente que ela tem, a (...) nós dizíamos que era melhor ficar. A equipa dizia que ela devia já ter ido (...) a mãe ia para o Porto e dizia-lhe: perde todos os apoios se a deixarem ir! (...) "...mas, as professoras primárias que eram (...) a [menina] só esteve lá dois dias na escola primária, chamaram logo a mãe e diziam: - Não queremos a menina aqui! Arranje-

	se! (...) A criança veio de 'requitó' (...) para o jardim (...) eu vi a fazer os testes de inteligência e de cognição (...) É azul, não é? (e abanavam com a cabeça) (...) Eu tenho um super-herói! (...) a criança coitada, andava com dificuldade (...) não dizia a não ser meia dúzia de palavras e atirava tudo pelo ar (...) não fazia rigorosamente nada. Foi pegar no processo e ignorá-lo simplesmente! p: 20/21 "Nós tínhamos uma criança que até era demasiado inteligente para certas questões e a professora pura e simplesmente não a suportava (...) nem era irrequieta sequer, nem malcriado, mas era demasiado interveniente, questionadora". p: 22 Não, eu não fiz isso! p: 23 A7 "O que na verdade acontece é que não podemos adiantar a criança, nem travar a evolução (...) nesta fase. (...) estas competências estão a ser desenvolvidas desde que nascem. (...) (...) fala-se de três tipos de condições: as que dizem respeito ao comportamento da criança no grupo, as que implicam determinadas aquisições indispensáveis para a aprendizagem formal da leitura, escrita e a matemática e ainda a que se relaciona com as atitudes". p: 32 A7 "eles brincam (...) nós ensinamos tudo a brincar e que as brincadeiras que fazemos na sala com eles que nos custa muitas horas a preparar o trabalho (...) na ideia deles e para quem está de fora, a ideia que têm é que 'coitadinhas' elas vestem uma bata, brincam um bocadinho com os meninos e passam o tempinho. O tempo passa num instante!" p: 39 A1 "Não fazia nada! (...) ou ia para outro canto qualquer! (...) não precisava de pintar! P: 11 (...) "As professoras do 1.º ciclo perguntam sempre: - Falam bem? (...) queriam que eu andasse a rotular os meninos!" p: 21 (...) eu acho que eles agora são tão meigos (...) dizem: oh professorinha! Eles dão beijos, eles agarram-se e nota-se (...) talvez sejamos mais tolerantes com eles (...) eu acho que eles sentem isso e por isso também mudam!" p: 41 A12 "...ele tinha que estar integrado no grupo!" p: 10 (...) Algumas crianças são de difícil diagnóstico! Por vezes é (...) muito difícil (...) não será hiperactivo?" p: 19 "Eu tive um miúdo hiperactivo (...) com a mãe fazia gato-sapato e aqui andava direito! Custou a integrar-se (...) quando a gente saía da sala não parava um minuto!" p: 20 "Eles não ficam lá na sala e por isso não chateiam (...) p: 23 A10 "Pode ser outro elemento da família". p: 15 A3 "Ele na sala não está um minuto quieto. Corre dentro-fora. Corre sempre tudo! (...) com a mãe, ele não sai de casa porque a mãe não vai andar a correr (...) ele dá a mão à mãe e vai na rua direito! Não sei bem qual o problema da criança. Vai-se observando (...) com a mãe faz tudo (...) não sei se a mãe lhe bate, mas o pai diz que não lhe bate! (...) não pára um minuto em lado nenhum! É mesmo preciso uma pessoa só para ele! Ele é muito inteligente! P:19 A11 "se não estiver dentro daquilo que estamos a fazer, se não souberem os perfis de desenvolvimento de cada um dos nossos alunos, muito dificilmente ele vai conseguir articular depois com os projectos deles..." p: 26 (...) como é que eu posso tornar visível sem ser através da postura do aluno? (...) e estou a achar que eles estão num ritmo de desenvolvimento espectacular! P: 40 A6 "As observações e os respectivos registos são para mim uma dificuldade". A7 "A reflexão sobre a avaliação teve uma maior relevância nas opiniões acerca da dar ou não informação escrita aos pais ou professores do 1º Ciclo A12 "...há opiniões diferentes em relação a quem se devem entregar as avaliações e em relação às grelhas de avaliação". A5 "A necessidade de avaliar (...) conhecer as crianças (...) é importante utilizar instrumentos para essa mesma avaliação e que devem ser diversos, bem como proceder à avaliação de uma forma contínua, periódica ou anual, A11 "atenção/ sensibilidade como registamos a avaliação". A2 "mencionei os pais pois ainda sinto um pouco de insegurança no que respeita a dar por escrito a avaliação/observação de comportamentos aos pais/encarregados de educação. Até que ponto os pais/encarregados de educação compreendem e aceitam o nosso parecer por escrito". A3 "Nesta sessão sobre a avaliação levou-me a reflectir em algumas questões sobre se a avaliação deverá ou não ser extensiva aos pais por escrito e se deverá ou não existir uma grelha comum ao Agrupamento. (...) para atender aos diferentes grupos etários não deverá ser igual para todas as crianças", assim como a avaliação aos pais deverá ser uma troca oral de informações e dar por escrito aos pais poderemos cair no erro de rotular as crianças".
Educador	A6 "Sempre fomos 'rotuladas' de autónomas, pois não nos limitávamos a uma standardização da nossa actividade, mas éramos apologistas de coisas únicas (...) sempre construímos no caminho da inovação. (...) os meninos tomam consciência da diversidade de opções religiosas". p: 11 "Fica com quebras nesse sentido! (...) Quando é que os outros conhecem a cultura deles?" p: 12 "É haver um intercâmbio!" p: 16 (...) "As professoras dizem não os podemos suportar! Eles são extremamente irrequietos! (...) não é possível haver consenso. P: 23 (...) se a criança diz qualquer coisa, a gente pensa duas vezes. (...) tenho humildade para dizer que tem razão e depois dou-lhe

um beijo". p: 23 "...esse tipo de atitudes eles não vão encontrar mais! (...) eles têm a razão deles, porque é diferente da nossa! E, às vezes temos situações que nós não vemos! P: 24

A2 "...Não é fazer nada por ela, mas pelo contrário apoia-la neste percurso, para a criança prosseguir a caminhada (...) pois a criança é o elemento activo que a partir dos seus conhecimentos vai adquirindo e desenvolvendo..." p: 6 (...) a responsabilidade de cada educadora". p: 9

(...)"...seria óptimo que no início do ano lectivo os pais viessem ter connosco e nos informassem sobre as suas opções religiosas..." p: 14 "...falar com os pais e com as entidades e resolverem o adiamento e neste processo não se respeita a criança, o seu ritmo ou o desenvolvimento". p: 17

A5 "Eles andam ansiosos (...) e nós temos muito trabalho". p: 24

A7 "...não podemos fazer como algumas pessoas (...) por ignorância que é gozar com a situação (...) temos que respeitar de acordo com as..." p: 14 "Aos pais e não só! (...) às entidades e às professoras (...) para pedirem o adiamento de uma criança (...) para conseguir isso com as entidades..." p: 16 "...os pais dos professores são os piores! (...) tu podes rotular o colega de ignorante. (...) tu queres convencer uma mãe em que a criança precisa de mais um ano no jardim (...) a mãe coitadinha tem de convencer-se, convencer o pai, (...) a avó, a tia (...) pois tudo isto (...) é complicado pois passa pela família toda (...) todos dão a opinião (...)"

Quantas visitas essas equipas têm feito? (...) quantas vezes te visitou? Foi o mesmo connosco!" p: 18 "Deviam ter dito um monte de barbaridades, pois eles não conhecem as crancinhas!" p: 19 (...) "...às vezes também dou um raspanete de forma injusta. Sou um bocado impulsiva e digo: - Seu pateta! (...) tu foste fazer uma coisa destas! (...) depois a criança tem abertura suficiente para dizer: - Não, eu não fiz isso!" p: 23

A11 "Os meus pais e encarregados de educação das crianças, são todas pessoas com o mesmo grau de ensino que nós!

A7 "os nossos filhos, porque são os nossos filhos já sabem fazer alguma coisa e, os filhos dos outros, porque são filhos dos outros não devemos ensinar". p: 28 (...) "uma coisa a fazer com os pais (...) de uma forma simples, mas profissional (...) é informá-los sobre o que se faz no jardim de infância (...) [senão] pensam que é uma sala gira onde os meninos brincam e mais nada! (...) se nós formos explicando aos pais para eles perceberem o que se faz,". P: 39

A1 "o facto da criança não ir para o jardim é opção dos pais". p: 11 (...) nem todos se calhar teriam essa preocupação, porque acontece que até Junho fazem desenhos, brincam, saltam, pulam, escrevem o nome deles à máquina, interiorizam e escrevem o nome deles à máquina..." p: 28

A1 "...eu acho que o nosso relacionamento com as crianças é diferente do que quando tiramos o curso!" p: 40

A8 "Uma vez um pai não falou comigo e por isso eu tive uma conversa com ele no sentido de esclarecer o funcionamento do jardim" p: 14

A12 "...é importante o trabalho directo com as famílias." p: 13 "A mim também me criticaram o meu trabalho!" p: 19 (...) eu é que sei porque te mando para a rua. (...) foi só porque perguntou por uma palavra que estava escrita e que não percebeu muito bem". p: 23

A3 "Noutro dia surgiu uma situação na minha sala (...) depois eu disse-lhe: - Tens razão! Precisamos conversar! Tenho que te pedir desculpa! - Não te desculpo dizia o menino. (...) De certeza que eles tem razão! (...) nós andamos a correr com as (...) e é fácil neste período passar despercebido muita coisa e calmos facilmente no erro! (...) precisavam de outra atenção e percebe-se porque é que eles estão daquela maneira!" p: 24 (...) elas são todas boas cada uma à sua maneira! O que interessa é que gostem das crianças! P: 39 (...) "Elas são todas boas, cada uma há sua maneira! Para quem não tem habilitações e chegar a estas conclusões". p: 41

A11 "...todos temos uma relação afectiva muito positiva com as nossas crianças (...) o nosso instinto maternal nos favorece nesse aspecto. Em relação a nós educadoras e sobre a relação afectiva esta questão nunca se põe! (...) nós podemos constatar que para além dos saltos grandes, há também falta da tal interdisciplinaridade (...) entre os vários ciclos e a tal articulação, o tal diálogo entre "uns" e "outros". (...) mesmo o professor do ensino primário (...) tenha coisas positivas (...) se não estiver dentro daquilo que estamos a fazer p: 26 (...) "...a intercomunicabilidade que devia existir entre ciclos!" p: 27 "A escola tem de vir até nós! (...) não passa apenas por uma flexibilidade nossa (...) as professoras do ciclo seguinte e para que tenham mais abertura e percebam a dinâmica do jardim de infância, para lhe darem continuidade (...) ela deve ser flexibilizada e positiva entre os dois ensinos". p: 28/29 (...) "...o não contemplar pode-me levar a pensar que eu sempre trabalhei assim! (...) só vou (...) questionar-me (...) a esse nível (...) quando confronto com alguém e me faz despertar a esse nível, porque senão eu continuo a trabalhar (...). Às vezes tenho (...) muito pontualmente e sugerido pelas crianças. (...) o meu papel e, eu jamais faço isso, é de orientar as brincadeiras das crianças no recreio!" p: 37 (...) Nós temos que dominar um bocado de tudo! passa por aí (...) implica que leiamos muito, (...) escrevamos muito (...) façamos muitas acções de formação p: 38 (...) "Se nós tivermos o nosso equilíbrio emocional e a nossa inteligência emocional se não estiver devidamente desenvolvida, nada se faz! Eu

	acho que primeiro vem o amor e depois é que vem o resto (...) se gostarmos dos miúdos criamos uma empatia (...) tenho um grupo (...) tenho um grupo (...) é da empatia! (...) eu sempre gostei de ir trabalhar" p: 40 A'7 "A minha opinião é que não nos podemos desresponsabilizar do nosso papel no processo de aprendizagem das crianças, que não se inicia no 1º Ciclo, mas muito antes. Temos que ser corajosas e intervenientes". A'11 "Foi importante (...) e chegou-se à conclusão de que mais uma vez é importante ter em linha de conta a diversidade dos educadores, das comunidades onde estamos inseridas, atenção/ sensibilidade como registamos a avaliação".
--	---

ANEXO VIII – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_J.I.1

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 1: (agenda)

- . Apresentação do Formador/Formandos
- . Apresentação da Modalidade de Círculos de Estudos
- . Calendarização das Acções
- . Apresentação dos Conteúdos/ Metodologias/ Avaliação
- . Elaboração de um Trabalho Individual sobre as Expectativas da Acção

Data: 2002/12/05

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 1 Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
A sala destinada ao círculo de estudos é uma das salas de J.I.1, pertencentes ao Agrupamento "A". A sala de formato quadrado e de pequenas dimensões encontra-se bastante apetrechada com mobiliário de madeira adequado e adaptado a este nível etário. A sala está organizada por áreas sendo as suas demarcações feitas com o próprio mobiliário. A sala tem acesso directo ao recreio e ao exterior, existindo uma dependência dentro da sala com duas casas de banho para as crianças, bem como o gabinete da educadora. A sala torna-se bastante arejada e iluminada com janelas para o exterior ocupando duas das paredes laterais. O ambiente é acolhedor e alegre e repleto de trabalhos individuais e colectivos nas paredes, nas costas do próprio mobiliário e pendurados no tecto da sala, dando um colorido agradável inspirando conforto e alegria a quem entra nesta sala. Pela proximidade da época Natalícia, começa a ser motivo de inspiração das crianças o natal, a neve, os bonecos de neve, as prendas,... Por não existir neste jardim de infância nenhuma sala para reuniões adaptou-se com mesas e cadeiras da sala uma mesa enorme em forma oval no centro da sala, preparada para a formadora e nesta mesa um lugar para a formadora e simultaneamente observadora. Foi colocado previamente em cada local uma capa destinada à acção de formação contendo os formulários exigidos pelo Prodep, os contratos de formação e uma esferográfica. Num dos cantos da sala, foi preparada num mesa redonda um pequeno lanche com doces / salgados e sumos para a recepção das educadoras participantes deste círculo de estudos. À medida que as educadoras iam chegando, a maioria um pouco antes da hora prevista foram-se cumprimentando e trocando breves palavras a nível pessoal e profissional. Após o lanche, as educadoras sentiam-se confortáveis e bem dispostas para o início da sessão, pelo qual foram convidadas a sentarem-se na mesa preparada para a acção.	Esta disposição das mesas convida ao diálogo, e à interacção: todas as educadoras podem "olhar-se" continuamente A preparação de uma mesa com um pequeno lanche permite uma recepção mais "calorosa" predispondo-se de uma forma mais agradável as educadoras para a acção. O ambiente mostra-se agradável

A formadora começou por se apresentar, relatando em breves traços o percurso académico efectuado e relembrando o modo como foram convidadas para participarem neste círculo de estudos e o seu objectivo ou seja permitir a recolha de informação sobre o trabalho das educadoras de infância na rede pública, da área geoeeducativa, reflectindo sobre as orientações Curriculares. Após este momento foi reservado um espaço para que cada educadora se apresenta-se, referindo quer o jardim de infância, o agrupamento à qual pertencem, anos de serviço,... De seguida e após explicitarmos a documentação exigida para a formalização do contrato, foi apresentada às educadoras a modalidade de círculo de estudos, os seus objectivos,...	e as educadoras manifestam-se de forma alegre e descontraída à medida que se sentam e iniciam o trabalho. A apresentação formal das educadoras, deve-se ao facto de, na generalidade, todas já se conhecerem e/ou já tiveram oportunidade de trabalharem em conjunto com a excepção de duas das educadoras. Neste sentido tornou-se relevante conhecer o jardim onde actualmente se encontram a trabalhar e o Agrupamento ao qual pertencem e tornou-se uma forma do grupo sentir-se mais à vontade e uma melhor interacção com o grupo.
Após todas as educadoras perceberem o grau de implicação, de reflexão e empenhamento "exigido" ao longo desta acção foi calendarizada a acção e num sistema de rotatividade entre os vários jardins de infância, acertando os horários e as futuras sessões.	O facto de ser proposta a rotatividade dos jardins de infância foi aceite de bom agrado, embora a maioria desconhece-se onde se situa cada jardim de infância. O facto de cada educadora poder receber no seu jardim de infância as colegas agradou ao grupo e todas concordaram que antes do início da cada sessão seria precedido de um pequeno lanche, pelo que as educadoras deveriam chegar atempadamente para participarem nesse mesmo lanche. Efectivamente esta ligação das educadoras aos contextos de trabalho, são garantia de implicação e de contribuição no caminho da reflexão.
De seguida foi apresentado o caderno zero (0), contendo os objectivos/conteúdos/Metodologias e Avaliação. Pretende-se com este círculo de estudo a recolha de informação para a investigação no âmbito do Mestrado. Para isso foi pedida autorização para a gravação das sessões, bem como para a utilização das reflexões individuais das sessões respeitando o anonimato e confidencialidade das informações recolhidas. Todas as educadoras aceitaram a proposta, pedindo que no final lhes fossem distribuídas as conclusões realizadas. Por último foi pedido às educadoras de infância presentes,	A apresentação da proposta de agenda da sessão, mereceu a aprovação da totalidade das educadoras. Foi consentido pelas educadoras a gravação das sessões, respeitando em qualquer documentação a confidencialidade e o anonimato de todas as participantes.

que de uma forma sintética explicitassem as expectativas relativamente a este círculo de estudos. A sessão terminou com a recolha destes documentos, iniciando-se assim o percurso destes documentos, iniciando-se assim o percurso investigativo proposto acerca das "Orientações curriculares".	A proposta para que cada educadora expusessem as expectativas da acção serviram para que cada uma desse o seu contributo sobre os temas, sobre as suas duvidas e preocupações.
---	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_J.I.1

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A"; "B"; "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 2: (agenda)

- . Trabalho Individual sobre o Conceito de Educação
- . Leitura e Reflexão do Texto sobre "Educação"
- . Apresentação de caderno 1 (um)
- . Análise Reflexiva sobre a Sessão

Data: 2002/12/16

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I.1 Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
Para uma maior comodidade de todas as participantes, foi acordado que esta sessão se realizaria no jardim de infância da 1.ª sessão. Tal como tinha sido previamente definido na sessão anterior, as educadoras foram chegando para lancharem antes da sessão e por isso esta realizar-se-ia de forma contínua, sem interrupção. Contudo as educadoras foram chegando tardiamente devido a um ofício recebido nesse dia sobre o encerramento dos jardins de infância no período do Natal, bem como a alteração do período de desratização e desinfecção marcado no início do ano lectivo. Antecipadamente e tal como na sessão anterior foi previamente adaptada esta sala para a acção, formando uma grande mesa em forma oval permitindo o trabalho em grupo. Após o lanche a formadora saudou formalmente todas as educadoras para dar início à sessão de formação. Contrariamente ao acordado na 1.ª Sessão as educadoras foram chegando atrasadas relativamente ao horário, devido ao facto de terem recebido um ofício da Câmara Municipal acerca do calendário na época de Natal para as educadoras e a alteração do período de desratização e desinfecção dos jardins de infância. Num primeiro momento foi referido às educadoras presentes que na sessão de hoje abordaríamos o conceito de educação. Neste sentido, foi pedido a cada educadora individualmente e de uma forma breve definir-se em linhas gerais o seu entendimento, sobre "Educação é: " Num primeiro momento ficaram "atrapalhadas" e um pouco ansiosas dizendo que não sabiam o que deviam escrever. Por outro lado ainda não tinham "digerido" muito bem o ofício enviado pela Câmara, o que as levavam a sentiram-	As educadoras iam chegando nervosas devido a informações contraditórias entre sindicatos, Agrupamentos e Câmaras Municipais. "Respirava-se" um ambiente de nervosismo e revolta face às notícias recebidas nos jardins de infância, o que induziram a uma dificuldade na concentração deste trabalho individual. As educadoras A12, A6 e A10 pediram para fumar! (Nunca as tinha observado a fumarem!) De facto têm razão! Mais uma vez este partido político vem de novo prejudicar as educadoras de infância! Como compreendo as suas revoltas e angústias! Comentários como: "Agora, é que vai "doer" "O bem-bom acabou-se" "Vocês vão ver como nos vai fazer trabalhar!", foram alguns dos comentários proferidos por algumas das educadoras, talvez pela proximidade com algumas delas em reuniões de trabalho.

se nervosas e pouco concentradas. Após alguns minutos de silêncio e de reflexão, começaram a esboçar os seus conceitos acerca da educação. Foi pedido então que assinassem e registassem a data em cada folha.

O observador nestes momentos de trabalho individual vai registando o empenhamento, o modo, como as educadoras se entregam ao trabalho, as educadoras que prontamente respondem ao pedido e aquelas que se sentem com dificuldade em escrever, em expor as suas ideias e aqueles que não sentem confiança nos seus próprios conceitos e ideias. No final e após a recolha de todos os documentos escritos foram de novo distribuídos de forma aleatória para proporcionar uma maior atenção de cada educadora à medida que foram sendo convidadas a lerem em voz alta os conceitos escritos. Neste momento foi colocado o gravador no meio da mesa, o qual foi acompanhado de risos e inquietações e um pouco de nervosismo perante este objecto. Por isso as educadoras limitaram-se apenas à apresentação dos conceitos evitando comentários complementares, ou realizarem alguma questão sobre o que ouviam. Os comentários "laterais" também foram diminuídos e apontavam o dedo ou a cabeça, chamando a atenção das colegas para a presença do gravador. Esta presença "intimidava" o à vontade natural das educadoras. Após a leitura de todos os trabalhos individuais foi distribuído a cada educadora um texto retirado do relatório para a UNESCO sobre Educação para o século XXI, de Jacques Delors. Cada educador procedeu à sua leitura individual seguindo-se o confronto de opiniões entre o texto e alguns dos conceitos elaborados pelas educadoras. A questão central deste debate centralizou-se sobretudo na diferença entre a educação da criança relatado nos trabalhos das formandas e a educação ao longo da vida citado nesse relatório da UNESCO.

O confronto entre os trabalhos individuais e o texto extraído do relatório Delors, levou-as a considerar a educação num âmbito circunscrito a educação de infância.

Por fim foi apresentado o caderno 1 sobre educação _Concepção e Perspectivas. Neste documento é abordado o século XXI como um tempo de incerteza vivido à escala mundial, devido aos avanços a vários níveis; Tecnológicos, Científicos, liberalização da economia e pelo comércio livre devido ao fenómeno da Globalização. Perante este cenário, compete não apenas à escola, mas em colaboração com outros sectores soluções concertadas face a este novo mundo que, para além da valorização da educação ao longo da vida, aposta na construção da pessoa enquanto indivíduo e cidadão.

Neste sentido, sendo a educação Pré-Escolar a primeira etapa da Educação Básica, definida pela Lei de Bases de 1986, torna-se pertinente que a criança inicie este percurso, de aprendizagem e de formação e que a marcarão, enquanto pessoa e membro da sociedade pelas ideologias, valores definidos para este nível educativo. Com a expansão da Lei-Quadro da Educação Pré - Escolar no qual define o Princípio Geral e os Objectivos Pedagógicos, fomenta-se assim as bases na qual assentam a "estrutura" das Orientações Curriculares, documento orientador da prática educativa de cada educador de infância.

Caricaturando uma descrição de Marco Polo sobre uma

O gravador foi um elemento inibidor à participação das educadoras relativamente à reflexão e comentários sobre os diferentes conceitos proferidos. À medida que o tempo ia passando as educadoras foram ignorando a sua presença.

As educadoras conseguiram ultrapassar o nervosismo e concentraram-se na tarefa.

Foi uma actividade interessante, pois permitiu o debate sobre as nossas representações acerca da Educação.

Para as educadoras foi interessante reflectirem sobre o Princípio Geral e os Objectivos pedagógicos e verificarem alguns aspectos que consideram importantes na sua prática educativa e que neste 1.º trabalho foi negligenciado: De salientar comentários como:

"Não falei, na importância das diferentes culturas e religiões..."

"considero tão importante atender às crianças com necessidades educativas especiais e não escrevi nada sobre isso!"

"Para mim, a família é o menos importante neste trabalho!"

Neste sentido proporcionou a reflexão sobre todos os aspectos a serem contemplados num ambiente de aprendizagem que se pretende em cada jardim de

ponte com formato em arco, em que este a descreve a pedra por pedra, podemos perguntar tal como Kublai Khan, qual é a pedra que sustenta o arco? A metáfora "pedra" associada à educação fundamenta-se neste princípio Geral e pedagógico definidos neste documento, tal como concluíram as educadoras presentes no confronto entre os seus trabalhos individuais, a análise do relatório Delors e a análise do caderno apresentado. Foi sem dúvida uma sessão que foi sendo progressivamente mais participativa e interveniente, pois as educadoras foram a pouco e pouco "esquecendo" a presença do gravador. Comentários como: "dás-nos muito trabalho!" Trabalhas-te muito para preparar a sessão!" Por último foi pedido a cada educadora a análise individual da sessão sobre a sua apreciação e comentário crítico da sessão de hoje.	infância. A participação de todos quer no trabalho individual, na análise da sessão e apesar das limitações do gravador no confronto de ideias foi notório, embora fosse sentido a falta de tempo na análise diária da sessão.
---	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 3

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A"; "B"; "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 3: (agenda)

- . Síntese das ideias abordadas na Sessão Anterior
- . Apresentação da Caderno 2 "Concepção de Currículo"
- . Leitura do caderno individualmente
- . Trabalho de Pequeno Grupo: Síntese das Concepções sobre o Currículo na Perspectiva de Diferentes Autores

Data: 2003/1/7

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 3 – Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
Este Jardim de Infância situa-se numa zona do interior de V. C., desconhecida da generalidade das educadoras de Infância. Devido à situação geográfica, levou ao atraso de algumas educadoras, porque foram conduzidas para outras localidades. Num 1.º momento as educadoras responsáveis por este jardim de infância apresentaram as suas instalações, que embora seja um edifício de grandes dimensões, possui boas condições de trabalho. As salas de actividades são de reduzidas dimensões para os 25 crianças que nelas participam diariamente, tornando-se o espaço exíguo entre as diferentes áreas. Neste sentido, a biblioteca não existe nas respectivas salas, tendo sido aproveitado para o efeito um espaço no fundo de umas escadas. Por outro lado o acesso a este jardim efectua-se directamente para o refeitório, ou directamente para uma das salas, pelo que é necessário subir bastantes escadas quer no interior, quer no exterior do edifício. Esta situação torna-se bastante difícil para a generalidade das crianças e sobretudo devido à existência de crianças com dificuldades motoras, pelo que têm que ser transportadas ao colo várias vezes ao dia. No entanto, a existência de uma boa cozinha, um bom refeitório, Gabinete para as educadoras e a existência de uma sala de prolongamento garantem boas condições para a componente de apoio à família nomeadamente os almoços e o prolongamento. O recreio também não garante a segurança das crianças devido à existência de escadas com inclinação acentuada, bem como rampas muito próximas e que podem tornar-se perigosas. Como de costume e após um breve lanche preparado pelas nossas anfitriãs, iniciou-se a sessão tendo para o efeito preparado as mesas com três grupos distintos para a continuação do trabalho da sessão anterior.	Este Jardim de Infância, para além de se situar no interior de V. C., num lugar isolado e de difícil acesso, torna-se bastante longínquo para as educadoras nomeadamente do Agrupamento das "B" pelo percurso que tiveram que realizar. O grupo de educadoras de infância foi unânime quanto à apreciação sobretudo da dificuldade de acesso das crianças, pelo n.º elevado de escadas e agravado pela presença de crianças com dificuldades motoras. Pela observação deste Jardim de Infância verifica-se que apesar de bom mobiliário e material didáctico, as salas de actividades são exíguas face à grandeza dos outros compartimentos existentes. A existência de escadas bastante inclinadas e de rampas podem traduzir um perigo eminente para as crianças, pelo que todas concordam que a presença do educador no recreio é fundamental para a segurança

Após a síntese dos assuntos abordados nas sessões anteriores (relembrados devido ao interregno do período do Natal), procedeu-se à distribuição do Caderno 2 "Concepção de Currículo". O documento elaborado para discussão e reflexão sobre as concepções de currículo numa 1.^a fase fazia referência a vários autores consagrados como Leite, Alonso, Apple, Zabalza, D'Hainaut, Pacheco, Roldão,... Na 2.^a parte deste caderno apresentou-se um texto sobre o currículo formal/currículo oculto. Após a leitura individual, foi proposto a realização de um trabalho de grupo sobre as concepções de currículo. Como o caderno apresentado era extenso e para a maioria das educadoras tratava-se da leitura de autores desconhecidos e para o qual era necessário um maior espaço de leitura e interpretação, esta fase tornou-se um pouco morosa. No entanto, e após partirem para a discussão sobre os diferentes conceitos de currículo verificou-se um debate entusiasticamente vivido e reflectido de acordo com as práticas educativas de cada uma das educadoras. Foi portanto apresentado a cada grupo uma folha de registo sobre as conclusões de grupo. No entanto este trabalho não foi possível ser terminado devido ao diálogo intenso vivido entre todos os participantes do grupo, compreendendo de que forma os seus conceitos sobre o conteúdo proposto _ o currículo se aproximava ou se afastava das suas próprias concepções. Por se ter tornado num debate profícuo em cada grupo, não foi possível o debate em grande grupo pelo que finalizamos a sessão com o intercâmbio de ideias e experiências vividas pelos educadores de infância "num ambiente agradável e de intensa discussão".	das crianças. A organização da sala em três grupos distintos permitiu que as educadoras escolhessem livremente o grupo ao qual desejavam pertencer. Neste sentido verificou-se que na generalidade as educadoras ficaram agrupadas pelos três maiores Agrupamentos: "A"; "D" e "B/C". Como foi proposto do trabalho em pequeno grupo foi pedido um trabalho de análise e debate com base nos documentos apresentados no Caderno 2 _ seleccionando do texto os conceitos considerados relevantes, este trabalho caracterizou-se sobretudo pela implicação e pelo diálogo entre os diferentes intervenientes do grupo. A discussão em torno de cada modelo curricular constituíram um enriquecimento bastante forte, tendo cada grupo tentado "visualizar" situações concretas de trabalho dentro de cada modelo e o papel "exigido" ao educador e à criança dentro de cada modelo. O tempo disponibilizado para este trabalho apresentou-se bastante escasso, o que levou a alguns grupos a registarem apenas as ideias chaves e a elaborarem posteriormente o texto para apresentação ao grande grupo.
---	---

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 12

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A"; "B"; "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 4: (agenda)

- . Síntese das ideias abordadas na Sessão Anterior
- . Continuação da Análise do Caderno 2 "Concepção de Currículo"
- . Ponto da Situação Relativamente ao Trabalho de Grupo
- . Apresentação do Doc. Sobre "Modelos de Ensino – Aprendizagem"
- . Trabalho de Grupo "Análise de um dos Modelos Curriculares e modos de Actuação do Educador/Criança", Distribuídos Previamente.
- . Apresentação de um Painel (mesa redonda) com um Representante de cada Modelo Curricular
- . Análise Crítica da Sessão

Data: 2003/1/16

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 10 – Agrupamento Vertical "D"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
Esta sessão realizou-se no J. I. 10, pertencente ao Agrupamento Vertical "D". A sala do jardim de infância está integrada na escola do 1.º ciclo. É um edifício recuperado recentemente pelo que quer o espaço exterior, como as salas, refeitório, cozinha e gabinete de professores têm um óptimo aspecto. Apesar de existir uma das salas de jardim de infância em funcionamento presentemente uma nova sala está a ser montada prevendo-se a sua abertura para breve. A sala de jardim de infância onde se realizou a acção é bastante iluminada, com janelas enormes e luz natural. No entanto e por ser um edifício em pedra sente-se a sala um pouco fria e com humidade. Antecipadamente a sala foi preparada, contemplando-se a formação de três grupos. Para o efeito dispuseram-se as mesas em forma de quadrado para o trabalho de grupo. Num dos cantos da sala foi preparado o pequeno lanche e hoje as educadoras foram surgindo atempadamente para a reunião. Após a síntese dos assuntos abordados na última sessão e ultimados os trabalhos de grupo foram entregues à formadora. Seguidamente foi distribuído o documento sobre os Modelos de Ensino – Aprendizagem e aleatoriamente responsabilizou-se cada grupo para a exploração e análise de apenas um dos modelos previamente definidos. Foi referido ainda que a partir deste trabalho e responsabilizando uma educadora de cada grupo por defender num painel o modelo trabalhado. O objectivo deste painel seria: "Pretende-se abrir um novo Jardim de Infância nesta localidade e para isso torna-se necessário conhecer o modelo ideal, tendo em conta as necessidades	A organização da sala em três grupos distintos permitiu que, estes grupos fossem constituídos pelas mesmas educadoras da sessão anterior para a conclusão dos trabalhos.

e os interesses das crianças, conhecendo as suas vantagens/desvantagens". O trabalho em pequeno grupo tornou-se um pouco moroso devido à necessidade de se explorarem as características e tentando desvirtuar as potencialidades de cada modelo, bem como eleger a participante no painel. Antes do início deste trabalho foi pedido a um dos elementos de um dos grupos que se retirasse para exercer a função de Moderadora no Painel e portanto não sofresse influência de nenhum dos modelos. Por fim deu-se início ao painel tendo sido distribuído as seguintes funções: A11 – Moderadora A10 – Tradicional A7 – Técnico A1 – Sócio-Crítica Para este efeito foi preparado previamente a sala com a mesa para o painel ficando as restantes educadoras a observarem as diferentes intervenções e opiniões. Esta actividade tornou-se bastante interessante, pois para além de traduzir numa certa vivacidade na defesa da cada modelo pelas participantes no painel, questionavam-se e criticavam-se continuamente. A moderadora que pressupunha ser um elemento neutro e apenas questionador, deixou transparecer as suas próprias ideologias enquanto profissional, pelo que variadíssimas vezes lembraram o seu favoritismo relativamente a um dos Modelos. O grupo manifestou grande interesse pela actividade apresentada e no final, apesar o adiantado da hora, foi pedido às educadoras a análise individual da sessão.	O confronto de opiniões entre os diferentes modelos foi bastante defendido por cada uma das representantes. De salientar, que a moderadora deixou transparecer as suas próprias opiniões, não exercendo portanto um papel de total isenção de opinião. Por outro lado, a A10, foi um dos elementos mais intervenientes (por vezes exagerando o seu próprio papel) devido a ser uma pessoa bastante insegura e constantemente se auto-desvalorizar. Por outro lado, o facto deste jardim de infância ter a componente de apoio à família, nomeadamente o "Prolongamento de Horário", provocou um ruído de fundo com a entrada e saída dos pais e das crianças na sala anexa a esta, alterando o ambiente de concentração.
--	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 7

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 5: (agenda)

- . Síntese da Sessão Anterior
- . Realização do 'Brainstorming' sobre o papel do Educador
- . Apresentação do Caderno "O Educador – Gestor do Currículo"
- . Elaboração de um Quadro Colectivo sobre o Papel do Educador
- . Análise Reflexiva da Sessão

Data: 2003/2/18

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 7 – Agrupamento Horizontal "B"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
Este Jardim de Infância fica situado no centro da zona urbana de "B", em V. C. e fica situado num rés/do/chão de um dos edifícios desta localidade. A entrada e a porta é toda envidraçada para permitir uma melhor rentabilização da luz natural. Não possui um espaço exterior integrado no jardim, pelo que as crianças usufruem de um pequeno espaço composto por um parque infantil público em frente às instalações. O interior é bastante amplo e agradável e como foi adaptado recentemente para jardim de infância, possui material novo que apresenta um aspecto harmonioso e alegre. Para além da sala de actividades, este jardim de infância é constituído pelo gabinete da educadora, cozinha e refeitório tudo adaptado, higiénico e adaptado às suas características. As crianças que usufruem de prolongamento são deslocadas numa carrinha, para o jardim de infância dos Girassóis. Num dos cantos da sala encontra-se previamente preparado um requintado lanche. A sala para a acção de formação foi organizada, juntando várias mesas e cadeiras, formando uma mesa oval na qual se poderia trabalhar em grande grupo. Esta mesa foi colocada propositadamente frente a um quadro, pois este iria ser utilizado no decorrer da acção. Neste sentido a após o interregno de quase um mês, devido à minha deslocação à Irlanda, as colegas sentiam-se faladoras, alegres, com novidades e a trocar informações relativamente às candidaturas à Universidade Aberta, para realizarem o complemento de Formação, como também se encontravam preocupadas com sugestões para a elaboração das prendas para o dia do pai, da Mãe e da Páscoa.	Contrariamente aos diversos jardins de infância de V. C., este jardim não possui um espaço próprio e isolado das habitações para a instituição educativa. Contudo e, para além de situar num meio com bastante movimento, a sala tem umas condições de isolamento de ruídos e acústicas que permite a concentração no trabalho sem perturbação alguma com o que se passa no exterior. Para melhor rentabilização do tempo, foi colocada uma grande mesa, formada por um conjunto de mesas agrupadas em frente ao quadro, para a realização do trabalho em grande grupo. O convívio gerado nas diversas acções permitiu a troca e a colaboração entre as diferentes educadoras. Neste sentido e encontrando-se em período de candidatura à Universidade Aberta, as colegas sentiram necessidade de partilharem

Foi necessário, no dia de hoje um esforço acrescido para que as educadoras se concentrassem no conteúdo da sessão de hoje "O Educador como Gestor do Currículo". Neste sentido e após termos recapitulado alguns dos conteúdos já contemplados neste círculo de estudos, chegou o momento de abordarmos o papel do educador, no exercício da sua profissão. Através da técnica do 'Brainstorming' enumerou-se no quadro as funções que competiam actualmente às educadoras. Deste modo surgiram as seguintes questões: - Flexibilidade - Criar um ambiente acolhedor e seguro na sala - Ajudar a criança no desenvolvimento das suas potencialidades - Atender às necessidades para 'nivelar' - Observar - Avaliar - Coordenar: - Projectos _ Escola/Agrupamento _ Grupo/Turma - Dinâmica da sala - Liderar - Registrar - Planificar - Trabalho Administrativo/ Burocrático - Intercâmbio com: - Comunidade Educativa – Agrupamento - Grupo Profissional - Família - Autarquia - Troca de Experiência – Escola - Visitas - Dias festivos - Interdisciplinaridade - Reflexão - Sensibilidade Por fim foi apresentado o caderno 4, para análise e verificação dos papéis que competem ao educador, surgindo depois um debate em grande Grupo sobre as exigências verificadas a nível administrativo, a nível da planificação e ainda as 'exigências' que algumas autarquias e familiares estão actualmente a exercer e a pressionar as educadoras de infância. O tema é realmente polémico e surgem questões como: - Quem deve apoiar as crianças no período do almoço em locais de lugar único? - As monitoras do prolongamento deveriam ter uma formação mais elevada para proporcionarem actividades diferentes às crianças? - Compete ao educador a elaboração dos mapas de frequência dos almoços e ainda a quem compete receber o pagamento dos almoços das crianças? Sobre este assunto não na realidade consenso. Enquanto que umas colegas rejeitam o trabalho de apoio durante o almoço, outra há que consideram fundamental esse apoio por parte do educador. Relativamente a esse apoio a maioria das educadoras	informações como seja o currículo vitae, a entrega dos certificados das diferentes acções,.... e ainda tirando algumas dúvidas por quem se encontra a fazer formação através desta instituição. O assunto da sessão de hoje foi sem dúvida do agrado de todas as educadoras. Todas quiseram apresentar os inúmeros papéis desempenhados no quotidiano do seu trabalho. A disposição das mesas em forma oval, permitiu que todas as educadoras se vissem mutuamente e, talvez também tenha contribuído para uma maior abertura e diálogo entre as educadoras. Pena foi, que por esquecimento não tivesse sido possível a gravação desta sessão, que sem dúvida foi bastante participativa. A leitura do caderno permitiu que as educadoras relembassem aspectos anteriormente referenciados, sublinhando novamente a sua importância. Na verdade há uma grande heterogeneidade entre as posturas das educadoras face ao complemento de apoio à família. Relativamente à cobrança dos almoços verifica-se que estes deveriam ser realizados nos agrupamentos, ou nas autarquias. Por, outro lado, as educadoras deveriam recusar o apoio no período do almoço, pois este torna-se fundamental para o restabelecimento de energias, quer para a educadora, quer para as auxiliares. No entanto há
---	---

concorda que essa tarefa deveria ser desempenhada por tarefeiras, pois no período do almoço as educadoras e as auxiliares deveriam ter o direito de se ausentarem para até melhorarem o seu desempenho e trabalho na parte da tarde.

Quanto ao pagamento dos almoços, enquanto nalguns jardins de infância é realizado pela autarquia, nomeadamente a junta de freguesia, noutros locais esses trabalhos são realizados pela educadora, o que para além das suas tarefas habituais lhes acrescenta mais responsabilidades.

Ao longo deste diálogo foi acrescentado um ou outro item no quadro à medida que a conversa se ia desenrolando. Por fim e para finalizar a sessão faltava realizar a análise crítica da acção. No entanto e como as educadoras se encontravam agitadas, revoltadas com algumas das atitudes de alguns agrupamentos, outras, dos pais e ainda das autarquias, as educadoras não conseguiam concentrar-se para a realização dessa tarefa. Neste sentido, foi realizada uma actividade de dinâmica de grupo que consistia na "execução de uma pizza". Para isso, o grupo de educadoras formou um círculo estando todas voltadas para o mesmo lado, ou seja ficando de costas voltadas para a colega anterior. Posto isto e seguindo as instruções da formadora, foram-se seguindo os passos para a realização da pizza (amassar a farinha, colocar os diferentes ingredientes como: tomate, cebola, azeitonas, bacon, presunto, queijo..., ou seja nas costas da colega da frente ia-se simulando todos estes passos terminando esta actividade com a colocação da pizza no forno, ou seja empurrando a colega da frente com força. À medida que se confeccionava a pizza cada educadora tinha que amassar, apertar e colocar os ingredientes de forma simulada naturalmente. Na verdade esta actividade predispõe bem as pessoas e que para além de se rirem bastante, terminam cansadas. Por isso, quando lhes foi pedido para se sentarem novamente em grande grupo para análise da sessão, foi mais fácil conseguir-se a concentração desejada.

colegas que defendem o apoio incondicional neste período pelo serviço prestado pelas autarquias e pelas quais se sentem muito gratas. Contudo penso que as educadoras devem garantir uma coordenação relativamente ao apoio dos serviços de atendimento à família, no sentido de garantir a qualidade pedagógica desses serviços. No entanto esta coordenação não deve ser efectuada presencialmente pela educadora durante todo o tempo. Digamos que, este acompanhamento deverá ser efectuado à distância.

Sem dúvida que as educadoras se encontravam bastante empolgadas e algumas também revoltadas por não haver uma postura consensual relativamente aos aspectos de apoio à família. Por isso a ideia de ter efectuado esta dinâmica de grupo serviu para descomprimir e conseguir de novo um período de maior concentração para a análise da sessão.

Quando se apresenta a folha de registo para análise da sessão as educadoras parecem por vezes demonstrar que nada têm a referir e que não sabem o que devem escrever. Contudo, após breves minutos de reflexão, a análise começa a surgir e todas se manifestam colaborantes. No final a educadora responsável por este jardim ofereceu a cada participante na acção um raminho natural com flores de amendoeira, tendo sido um gesto simpático e do agrado de todas.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 6

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 6: (agenda)

- . Síntese da Sessão Anterior
- . Dinâmica de Grupo (distribuição dos diferentes elementos em três grupos)
- . Questões sobre Avaliação
- . Registo no Quadro dos Diferentes Âmbitos de Avaliação
- . Trabalho Individual, preenchendo um quadro com os âmbitos definidos anteriormente
- . Trabalho em Grupo: Preenchimento de uma Ficha de Registo, de acordo com os Trabalhos Individuais
- . Trabalho de Grande Grupo: Conclusões Gerais dos Diferentes Grupos
- . Análise Crítica da Sessão

Data: 2003/2/25

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 6-- Agrupamento Horizontal "B"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
O J. I. 6 foi construído recentemente de raiz, sendo constituído por quatro salas, denominadas pela sala amarela, sala verde, sala azul e sala rosa, identificadas pela decoração de cada sala. Após a preparação da sala rosa para a acção, preparando as mesas em três grupos distintos e uma das mesas para o respectivo lanche e, à medida que as educadoras iam chegando foram sendo convidadas pela educadora desta sala para tentarem decifrar a seguinte adivinha: É flor e amarela Gira sempre para o sol Tem coroa mas não é rei Como se chama, eu sei, É o..... (Girassol) No final e após terem decifrado a adivinha foi oferecido a cada educadora um girassol executado em papel de crepe, com a identificação do Jardim de infância. De seguida fomos convidadas para uma visita às instalações deste jardim de infância. Para além de ser um edifício alegre, bem decorado é constituído por duas casas de banho que dão apoio para cada duas salas, um gabinete de atendimento, um refeitório, cozinha e ainda um espaço para a prática de exercícios de motricidade. Existe ainda um espaço para o prolongamento do horário das crianças. Todo o edifício é bem arejado e com janelas grandes o que permite usufruir de luz natural. Para além do mobiliário novo, as salas estão bem apetrechadas com material didáctico de qualidade, o que permite constatar óptimas condições de trabalho. O portão de entrada está sempre	Este jardim de infância encontra-se bem equipado e apetrechado. A decoração de cada sala por cores distintas dão um aspecto agradável e alegre às instalações. A localização das casas de banho anexas à sala permite uma maior eficácia e rapidez no uso das mesmas. A criatividade das educadoras é sobretudo uma das suas qualidades e a forma como foram sendo recebidas, bem apresentadas com o girassol, tornou-se gratificante. A presença de cozinha, refeitório e prolongamento garantem a este jardim de infância o prolongamento do horário (apoando as famílias de que nela necessitam quer deste jardim de infância, quer do J. I. 7 sem terem

fechado, e tem um sistema de video-vigilância. Procedeu-se de seguida a um exercício de dinâmica de grupo para a formação dos grupos pedindo-se às colegas que se colocassem em círculo no meio da sala. De seguida e de forma rotativa foi atribuído um n.º a cada educadora: 1, 2, 3, e 1, 2, 3,... e assim sucessivamente pedindo que memorizassem esse n.º atribuído. No final foi pedido às pessoas a quem tinham sido atribuídos o n.º 1 que se colocassem em determinada mesa e o mesmo acontecendo aos outros grupos.

Após os grupos formados foi apresentada uma recapitulação dos trabalhos das anteriores sessões, mencionando que por facilidade de trabalho o assunto de hoje seria destinado à avaliação. Neste sentido foi pedido aos grupos que pensassem nos aspectos que deveriam ser contemplados no momento da avaliação. Assim e com a participação de vários elementos o quadro ficou preenchido através da técnica Brainstorming do seguinte modo:

PARA QUE?

QUEM? O QUÊ?

AVALIAR

QUANDO? COMO?

Passou-se de seguida para a execução de um trabalho individual sobre a representação que cada educadora tem acerca da avaliação, tentando responder aos itens anteriormente estabelecidos. Este momento foi vivido em silêncio e com bastante reflexão, tentando preencher esses itens em forma de quadro. Foi distribuído de seguida o Caderno 5 "Avaliação", individualmente a cada educadora, passando depois por uma leitura de grupo deste documento.

Entretanto, foi distribuído a cada grupo uma folha de registo para preenchimento dos itens de cada elemento do grupo. Este trabalho tornou-se um pouco moroso devido à discussão de certos elementos sobre o entendimento que faziam dos diferentes âmbitos referidos.

No final foi preenchido no quadro a conclusão geral do grupo sobre os diferentes itens e foi vivido com certa polémica, proferido por algumas educadoras nomeadamente:

A5 "Como é que podemos registar as avaliações e observações que vamos realizando quotidianamente?"

A3 "Tenho um menino que está pouco desenvolvido a nível de registo gráfico e a nível comportamental e apresento os registos da criança aos pais para os sensibilizar para pedirem o adiamento do filho, e eles não "percebem" e não são sensíveis à nossa avaliação?"

A12 "Como é que eu posso registar quotidianamente todas as 25 crianças que tenho na sala? A avaliação só é possível no final de cada trimestre!"

A11 "A avaliação deve ser feita a partir da observação das

necessidade de partilharem os mesmos espaços da sala de actividades, o que é óptimo.

A necessidade que os grupos de trabalho fossem construídos o mais heterogéneos e diversificados possíveis levou-me a realizar uma actividade de grupo que permitisse em forma de jogo possibilitar a tão desejada diversidade.

A participação das educadoras com as sugestões dos diferentes itens referentes à avaliação levou-as a reflectir em torno desta temática, num momento em que os discursos actuais quer nos documentos, quer pelas exigências dos Agrupamentos são confrontadas as educadoras. Esta sessão permitiu às educadoras confrontarem-se com um sistema de indicadores que devam estar presentes nos momentos de avaliação, tendo sido um debate rico, pela pluralidade de "olhares" sobre estas questões.

crianças! Como fazer estes registos de modo simples, correcto e eficaz?" A2 "Devemos elaborar fichas de avaliação para entregar aos pais? Ou aos professores? Para quê? Para eles, depois nos criticarem aos pais a dizer, que não concordam com a nossa avaliação? É preciso ter muito cuidado!" A9 "Para mim a avaliação transmitida aos pais e às professoras deve ser oral! Não há o 'perigo' do registo escrito, embora devamos proceder sempre à avaliação escrita de cada criança para nos ajudar, ou para quando nos pedirem como é o caso da inspecção!" A7 "Considero fundamental a avaliação das crianças e penso que deve ser dado este parecer numa ficha aos pais e aos professores! Não devemos ter medo e devemos ser muito profissionais. Devemos ter cuidado de modo como escrevemos as nossas avaliações para não sermos mal interpretadas!" O debate em torno destas questões foi bastante produtivo, embora não houvesse consenso nomeadamente quanto à forma dos seus registos e ainda se, se deveria entregar uma ficha de avaliação aos pais e/ou Agrupamentos. No final da sessão e embora as educadoras manifestassem o desejo de prolongar ainda este assunto numa das próximas sessões, foi distribuída uma ficha de registo para análise individual da sessão.	No final, e embora considerasse que este assunto deveria ser ainda mais explorado, (pois sentia-se a necessidade das educadoras "observarem" concretamente como se procederia para observação e avaliação das crianças), procedeu-se a uma síntese avaliativa desta sessão.
---	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 4

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A"; "B"; "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 7: (agenda)

- . Síntese das Ideias que Atravessaram a Planificação Apresentada numa das Sessões anteriores
- . Distribuição a cada Educadora da sua Planificação
- . Distribuição da Planificação Organizada em Forma de Quadro
- . Reflexão Individual sobre os processos Educativos/ Planificação
- . Trabalho em pequeno Grupo para Elaboração/Enriquecimento da Planificação Individual de cada Educadora
- . Síntese Avaliativa da Sessão

Data: 2003/3/11

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 4 – Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
O J. I. 4 é constituído por uma sala de actividades e em anexo encontram-se cozinha e o refeitório. Este jardim de infância apesar de estar isolado, pois não existem na proximidade casas possui, devido à sua localização geográfica, uma vista panorâmica excelente para a generalidade da freguesia, onde predomina ainda o verde dos campos e das florestas em seu redor. Num ambiente quase paradisíaco, este jardim de infância usufrui de um recreio exterior enorme, onde predominam bastante flores e arbustos. A sala de actividades, embora não seja muito grande está uniformemente distribuída, com áreas bem demarcadas, separadas com a colocação de algumas peças de mobiliário. Todo o material é bastante colorido, tornando a sala airosa e alegre e muito bem organizada. As paredes e os placares, estão preenchidos com os trabalhos das crianças (individuais e colectivos) tendo as colagens o seu grande domínio. Tal como aconteceu nas anteriores sessões, o início consistiu na apresentação das instalações. A sala de actividades encontra-se separada do edifício que se destina à cozinha e ao refeitório. O espaço exterior é bastante grande, o que permite uma ampla movimentação das crianças, permitindo a execução de jogos e brincadeiras ao ar livre. Existe ainda uns canteiros bem arrançados, que tornam estas instalações muito bonitas. O lanche foi colocado harmoniosamente num dos cantos da sala, enquanto que já tinha sido previamente organizado os três grupos distintos para a realização do trabalho em grupo. Após o lanche, que se realizou num curto espaço de tempo devido à solicitação da educadora, procedeu-se ao início da sessão e para tal foi solicitado um jogo de dinâmica de grupo.	A separação das diferentes áreas de trabalho através do mobiliário é quase uma constante nos jardins de infância, sobretudo aqueles que tem um espaço bastante limitado. Neste sentido a educadora coloca lateralmente o mobiliário demarcando deste modo os espaços.

Neste sentido, o grupo de educadoras deveria memorizar as seguintes palavras: currículo, criança e educadora. À medida que ouvissem essas palavras teriam que se organizar em grupos de 4, 3 e 2 respectivamente. Após a repetição deste jogo, várias vezes, e depois de verificar uma certa heterogeneidade dos grupos foi pedido através da palavra currículo a organização dos grupos com quatro elementos. Deste modo, foram formados os grupos tendo-se sentado nas mesas respectivas. Quando todas as educadoras se encontravam devidamente acomodadas, foi relembrada a sessão na qual cada elemento elaborou em linhas gerais a sua planificação. Neste sentido explicou-se aos presentes que se procedeu, tendo em conta todos os itens enumerados pelas diferentes educadoras. Neste sentido e com a nova organização da planificação distribuiu-se a cada educadora a sua planificação anterior, a planificação apresentada em forma de quadro, para analisarem os diferentes conteúdos e verificarem se todos os aspectos tinham sido contemplados. Após estes breves minutos de análise e observação, distribuiu-se a cada educadora uma folha de análise sobre a planificação para registo crítico sobre cada trabalho apresentado. Neste sentido, as educadoras puderam constatar os aspectos mais contemplados, os aspectos omitidos, e outros que pensando que estavam mencionados foram esquecidos. Depois do registo crítico desta análise pediu-se a cada educadora que com a ajuda do grupo completassem e/ou enriquecessem cada planificação de modo a "perceberem" como podem ser integradas dentro do mesmo projecto as diferentes áreas de conteúdo. Este trabalho tornou-se bastante longo, pois para além das ideias e sugestões apresentadas suscitam por vezes discussões sobre o modo como devem apresentar. Na realização deste trabalho, a formadora teve necessidade de percorrer constantemente os diferentes grupos para sugerir ou interpretar algumas das propostas apresentadas. Pela morosidade deste trabalho, pois não foi possível realizar esta tarefa para todos os elementos foi solicitada que na próxima sessão seria exclusivamente destinada ao preenchimento da planificação individual de cada educadora. Por este motivo não foi realizada a análise da sessão, pelo que se acordou que seria realizada no final deste assunto.	A utilização da dinâmica de grupo para a formação de grupos de trabalho, teve como principal função torná-los os mais heterogéneos possíveis para melhor interacção e proporcionar momentos de discussão. Foi uma das estratégias apresentadas para que as educadoras que já estão habituadas a trabalhar em conjunto há longos anos, possibilite um maior confronto e questionamento. A reacção de cada educadora perante o quadro apresentado com a sua planificação, foi para a grande maioria de perplexidade. Por um lado, pensavam que tinham integrado todas as áreas de conteúdo, por outro lado algumas ficaram a perceber o elevado n.º de itens negligenciados ou esquecidos no momento da elaboração da planificação, embora o contemplem no quotidiano do jardim de infância. Realmente esta tarefa tornou-se bastante interessante e surgiram comentários tais como: A12 "Eu tenho muitas falhas! Nunca pensei que me esquecesse de tantos aspectos." A7 "Não mencionei a Área de Formação Pessoal e Social, pois para mim isso é inerente à nossa prática profissional". A13 "Já viste quantas falhas que eu tenho! Eu bem digo que tenho dificuldades em planificar!" A8 "Para mim trabalhar com as crianças não é problema! Mas, passar para o papel aquilo que faço, isso sim é que me custa!" A10 "Nunca pensei que quisesses uma planificação tão completa! Por isso, só escrevi o que me lembrei. Se calhar, é por isso que estes trabalhos são importantes! Despertam-nos para as nossas falhas!"
--	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 2

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/Formadora: Arlete

Sessão n.º 8: (agenda)

- . Trabalho de Grupo: Continuação do trabalho iniciado na última sessão (Elaboração de cada Planificação tendo em conta as Áreas de Conteúdo e os seus respectivos Domínios)
- . Identificação das Actividades Apresentadas nas Planificações e sua Integração nas Diferentes Áreas de Conteúdo
- . Análise Crítica da Sessão

Data: 2003/3/18

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 2 – Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
Como a generalidade dos Jardins de infância são do desconhecimento da maioria das educadoras, procede-se sempre numa fase inicial à visita das instalações de cada instituição. O J. I. 2, situa-se no edifício da Junta de freguesia. Assim, é na cave que se situa a cozinha e o refeitório e no rés-do-chão situa-se a junta de freguesia, no lado esquerdo da entrada principal, situando-se do lado oposto um café de exploração dessa mesma autarquia. Na parte superior, ou seja no 1.º andar situa-se o jardim de infância. Embora não seja um espaço reservado apenas ao jardim de infância a sal de actividades, é bastante airosa com grandes janelas, o que proporciona bastante luz natural. O edifício com proporções adequadas quer à organização da sala pelas diferentes áreas, possibilita ainda a deslocação das crianças sem dificuldade. A sala está bem organizada, com um aspecto arrumado e agradável, cujos placares se encontram preenchidos com os diversos trabalhos das crianças. Um dos cantos da sala já está cuidadosamente preparado com o lanche para a recepção das educadoras. Procedeu-se de seguida à organização das mesas, em três grupos distintos para a continuação do trabalho da sessão anterior. Neste sentido e após o referido lanche deu-se início à sessão relembrando o trabalho anteriormente elaborado e explicando às educadoras que tinham faltado na sessão anterior, a sua planificação elaborada numa das primeiras sessões e a organização desta em forma do quadro. Após se ter explicitado a necessidade de se planificar todas as áreas de conteúdo e os seus respectivos domínios de acordo com cada tema seleccionado. O objectivo pretendido é que cada educadora, independentemente do projecto seleccionado para cada jardim de infância, consiga identificar cada área de conteúdo e os seus respectivos domínios. Neste sentido foram várias as solicitações dos	A participação das educadoras na acção de formação tem sido pautada pela pontualidade. Por um lado porque o início da sessão é marcada pela visita às instalações e por outro lado porque se destina um curto espaço de tempo o lanche. Hoje, particularmente o grupo encontrava-se um pouco triste e apreensivo pela morte trágica do irmão de uma das educadoras participantes na acção. O facto de se tratar de um jovem, com uma filha pequena deixou o grupo de educadoras bastante sensibilizado com a tragédia. Foi só com o início da sessão propriamente dito que se "esqueceu" o incidente recentemente ocorrido. Houve necessidade novamente de se explicar o trabalho realizado na sessão anterior e "relembrar" o objectivo de preencher todas as colunas do quadro, bem como organizar as actividades planeadas e organizá-las dentro das três Áreas de Conteúdo e subdividi-la

diferentes grupos sobre as dúvidas nesta planificação. No final, conseguiu-se que todas as educadoras vissem o seu projecto enriquecido com as intervenções e ideias dos outros elementos do grupo. Este trabalho demorou bastante tempo, pois na verdade tornava-se necessário perceber e enquadrar as actividades integradas em cada área de conteúdo, o que para algumas educadoras tornou-se numa tarefa difícil. No final do trabalho, e por solicitação das educadoras, pretendeu-se, que após proceder à computadorização das planificações fossem fotocopiadas para cada elemento, os diferentes projectos, ou seja a primeira versão realizada pelas educadoras individualmente e as planificações trabalhadas em grupo. Esta sessão pautou-se pela implicação e diálogo entre os diferentes participantes do grupo, na construção de cada planificação de acordo com os projectos, necessidades dos alunos e as situações de aprendizagem, tendo em conta a interdisciplinaridade. Esta sessão contribuiu para o intercâmbio de ideias e de práticas educativas que para além de unir o grupo na implicação das planificações, permitiu a resolução de dúvidas como seja a colocação na folha de registo algumas das actividades elaboradas pelas educadoras.	nos seus Domínios. O objectivo pretendido é que em grupo, todas as educadoras pudessem completar de um modo mais rico possível cada projecto inicialmente apresentado. Neste sentido o grupo está a tomar decisões conjuntas em termos de planificação. Como se tratava da continuação da sessão anterior, as educadoras continuaram a trabalhar nos mesmos grupos da sessão passada. Na verdade o grupo estava entusiasmado. A A11 aproveitou e tentou explorar ao máximo a sua planificação em casa, o que lhe permitiu apoiar as colegas neste trabalho, embora seja para ela muito difícil trabalhar para os outros quando a sua realização não lhe traz benefícios directos para ela. Verifiquei que nalguns grupos há ainda uma certa confusão entre objectivos e competências. Pela análise dos grupos verifica-se que existem dificuldades entre actividades e estratégias.
No final da sessão foi solicitado ao grupo a análise crítica sobre as sessões destinadas à planificação, ou seja relativamente à anterior e à actual, pedindo-lhe que expusessem as suas ideias e os seus conceitos sobre o assunto.	“Mergulhadas” no enriquecimento das diferentes planificações, as educadoras estiveram muito implicadas e entusiasticamente participantes e colaborantes com sugestões e ideias em cada planificação. Quando decorre o trabalho de grupo não é possível, ou audível o que as educadoras falam em grupo. Estão a trabalhar e falam em tom baixo para não perturbarem o grupo. No final da sessão todas as educadoras viram o seu trabalho enriquecido e concluíram que a apresentação das planificações em forma de quadro, permite uma melhor visualização das diferentes áreas, o que permite contemplar todas as vertentes.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 1

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/ Formadora: Arlete

Sessão n.º 9: (agenda)

. Breve Síntese da Sessão Anterior

. Análise e Confronto entre o que pensam as Educadoras e o que dizem as Orientações Curriculares sobre:

- Educação
- Currículo
- Papel do Educador

. Análise Crítica Individual de cada Conceito Apresentado

Data: 2003/5/20

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 1 Agrupamento Horizontal "A"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
A sessão de hoje realizou-se mais uma vez no Jardim de Infância 1, por se tornar central para a generalidade dos jardins de infância. Foi interessante observar que devido ao interregno de dois meses que o grupo manifestava um certo contentamento por se encontrarem de novo. Após a troca de algumas conversas informais foi curioso observar algumas das conversas sobre algumas das actividades realizadas com as crianças sobre a Primavera, sobre a Páscoa despertadas pelo diálogo a propósito de alguns dos trabalhos expostos. Na verdade nesta sala "respira-se" Primavera por todos os cantos. Após um requintado lanche oferecido pela educadora A6 e de algumas conversas parcelares, iniciou-se o trabalho fazendo em linhas gerais uma pequena resenha do trabalho desenvolvido até ao momento. Tal como a Dr.ª Teresa tinha referido foi foram proferidas palavras de agradecimento pelo trabalho desenvolvido pelo grupo e o seu grau de aprofundamento e reflexão.	É interessante observar como o grupo se tornou coeso ao longo das várias sessões. Apesar da maioria nunca ter trabalhado, e sobretudo por não se conhecerem no início desta formação como demonstram um certo carinho ao se encontrarem de novo. O lanche foi oferecido pela educadora A6, pois esta considerou mais conveniente não nos encontrarmos no seu jardim devido a alguns atritos com a presidente do conselho executivo e porque a sua sala durante esse período estava destinado ao prolongamento de horário.
Neste sentido explicou-se ao grupo que se tinham analisado todos os documentos elaborados pelas educadoras e que se tinham elaborado uns quadros que confrontavam por um lado o que pensavam as educadoras em comparação com o que referiam as orientações curriculares a propósito das diferentes temáticas. Neste sentido foi proposto a cada educadora que individualmente esboçassem uma análise crítica sobre cada conceito apresentado. Após cada educadora possuir o documento nas suas mãos foi engraçado observar como se preocupavam em verificar se, se enquadravam ou não dentro das linhas gerais das	As educadoras ficaram estupefactas quando lhes foi distribuído o documento referido ao confronto dos diferentes conceitos, sobretudo porque nunca pensaram que lhes fosse devolvendo partes significativas das suas reflexões. Durante breves momentos fez-se um grande silêncio enquanto as educadoras individualmente procediam à leitura do

orientações curriculares. Por isso quer em situações em que se aproximavam, quer quando se afastavam destes conceitos pronunciavam com espanto algumas frases mais exemplificativas. Neste sentido iam pronunciando com satisfação os seguintes comentários relativamente ao primeiro item, a educação: A7_ Olhem nós estamos muito bem neste conceito! Os principais pontos nós fomos abordando, embora não tivéssemos mencionado o aspecto referente às despistagens. A5 _ Mas sabes esquecemo-nos de falar da família e se é coisa que fazemos é trabalhar com a família! A2 _ Podemos inferir que atendemos a esse aspecto, mas não fomos muito explícitas! Depois da análise individual e depois de proferirem alguns dos aspectos mais relevantes foi distribuído um documento individual para que cada educadora reflectisse as suas principais conclusões. Este momento tornou-se um pouco moroso, pois por vezes as educadoras tinham necessidade de relerem uma vez mais o documento para que nada escapasse. Após cada educadora ter entregue a sua reflexão procedeu-se à distribuição de um novo conceito: O currículo. O processo foi idêntico! Foi novamente proposto que lessem este item e que comparassem o que as educadoras pensavam com este conceito relativo às orientações curriculares. Sobre este aspecto as educadoras foram referindo a necessidade de não possuírem um único modelo. Foi ainda salientado que independentemente do modelo escolhido era importante atendermos ao tipo de crianças que possuíamos. Foi assim proferido as seguintes frases: A8_ O importante é cada educadora ser flexível no seu trabalho! Ainda porque as orientações curriculares são gerais e abrangentes! A2 _ Acho que as orientações curriculares nos alertam para novas atitudes, novas praticas e uma certa ponderação. No fundo é sermos mais reflexivas e críticas sobre o nosso trabalho. Foi pedido de seguida que cada educadora reflectisse de novo individualmente sobre este novo conceito. Para isso foi distribuído uma nova folha para escreverem as suas conclusões. Começou-se a observar que com o adiantado da hora o grupo começou a ficar mais agitado e impaciente. A educadora A9 tinha necessidade de sair um pouco mais cedo e queria deixar o trabalho terminado. Ao sentir-se uma maior agitação as educadoras têm mais dificuldade em se concentrarem. Foi pedido por isso que fizessem de novo silêncio para uma maior rentabilidade no seu trabalho. À medida que as educadoras iam entregando as suas reflexões foi sendo distribuído um novo documento sobre o papel do educador. Na verdade a sessão já ia um pouco longa e devido á hora já um pouco tardia foi pedido que cada educadora reflectisse em casa sobre este conceito.	documento. Apesar das citações de cada educadora estarem codificadas gostaram de perceber as diferentes dimensões em que se aproximavam ou afastavam das orientações curriculares. O trabalho que cada educadora procura fazer é um trabalho sério. Elas concentram-se nas suas análises e consegue-se um silêncio quase total. Na verdade gostaria de poder filmar este momento. Penso que só se consegue esta concentração e após um dia de trabalho quando o assunto é significativo a nível pessoal ou profissional. A espontaneidade dos comentários surge quase sempre das mesmas educadoras. Uma tornam-se verdadeiramente críticas como A11, A2 e A7 e outra pelo contrário sobressaem do grupo pela falta de sentido crítico. Este espírito também se educa e na verdade somos herdeiras de uma cultura da conformidade, da aceitação e pouco sentido reflexivo. Por vezes ainda dá a sensação de alguma timidez e na verdade este grupo já se tornou amigo. A importância do momento reservado ao lanche até por este aspecto se tornou enriquecedor, pois é possível fazer de certo modo um contraste entre cada educadora no momento do lanche e nos momentos de trabalho. A educadora A12, A14 que são bastante extrovertidas durante o lanche, criando boa disposição, durante os momentos de trabalho são bastante reservadas limitando-se apenas a concordar com a opinião de outras e educadoras.
--	---

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I. 8

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A"; "B"; "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/ Formadora: Arlete

Sessão n.º 10: (agenda)

- . Breve Síntese da Sessão Anterior
- . Análise e Confronto entre o que pensam as Educadoras e o que dizem as Orientações Curriculares sobre:
 - Processos/Educativos
 - Áreas de Conteúdos
 - Avaliação
- . Análise Crítica individual de cada Conceito Apresentado
- . Análise Crítica destas últimas Sessões
- . Preenchimento de Avaliação da Formação

Data: 2003/5/26

Hora: 15H 45M _ 19H

Local: J. I. 8 - Agrupamento Vertical "D"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
A sessão de hoje situa-se num jardim de infância integrado numa escola do 1. Ciclo. Quando as educadoras chegaram, já não havia crianças e por isso já reinava uma certa acalmia só perturbada pelo barulho das auxiliares da acção educativa a fazerem os seus trabalhos de limpeza. A sala de jardim de infância foi transformada de uma sala de 1. Ciclo agora adaptada a novas funções. A educadora A13 muito atenciosamente foi apresentando as suas instalações e um espaço polivalente na sala anexa destinado a exercícios de psicomotricidade e para a área de construções. À medida que íamos conhecendo os espaços interiores e exteriores do edifício foi-nos acompanhando um cheiro agradável que nos fazia antever algo de muito apetitoso ao lanche. No final da visita deparamo-nos com um delicioso lanche cuidadosamente preparado para nos deliciarmos com produtos tipicamente transmontanos, visto que as colegas eram oriundas desta região do país. Como este jardim de infância se situa no extremo deste concelho, houve uma certa dificuldade em chegar a este local sobretudo para aquelas colegas que trabalham no outro extremo da cidade e por isso têm de atravessar o concelho, o que não é tarefa fácil. Depois do lanche as educadoras entregaram as análises reflexivas sobre o papel do educador que as educadoras se comprometeram a fazê-lo em casa. Após este momento iniciamos a sessão relembrando os parâmetros analisados na última sessão bem como a metodologia efectuada. Neste sentido continuamos o nosso trabalho passando à distribuição relativamente aos processos educativos/planificação. Sobre este assunto as	Em contraste com os outros jardins de infância visitados este espaço é mais sombrio devido quer à própria escola, quer também ao próprio mobiliário que é bastante velho. No entanto a educadora A13 procurou dar um pouco de "brilho e cor" a esta sala distribuindo trabalhos bem alegres elaborados pelas crianças. Este grupo de trabalho é bastante responsável. Todas as educadoras trouxeram a reflexão sobre o papel do educador. Esta atitude demonstra bem como este assunto lhes interessa e como também se tornaram cooperantes com a minha investigação. É

educadoras sublinharam que as actividades programadas devem estar de acordo com os interesses das crianças numa perspectiva de formação global do indivíduo. Salientou-se ainda a dificuldade das educadoras registarem as suas actividades e ainda a intenção que preside na organização do seu trabalho. Foram registados os seguintes comentários:

A4 _ A nossa maior dificuldade é passarmos para o papel o que fazemos!

A10 _ As educadoras muitas vezes não passam para o papel aquilo que muitas vezes está subjacente ao seu trabalho.

A6 _ Sobre este aspecto as educadoras estão de acordo com as Orientações Curriculares, porque atendemos aos interesses das crianças. É claro que temos sempre aspectos menos perfeitos como é o caso do registo. Temos que reflectir sobre isto!

A3 _ Nós que trabalhamos tanto com a comunidade educativa, com os pais, as autarquias e depois esquecemo-nos de a referir na planificação!

(Após alguns comentários as educadoras passaram para o papel as suas reflexões/conclusões entregando-as à formadora à medida que iam terminando).

Um novo documento foi entregue referindo-se às áreas de conteúdo pedindo-se às educadoras o mesmo procedimento ou seja, lerem este documento e confrontá-lo com aquilo que vem mencionado nas orientações curriculares. Em seguida propunha-se que reflectissem individualmente e por escrito sobre este item. Durante o período de leitura algumas educadoras foram mencionando:

A9 _ Ainda estamos longe do que nos falam as Orientações Curriculares! Até parece que só trabalhamos as áreas das expressões!

A12 _ Eu acho que não trabalhamos todas as áreas porque não temos condições materiais e se calhar até espaciais para o fazer!

A14 _ Penso que nem sempre temos os recursos necessários para trabalharmos todas as áreas, por outro lado se as educadoras não trabalhassem sozinhas podia ajudar bastante.

A13 _ Eu acho que aqui se confirma que trabalhamos mais umas áreas do que outras. Acho que o fazemos e nem nos apercebemos.

O grupo foi referindo que neste âmbito as educadoras ainda não estão enquadradas nas orientações curriculares, pois na generalidade ignoram umas áreas e dimensões em detrimento de outras. No final foram registando individualmente as suas reflexões.

Por último e embora o grupo já manifestasse um certo cansaço ficaram entusiasmadas pelo documento da avaliação ser pouco extenso. Passaram de seguida à sua leitura pois sabiam que ainda havia um novo trabalho para efectuarem. No entanto a discussão ainda foi uma vez mais levantada acerca da importância de se entregar ou não a avaliação aos pais ou aos professores do 1. ciclo. Sobre este assunto na verdade existem dois grupos distintos, aqueles que consideram importante esse trabalho e aqueles que consideram um "perigo" para os educadores pois pode ser mal interpretado pelos pais e ainda pelos

nestes momentos que me sinto muito bem no papel de formadora. Há uma grande reciprocidade e uma empatia grande entre formador e formandas. Gosto mesmo de ser formadora!

Como eu concordo com as conclusões das educadoras! Trabalhamos com a comunidade educativa, os pais têm uma participação tão importante no dia a dia do jardim de infância e depois não registamos a sua intervenção. Não é desvalorização do seu papel mas deve-se a uma falha no registo das nossas actividades. Temos mesmo que reflectir sobre estas razões!

É curioso ouvir falar da falta de condições materiais para trabalharmos todas as áreas. Por vezes penso que as educadoras não sabem o quê nem em que dimensões podem trabalhar as áreas e os domínios. Gostei de ouvir os comentários acerca das condições espaciais! Pertencem a educadoras que trabalham em jardins construídos de raiz e são de construção recente. (um dos casos tem dois anos)

Na verdade as educadoras apresentam lacunas nesta área. Por isso concordo com as palavras de A6, A13 e A4 quando afirmam a importância do trabalho de grupo para uma melhor reflexão e para enriquecer o nosso trabalho!

colegas pois a maioria ainda desconhecem o trabalho dos educadores. Um dos aspectos que foi levantado pelas educadoras foi a avaliação da própria actuação das educadoras e da avaliação da planificação. Como referiu a A9: _ Nas Orientações Curriculares também se refere à avaliação da planificação. Neste aspecto nós nem pensamos, pois sempre que falamos em avaliação pensamos apenas nas crianças. A5 _ É verdade, pensamos sempre nas crianças mas a avaliação da planificação também é importante! Outro aspecto referido é o facto da avaliação do trabalho poder ser efectuado através da apresentação do trabalho feito pelas crianças. No final deste diálogo foi elaborado individualmente uma reflexão acerca desta temática, que depois foi sendo entregue à formadora. Após todas as educadoras terem entregue as reflexões foi ainda proposto às educadoras uma análise destas duas últimas sessões acção da formação que tiveram como objectivo o confronto sobre os diferentes itens mencionados nas orientações curriculares. Após esta análise e embora já fosse um pouco tarde as educadoras concordaram em realizarem a avaliação deste círculo de estudos, tendo para isso sido lembrados os objectivos, metodologia,... que tinha sido apresentadas na 1.ª sessão. À medida que foram terminando esta avaliação as educadoras foram entregando e retirando-se deste jardim de infância.	Sobre o trabalho das educadoras de infância e numa perspectiva também avaliativa considero que a apresentação aos pais ou à comunidade dos trabalhos realizados nos jardins de infância seria benéfico para avaliar os aspectos mais positivos e os menos conseguidos e ainda para que a comunidade educativa melhorasse a imagem que possuem da educação de infância. Foi proposto esta análise para perceber individualmente como cada educadora "sente" este confronto. No fundo trata-se de perceber como vêem este distanciamento e que razões atribuem. Tendo em conta que algumas educadoras necessitavam do certificado da formação com alguma brevidade foi solicitada a maior compreensão no sentido que de efectuarem neste dia a avaliação.
--	--

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE DAS SESSÕES DE FORMAÇÃO

CÓDIGO_ J. I.

Participantes: Educadoras de Infância dos agrupamentos Horizontais "A", "B", "C" e Agrupamento Vertical "D"

Observadora/ Formadora: Arlete

Sessão n.º 11: (agenda)

. Breve Síntese da Sessão Anterior

. Análise e Confronto entre o que pensam as Educadoras e o que dizem as Orientações Curriculares sobre:

- Educação
- Currículo
- Papel do Educador

. Análise Crítica Individual de cada Conceito Apresentado

Data: 2003/7/14

Hora: 15 _ 18H

Local: J. I. 9- Agrupamento Vertical "D"

Descrição das Situações e Comportamentos	Comentários/Inferências
A acção de hoje iniciou-se um pouco mais cedo do que é habitual pelo facto das educadoras estarem a participar com as crianças nas colónias balneares. Todas as educadoras foram chegando pontualmente e como de costume começaram por apreciar os trabalhos expostos nesta sala. Embora já se notasse a falta de alguns trabalhos das crianças nos diferentes placares, em virtude de já nos encontrarmos no final do ano lectivo e a educadora já estar a organizar as capas dos trabalhos das crianças, ainda foi possível observarmos alguns trabalhos colectivos e fotografias de alguns eventos realizados ao longo do ano lectivo. Observamos ainda uma aparelhagem de música oferecida às crianças deste jardim de infância devido à participação no trabalho sobre a deficiência. Como as mesas de trabalho já estavam preparadas foram sentando-se e preenchendo o quadro com os dados relativos às características profissionais e pessoais das educadoras de infância envolvidas neste grupo. Num dos cantos da sala já se encontrava uma pequena mesa decorada e preparada para um requintado lanche. Entretanto a auxiliar da acção educativa iam completando a mesa com mais alguns petiscos que iam trazendo de sua casa acabadinhos de serem confeccionados. Após o preenchimento do documento sobre a caracterização do grupo de educadoras procedeu-se à distribuição pelas educadoras de alguns documentos fotocopiados para enriquecerem os seus dossiers com o material produzido pelo grupo. Iniciou-se a sessão por agradecer a todas as colegas este "Percurso reflexivo sobre as Orientações Curriculares" ao longo do círculo de estudos. Realçou-se o clima de abertura, de interacção e reflexão valorizando-se o clima	A educadora A2 estava radiante pela oferta deste aparelho de música. No fundo trata-se do reconhecimento da comunidade pelo trabalho realizado no jardim de infância. A auxiliar da acção educativa deste jardim de infância vive numa casa em frente do jardim de infância. Por este facto organizou com a educadora este delicioso lanche que para maior comodidade preferiu confeccioná-lo em sua casa. As educadoras manifestam já um certo cansaço nos seus rostos! Por um lado porque a participação nas colónias balneares é um trabalho bastante

encontrado neste percurso. Nesta sessão as educadoras pensavam encontrar alguma individualidade da faculdade ou até minha própria orientadora. Talvez esta ideia surgisse visto que nas sessões de encerramento da formação continua ser usual a presença do director do centro ou do consultor de formação. As educadoras encontravam-se um pouco cansadas. Uma porque nesta altura do ano tiveram a visita da equipa de inspectores do pedagógico e que as obrigou a um trabalho suplementar nas tardes antecedentes. Por outro lado uma certa revolta porque esta inspecção incidia sobretudo sobre o trabalho das educadoras e por isso mesmo se sentiram revoltadas por o mesmo não acontecer com os docentes dos outros sectores de ensino. Houve ainda quem se sentisse revoltada com a calendarização das desratizações e ainda com os períodos de férias que não permitiam o tempo necessário para a lavagem e desinfecção dos materiais para o próximo ano lectivo já que o calendário escolar apontava o início com as crianças nos primeiros dias de Setembro. Observou-se os seguintes comentários: A14 _ Agora é que as professoras do 1. ciclo nos gozam. Coitadas, aquelas têm que trabalhar mais tempo! A3 _ E, ninguém pense que nesta altura estamos a fazer um trabalho sério! Estamos a tomar conta das crianças, é o que é! Após estes momentos de desabafo das educadoras, pois na verdade bem precisam de manifestar as suas inquietações, iniciou-se a sessão por falarmos do que se pretende realizar ao longo desta sessão. Neste sentido foi referido que se tinha feito uma recolha sobre os diferentes conceitos apresentados ao longo das sessões e que se pretendia agora devolver ao grupo, numa perspectiva de investigação-acção. Assim distribuiu-se a todos os elementos o documento com os diferentes conceitos apresentados nas Orientações Curriculares para leitura e sobretudo que leva-se mais uma vez à reflexão do grupo. A formadora foi lendo em voz alta o documento. À medida que ia referindo o primeiro item, ou seja sobre a concepção de educação, as educadoras foram concordando com os resultados apresentados, sobretudo porque cada justificação estava fundamentada por afirmações de algumas educadoras. Relativamente ao conceito de currículo constata-se que ao nível dos discursos as educadoras integram-se no modelo de interacção social, mas que ao nível da prática utilizam vários modelos. Contudo apontam como um dos aspectos negativos das Orientações Curriculares o facto deste documento referir uma pedagogia intencional o que pode retirar um pouco da flexibilidade e criatividade das educadoras. As Áreas de Conteúdo são talvez o aspecto mais negligenciado pelas educadoras, pois na generalidade a	cansativo e porque é neste período que se realizam as matrículas das crianças o que vem sobrecarregar o trabalho das educadoras. De facto há muito trabalho a fazer no final de cada ano lectivo e contrariamente ao que tem vindo a acontecer nos últimos anos as educadoras ainda se encontram a trabalhar com crianças deixando-lhes pouco tempo para o trabalho administrativo. Por isso há uma certa revolta e dizem: A4 _ Vamos despachar a sessão pois estou ansiosa por chegar a casa. Preciso mesmo de descansar! A14 _ Nós devíamos apresentar todas atestado médico neste período! Queria ver onde ficavam os meninos!.... em casa, claro! A3 _ Com este governo é sempre a mesma coisa,.... então para o pré-escolar são uma desgraça. Penso que fazem tudo isto para acabar com as instituições públicas! A12 _ Oh, F, se hoje nos exigis muito trabalho, tens que vir trabalhar para mim! Estou tão cansada! A1 _ Não és só tu! Eu hoje não tenho vontade nenhuma de pensar muito! A12 _ Nesta altura do ano,... com tantas reuniões, eleições e ainda a trabalhar com os meninos,... não penses que nos apetece trabalhar muito! A7 _ Realmente este final de ano tem sido atribulado!
--	---

suas planificações situam-se ao nível das Expressões e Comunicação sobretudo no Domínio da Plástica, ignorando a área de Formação Pessoal e Social e a área de Conhecimento do Mundo. Neste âmbito os Domínios mais frequentes são a Biologia, a educação para o Ambiente,....

Sobre os Processos educativos/planificação as educadoras referem que no quotidiano esta é condicionada pela formação inicial e pela metodologia utilizada nessas instituição.

O papel do educador encontra-se norteadada pelo seu perfil, embora seja de referir a dificuldade destes profissionais em efectuar planificações, projectos, avaliações,...

Acerca da avaliação convém referir que situando-se numa perspectiva qualitativa de educação, assente numa observação cuidadosa o educador ainda tem dificuldade em registar e de passar a informação para os pais e/ou outros profissionais, com receio de poderem ser mal interpretadas.

Um dos aspectos mais calorosos sobre a devolução dos dados foi com certeza a falta de um período específico para a realização destas observações, tendo em conta a alteração do calendário escolar.

**ANEXO IX - ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS (PROCESSO DE
META-ANÁLISE)**

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

	O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
EDUCAÇÃO	A1 "... contribuir, ajudar, a tornar as crianças pessoas mais felizes, que um dia formarão este mundo melhor! (...) respeitar, compreender, amar quem nela confia e tudo faz para a ajudar a crescer, a ser pessoa, na sua dignidade, individualidade". A2 "...um processo contínuo em espiral na vida de cada um, em especial a criança (1ª fase na vida de cada ser humano), (...) um processo que se baseie em quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser (...) tendo sempre em conta a multiculturalidade da criança, o seu tempo, a sua sensibilidade, a sua personalidade, a sua forma de estar. Não esquecendo a necessidade de higiene e alimentação e valores para a vida em sociedade". A5 "O conceito de educação tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos, a base da educação com o sentido de transmissão, de uma formação que terminou com o curso [formação inicial] tende a extinguir-se. A educação tem um novo sentido, com novos valores, com uma autoformação constante, com a valorização dos outros, com um sentido global, não esquecendo, no entanto, o individual de cada um, o respeito pelas suas opções: surgem as novas vertentes de aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a aprender a ser". A6 "A educação nunca deve ser um processo finalizado, mas sim uma constante procura do saber ser, saber fazer, saber viver com os outros, saber conhecer o que fomos, o que somos e aquilo que a sociedade nos levará a ser (...), um desafio estimulante". A7 "A educação faz-se ao longo de toda a vida, tendo a educação pré-escolar a função de iniciar este percurso fora da família. Todas as ideias sobre educação se podem resumir nos quatro pilares do relatório da UNESCO: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. O homem não nasce cidadão, constroi-se. Quanto mais	As Orientações curriculares assentam os seus fundamentos nos seguintes articulados: "O desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis" "O reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo _ o que significa partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes, como fundamento de novas aprendizagens" "A exigência de resposta a todas as crianças_ o que pressupõe uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação em que a criança beneficia do processo educativo desenvolvido com o grupo" A Lei-Quadro da educação pré-escolar estabelece que: "A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário" P: 15 Deste princípio decorrem os seguintes objectivos gerais pedagógicos definidos pela educação pré-escolar: - Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva da educação para a cidadania. - Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade de culturas, favorecendo uma progressiva consciência como membro da sociedade. - Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso das aprendizagens. - Estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas. - Desenvolver a experiência e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação de	A7 "...as reflexões das educadoras sobre Educação não se afastam das orientações curriculares. Na educação da infância o desenvolvimento e a aprendizagem, sempre estiveram indissociáveis. (...) A A1 apenas mencionou o aspecto do desenvolvimento não contemplando a aprendizagem. Quase todas abordavam a educação como processo ao longo da vida. Embora nas orientações curriculares as ideias estejam mais discriminadas, as noções básicas coincidiram. Não foi mencionada pelas educadoras a despiastagem de inadaptações, deficiências ou precocidades, tal como prevêm as Orientações curriculares, mas ao serem referidas certas características pessoais das crianças, este ponto está subjacente. É (...) necessário que as educadoras tenham este problema em conta uma vez que num grupo a diferença pode e deve estar presente". A9 "...existe sintonia entre o que pensam as educadoras e as orientações curriculares. Ambas focam a criança sujeito, a importância da educação Pré-Escolar como processo educativo da criança fora do seu meio familiar e educação e o direito de a ter ao longo da vida. (...) um dos aspectos que não foi focado da nossa parte foi o intercâmbio família/escola e o "proceder a despiastagens de inadaptações, deficiências ou precocidades e dar orientação e encaminhamento". A10 "...os dois conceitos de educação assentam em ideias de base que têm a criança como objectivo de toda a acção educativa. Em ambos os conceitos se entende que a criança deve ser desenvolvida no seu todo, promovendo o seu desenvolvimento pessoal e social e sensibilizando a criança no respeito e aceitação das diferenças. Ambos os conceitos assentam em que a educação básica no processo da criança e que a educação é um processo contínuo em constante evolução. Alguns pontos não foram referidos porque nos parece óbvio, no entanto penso também que há muita dificuldade em escrever o que pensamos". A11 "...poderíamos estabelecer um paralelo entre o que pensam os educadores de infância e o que dizem as

	rica for essa construção, melhor se viverá e conviverá amanhã".	informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo. f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico. g) Proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva. h) Proceder à despistagem de inadequações, deficiências ou precocidades e promover a melhor orientação e encaminhamento da criança. i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade. "A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo ao longo da vida" P: 17, e por isso é necessário que "...durante esta etapa se criem as condições necessárias para as crianças continuarem a aprender (...) importa que na educação pré-escolar as crianças aprendam a aprender" favorecendo a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário". P: 51	orientações curriculares. (...) a riqueza das realidades vivenciais em cada jardim de infância (...) vai muito além, transcendendo as orientações curriculares, porque se trata de uma determinada instituição, localizada num meio característico, com uma população e famílias inbuldas da sua realidade sociocultural, patenteada pela tradição própria inerente ao meio, em que se insere a instituição. É nestas premissas que se inscreve a constante necessidade de não seguirmos "receitas", mas criarmos linhas orientadoras que nos permitam crescer em progressão optimizada. A2 "...poderei dizer que ambos os conceitos caminham lado a lado à excepção de um ponto. As educadoras nunca fazem referência ao aspecto complementar entre processo de educação e acção educativa da família (pelo menos de forma explícita) (...) directa e indirectamente estamos em constante relação com a família de cada criança. Ao olharmos cada criança como ser único, igual a si mesma e diferente do outro, ao termos em conta a sua multiculturalidade, estamos a ter em conta a base-família. (...) é focado que uma das funções da educação pré-escolar será de iniciar um percurso fora da família. Como educadora (...) esta forma de apresentar o conceito, não quer pôr os pais fora da escola. Nós já temos os pais na escola diariamente. São os diálogos diários, são os intercâmbios de recados, prendas que vão e vêm para casa de cada uma. É algo assimilado. É um facto! Daí, não temos sentido necessidade de o explicar. No que toca aos outros pontos, a posição das educadoras não se distancia das orientações curriculares e tem um ponto fundamental: contribuir, ajudar a tomar as crianças, pessoas mais felizes, que um dia formarão um mundo melhor. Está tudo dito!" A13 "...a pré-escolar é a primeira etapa da educação básica. É o início de 'uma vida' educativa e sociológica. (...) os objectivos definidos nestas orientações estão bem estruturados, porque visam o desenvolvimento global e harmonioso da criança. A criança (...) [é] um ser que nasce com as suas capacidades que depois são desenvolvidas em contacto com o adulto e a sociedade onde está inserida. (...) as educadoras de infância estão de acordo com as orientações curriculares e mais concretamente com os seus objectivos". A14 "...o que dizem as educadoras enquadrando-se perfeitamente dentro das orientações curriculares. (...) as
--	--	--	---

		educadoras focam mais a parte afectiva como um elemento essencial ao desenvolvimento na sua globalidade enquanto que nas orientações curriculares esse factor não é muito valorizado. (...) penso que está tudo em perfeita sintonia de pensamentos". A1 "...existe consonância entre o que dizem as educadoras e o que dizem as orientações curriculares. (...) se fomos capazes (...) de pôr em prática todos os princípios que defendemos e aceitamos como certos, no nosso dia a dia, estamos a respeitar, a compreender, a aceitar, a ajudar a formar, a amar a criança e a contribuir para que ela se desenvolva plenamente se forme um cidadão livre, autónomo, respeitador, crítico, feliz, capaz de fazer do seu mundo um mundo melhor, onde se respeitem uns aos outros e onde todos tenham lugar cada um com a sua individualidade e as suas diferenças". A3 "... encontramos nas orientações curriculares alguns objectivos que não foram focados. (...) vemos que A1 foca a educação construtiva e a criança como sujeito. Em A2 vemos destacada a educação para os valores e a educação multicultural. (...) A5 destaca também a educação construtiva e virada para os valores e para a cidadania. Em A6 e A7 é focada a educação como um processo ao longo da vida (...) vão de encontro às orientações curriculares (...) há aspectos nas orientações das quais os grupos se afastam e não os focam como as aprendizagens como vertentes indissociáveis, o procedimento às despistagens, a criação de ambientes de bem-estar e segurança e sobretudo parece-me uma falta grande de todas (...) o não ter focado a incentivação e a participação das famílias no processo educativo e a relação com a comunidade (...) parece é que muitas vezes não transportamos para o papel o que vivenciamos na prática por o achamos (...) demasiado óbvio". A12 "...cheguei à conclusão que apesar de estarem em sintonia existem principalmente dois pontos que não estão focados nas duas partes. As orientações curriculares não contemplam a parte afectiva em que as educadoras falam (...) as orientações curriculares dão muita importância às aprendizagens, ao desenvolvimento pessoal e social, à inserção das crianças (...) mas, acho que o principal não focaram que são os laços de afectividade, tudo parte e é mais forte entre educadora e criança, consegue-se uma maior abertura da criança para absorver todas estas aprendizagens se houver uma ligação afectiva entre as duas partes. (...) as educadoras
--	--	---

		não focaram o ponto h) talvez porque esse trabalho realizado no grupo de crianças foi esquecido (...) ou ainda não estamos suficientemente sensibilizados para as diferenças? A5 "...os aspectos essenciais, das orientações curriculares, estão contemplados neste grupo de trabalho. As orientações curriculares definem com mais pormenor as diferentes áreas a trabalhar, e os diferentes aspectos a desenvolver tais como aprendizagens específicas, o despertar da curiosidade e o espírito crítico. (...) não foi referenciado pelo grupo de trabalho (...) o incentivo e a participação das famílias no processo educativo. (...) foi realçado o aspecto de que a educação é um processo que se faz ao longo da vida". A8 "...verifico a existência de uma lacuna no que se refere à importância da família neste processo tão complexo como é o da educação. A família deve estar em estreita ligação com o jardim de infância para um bom intercâmbio e por conseguinte uma coerência de atitudes perante a criança. Damos especial relevo à importância de desenvolver crianças felizes pois consideramos que a felicidade na vida é a base principal para um bom futuro seja ele qual for, nas orientações curriculares não está explícito esta intenção sobre criar condições para a criança ser feliz. Apesar de não termos mencionado os objectivos da educação Pré-Escolar foram focados os quatro pilares [do relatório da UNESCO] que são para mim fundamentais". A6 "Sobre o conceito de educação, como um processo contínuo em espiral na vida de cada um, em especial a criança, um processo que se baseia no aprender a conhecer, aprender a ser tendo em conta a multiculturalidade da criança, o seu tempo, a sua sensibilidade, a sua personalidade, a sua forma de estar, é enquadrável com a definição de educação Pré-Escolar como primeira etapa de educação básica no processo ao longo da vida sendo necessário que nesta etapa se criem condições necessárias para as crianças continuarem a aprender a aprender favorecendo a formação da criança e a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo livre e solidário. Partilho da mesma filosofia embora considere urgente o investimento no Pré-Escolar com a criação das "reais" condições necessárias humanas físicas, a uma aposta maior na continuidade desta filosofia a nível dos ciclos seguintes, não criando quebras que em muitos casos são o desmoroar de esforços
--	--	--

		humanos e para a criança, um começar de novo tendo que ignorar atitudes tão valorizadas (...) para ter acesso às aprendizagens". A4 "Confrontando (...) sobre educação, analiso que os ideais são basicamente iguais. Sendo a educação Pré-Escolar a 1ª. Etapa da educação básica no processo de educação e sendo as educadoras responsáveis por iniciar este percurso em estreita relação com a família, devemos promover e estimular o desenvolvimento global da criança respeitando (...) as características individuais, favorecendo aprendizagens significativas e diferenciadas. O educador deve ter um conceito de educação baseando-se nos quatro pilares fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver, aprender a ser. O meu conceito de educação é algo que se dá a alguém num processo de transmissão de conhecimentos e valores, um processo de desenvolvimento das potencialidades da criança, no sentido de favorecer a sua auto-realização. Procuo reflectir sobre a minha prática e adaptá-la de forma crítica de modo a potenciar o desenvolvimento das capacidades dos meus educandos valorizando os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens. Uma educação enquadrada numa pedagogia activa em que a criança aprende fazendo. A criança desenvolve-se, a criança é incentivada a observar, experimentar, analisar, levantar hipóteses e solucionar problemas, comparar, argumentar, etc. procuro observar e conhecer bem o grupo ajudando-o a desenvolver as suas potencialidades despertando-lhes a curiosidade e pensamento crítico. Incentivo o respeito mútuo e pela pluralidade de culturas, respeito pela igualdade de oportunidades. Tento proceder à despistagem de inadequações ou deficiências. Procuo colaborar com as famílias e comunidade em geral favorecendo todo o processo educativo das minhas crianças".
--	--	---

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

	O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
Curriculo	A2 "Na sessão de hoje, (...) o [grupo] foi unanime que nos tempos que correm a própria abrangência de meios humanos e materiais que o processo educativo por si envolve, pressupõe necessariamente a mudança de concepções de currículo. Foi possível reflectirmos (...) [sobre] a nossa postura como profissionais nos tempos de hoje (...) estaremos a defender o modelo social na realidade? Ou defendemos este último na teoria e usamos outros na prática? O que dita o nosso bom senso? Um pouco de tudo!" A5 "A concepção de currículo varia perante os objectivos e a orientação educativa pretendida para a educação, essa mesma concepção poderá implicar metodologias a aplicar diversificadas. Os modelos quer tradicionais, técnicos, humanista e social tem a sua vertente importante, o que não considero correcto adoptar um único modelo específico, mas retirar o que cada um tem de positivo e criar um modelo mais abrangente, que respeite a criança no seu todo". A6 "... os modelos tradicionais, técnico e humanista (...) levaram-me a descobrir que hoje ainda existe uma mistura destes modelos nas nossas práticas curriculares, pois nem todas as suas competências estão totalmente erradas, mas sim necessitadas de uma maior ponderação e lapidação. Desta forma é necessário reflectir continuamente e alargar o âmbito do currículo tornando-o mais abrangente e um instrumento de trabalho a partir do qual é conjugado com os vectores como o grupo, o meio, etc. (...) poderá ser sempre ajustado às realidades." A7 "...nem sempre temos consciência dos limites de cada um e das suas limitações a nível pedagógico. É fácil cair em qualquer das suas falhas por eles revelados sem ter disso consciência. Penso que todas [as educadoras] em determinado dia, adoptam este ou aquele aspecto de um deles sem se aperceber". A8 "...a análise dos diferente modelos curriculares (...)	"As Orientações Curriculares constituem uma referência comum para todos os educadores da rede nacional de educação pré-escolar e destinam-se à organização da componente educativa. Não são um programa, pois adoptam uma perspectiva mais centrada em indicações para o educador do que na previsão de aprendizagens a realizar pelas crianças. Diferenciam-se também de algumas concepções de currículo, por serem mais gerais e abrangentes, isto é, por incluírem a possibilidade de fundamentar diversas opções educativas, e portanto vários currículos". P: 13 As orientações curriculares acentuam a importância de uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico... e "adoptar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação Pré-Escolar certas práticas "tradicionais" sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas das aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exigem também esforço, concentração e investimento pessoal". P: 18 Este processo educativo encara a criança como sujeito da aprendizagem, tendo em conta o que cada uma já sabe e a sua cultura, para lhe permitir aceder a uma cultura que se pode designar por 'escolar' (...) Esta cultura ao adquirir sentido para a criança, constituirá o início da aprendizagem ao longo da vida. Neste processo "...a criança desempenha um papel activo na sua interacção com o meio que, por seu turno lhe deverá fornecer condições favoráveis para que se desenvolva e aprendam". P: 19 Por outro lado a "organização do ambiente educativo – como suporte do trabalho curricular e da sua intencionalidade. O ambiente educativo comporta diferentes níveis em interacção: a organização do grupo, do espaço, do tempo, a organização do estabelecimento educativo, a relação com os pais e com outros parceiros educativos" bem como as áreas de conteúdo que constituem as referências gerais a considerar no	A8 "...considero de bom senso adoptar uma postura reflectida e que seja abrangente, isto é, que recolha os aspectos positivos de todos os modelos apresentados. (...) subentende-se que a criança é o sujeito activo do processo da aprendizagem. (...) qualquer modelo de currículo por melhor que ele seja não deve ser encarado como algo de rígido e orientador inflexível, pois existem muitas situações onde será necessário reagir com base em modelos diferentes. Será importante uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, sem cair em extremismos, pensando sempre nos interesses da criança e suas necessidades. A educadora deve ser o mais flexível possível encarando cada modelo como tendo algo de positivo, e de proveitoso para o bom desenvolvimento geral e felicidade da criança". A7 "O conceito de currículo continua a ser difícil de definir e é demasiado amplo para se encaixar num só modelo. As orientações curriculares apresentam-se como gerais e abrangentes para dar a possibilidade de diversas opções educativas. A maioria das educadoras referiu terem consciência de que adoptam no seu trabalho metodologias de vários modelos. Penso que é muito difícil para mim enquadrar-me num único modelo. A importância atribuída pelas orientações curriculares, à pedagogia estruturada e à organização intencional e sistemática do processo pedagógico, alerta para a necessidade de adopção de um modelo um pouco directivo. (...) a importância dada à capacidade de iniciativa da criança, deverá obedecer a uma metodologia mais humanista ou social. Não considero importante enquadrar-me num modelo, mas antes ter a consciência que currículo é um conceito muito abrangente, quanto mais rico e globalizante o tomarmos mais contribuímos para o sucesso de acção educativa". A9 "O conceito de currículo continua a ser amplo e isto

	se constatou diversas formas de trabalho e de posturas das educadoras levando-as a concluir que todas elas têm pontos positivos e algo de bom que devemos valorizar e adoptar no nosso próprio modelo". A9 "... foram focados os aspectos mais relevantes de todos eles no que diz respeito ao espaço, tempo, criança, professor e avaliação e em debate realçaram os aspectos negativos do tradicional e do tecnicista..." A10 "...consciencialização e reconsciencialização do papel crucial do educador com base na sua postura face ao sector em que está profissionalizado, e sua grande importância na estruturação do corpo social humano - numa palavra: a estruturação de uma sociedade que se quer globalizante mas respeitadora do que é matriz em cada uma delas". A13 "...podemos observar e reflectir sobre os objectivos dos vários modelos curriculares e chegar a uma conclusão - o modelo que nos interessa é o modelo social".	planeamento e avaliação das situações e oportunidades da aprendizagem. Além disso a continuidade educativa como processo que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes: "Intencionalidade educativa que decorre do processo reflexivo de observação, planeamento, acção e avaliação desenvolvido pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças". P: 14 "Não se pretende que a educação Pré-Escolar se organize em função de uma preparação para a escolaridade, mas que se perspetive no sentido da educação ao longo da vida devendo contudo a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte". As orientações curriculares acentuam a importância de uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico "O tempo educativo contempla de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de actividades, em diferentes situações - individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo - e permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo". P: 40 (...) porque a organização do grupo, do espaço e do tempo constituem o suporte do desenvolvimento curricular, importa que o educador reflecta sobre as potencialidades educativas que oferece, ou seja, que planeie esta organização e avalie o modo como contribui para a educação das crianças, introduzindo os ajustamentos e correcções necessários". P: 41	está implícito quer na opinião das educadoras como na das orientações curriculares. Penso que a nossa reflexão foi mais aprofundada em relação a cada modelo ao passo que nas orientações curriculares se basearam mais em directrizes para o educador, não focando que todos estes modelos podem ter práticas positivas ou negativas". A11 "Currículo/ intencionalidade educativa pressupõe práticas pedagógicas consistentes, sustentadas por uma pedagogia estruturada que necessariamente se reflecte na flexibilidade, criatividade, na imaginação (teórica)". A13 "As orientações curriculares acentuam a importância de uma pedagogia estruturada, o que implica uma organização intencional e sistemática do processo educativo (...) este conceito não é o correcto, porque se existe uma pedagogia estruturada, a imaginação, a criatividade é interceptada porque não há flexibilidade, mas sim rigidez (...) esta que 'controla' a criança e a orienta, não a deixando desenvolver as suas capacidades tal como ela gostava que fossem desenvolvidas". A12 "... penso que as educadoras falam mais num trabalho a nível de diferentes modelos, mesmo não querendo, penso que ao trabalharmos utilizamos um pouco de cada modelo, apesar de se optar mais por um ou por outro. Nas orientações curriculares apesar de focarem que se podem utilizar várias concepções de currículos não especificam cada um deles". A2 "Ao analisar o confronto do conceito de currículo, reparo que as educadoras nos tempos que correm são unânimes ao verificarem a existência e necessidade de uma organização, planificação do processo pedagógico. Cada uma de nós teve a sua formação em diferentes escolas e desenvolvendo diferentes teorias. No entanto alertam para o uso do bom senso. Existem aspectos positivos em cada um dos diferentes modelos curriculares. Não consideramos que os modelos estejam errados. As atitudes, a prática e formas de desenvolver é que terão que ser mais ponderadas e lapidadas. Embora o modelo defendido seja o modelo social de currículo onde se pretende desenvolver capacidades e atitudes sociais, educar para a cidadania, onde o educador aparece como líder e moderador de grupos de aprendizagem, crítico e reflexivo. As orientações curriculares (...) parecem deixar
--	---	---	--

		em aberto uma certa liberdade de movimentos, ao dizer que "Não são um programa". (...) quando referem 'uma organização intencional e sistemática' parece que estão a esquecer o tempo da criança, a sua cultura, interesses de grupo, etc. A10 "A ilação que as educadoras tiraram é que já houveram várias pedagogias ao longo do tempo, (...) a que mais se aplica de momento é a de projecto curricular, mas o que acontece é que o trabalho das educadoras é feito baseado nas várias pedagogias (...) a educadora vai-se enriquecendo e enriquecendo o trabalho através da experiência que vai acumulando ao longo do tempo e não há portanto uma só pedagogia, mas um pouco do melhor que há em cada uma, as orientações curriculares defendem uma 'pedagogia estruturada' que implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico'. (...) deve haver intenção nas acções ou seja tudo deve ser planeado, as actividades não devem ser feitas ao acaso, mas é muito importante (...) o desenvolvimento global da criança (...) e deve existir um projecto de trabalho (...) ser flexíveis e não ser estanques a outros temas que possam surgir e proporcionar nas actividades novas." A4 "Para haver um bom currículo deve haver harmonia entre os quatro pilares de formação 'saber ser, saber estar, saber fazer, saber conhecer'. As orientações curriculares com os conteúdos discriminados e organizados são importantes pela sua pedagogia estruturada e organizada com linhas de orientação mais diferenciadas, constituindo uma referência comum para todas as educadoras, ajudando-nos e apoiando-nos na organização das nossas práticas educativas. (...) a actualidade permite que o currículo seja flexível e abrangente, os modelos tradicionais, técnico, humanistas e social também devem ter a sua vertente positiva, há que saber ponderar e lapidar essas arestas mais negativas desses modelos. (...) o educador deve-se auto-avaliar e verificar se está a agir bem ou mal deixando que as crianças também nos avaliem. O acto pedagógico deve ser transparente, ouvir as crianças respeitar as suas perspectivas no sentido de que (...) também podemos aprender com elas. O currículo deve ter em conta as concepções filosóficas e pedagógicas do educador que o utiliza. A intencionalidade educativa deve decorrer de um
--	--	---

		processo reflexivo de observação, planeamento, acção e avaliação desenvolvido pelo educador de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças tendo em conta como suporte de todo o seu trabalho (acto educativo), o apoio das orientações curriculares". A6 "Sobre a apreciação das educadoras é observável a dificuldade em nos categorizarmos inteiramente com um só modelo de concepção de currículo pois analisando determinadas perspectivas eu própria me enquadrei em pormenores dos quais não tinha essa percepção. Foi uma reflexão que considero muito enriquecedora e também verificar como mediante certas situações poderia ser mais funcional uma perspectiva do que outra. Segundo as orientações curriculares o importante é a utilização de uma pedagogia estruturada com uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico encarándo a criança como sujeito da aprendizagem, com tudo o que ela já é e o que poderá vir a ser. Importa (...) que o educador reflita sobre as potencialidades educativas que oferece". A1 "...os conceitos de modelos curriculares das educadoras não estão nada em desacordo com as orientações curriculares bem pelo contrário, penso que estamos com uma visão correcta e uma prática muito ajustada à realidade dos nossos dias. Sendo o modelo social o que a grande maioria das educadoras escolheu como sendo o que se adapta e responde (...) à nossa realidade, parece-me uma leitura que fiz das orientações curriculares o que estes têm como base. Julgo ainda que todos os modelos terão provavelmente algo a aproveitar pela importância que possam ter para a educação". A14 "A concepção do currículo varia perante os objectivos e a orientação educativa [o que] poderá implicar diversas metodologias. As orientações curriculares apontam para uma pedagogia estruturada pois o prazer de aprender e o carácter lúdico não devem ser menosprezados. A criança passa a ser o sujeito de aprendizagem e o educador deverá reflectir sobre as potencialidades que oferece no âmbito do desenvolvimento do currículo". A3 "... verificamos que na opinião das educadoras nunca usamos um só modelo de currículo na prática e como vemos em A2 o bom senso leva-nos a que utilizemos 'um
--	--	---

			pouco de tudo', de acordo com os objectivos e a orientação educativa pretendida para a educação como vemos em A5. Esta opinião está contemplada nas orientações curriculares pois as próprias orientações incluem a possibilidade de 'fundamentar diversas opções educativas e portanto vários currículos'. Penso que nesta análise o que pensam as educadoras não se afastam do que dizem as orientações curriculares'.
--	--	--	---

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

	O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
Áreas de Conteúdo	A10 "...sentí imensa dificuldade em escrever o que é feito no dia a dia do meu jardim de infância. Sentí que tenho muita dificuldade em dividir o trabalho pelas diferentes áreas. Do trabalho que observei (...) [verifiquei] o quanto será importante (...) para melhor planificar, colocar cada actividade na área certa". A14 "Foi bastante enriquecedor este trabalho porque ajudou bastante no desenvolvimento dentro das várias áreas do projecto a realizar. Fiquei com a sensação que no futuro irei estar mais alerta para os vários factores que se podem utilizar num melhor desenvolvimento dum projecto. É de realçar também o facto do trabalho ser em grupo e haver uma enriquecedora troca de experiências". A6 "Da realização deste trabalho (...) fiquei com uma visão mais integradora das diferentes áreas de conteúdo e sua integração no projecto (...) com uma visão mais clara, mais sistemática de como incorporar toda esta diversidade no mesmo plano. Creio também que para mim o trabalhar em grupo me despertou para situações que de uma forma individual é mais difícil e que sinto mais facilidade em falar do que em escrever. Deste trabalho constatei com as minhas falhas nas diferentes áreas, nas competências e nas diversas formas possíveis para a respectiva avaliação. A12 "Uma das grandes dificuldades que eu tinha era planificar segundo as novas áreas. Esta sessão ajudou-me imenso a entender e fazer a planificação do meu trabalho. A planificação feita em grupo foi muito construtiva". A9 "Estas duas ultimas sessões foram enriquecedoras pois deram-me uma perspectiva a nível da planificação do trabalho a realizar, as áreas que na escrita são menos contempladas. Foi (...) muito positiva a troca de experiências".	Área de conteúdo são "...âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, mas não são apenas conhecimentos, mas também atitudes e saber-fazer". P: 47 A Área de Conteúdo (...) devem ser vistos de forma articulada, visto que a construção do saber se processa de forma integrada, e que há inter-relação entre os diferentes conteúdos e aspectos formativos que lhe são comuns (...) as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referência a ter em conta no planeamento e a avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente" P: 48 "Áreas de conteúdo suportam a realização da actividades, dado que a criança aprende a partir da exploração do mundo que a rodeia (...) são mais do que áreas de actividades pois implicam que a acção seja ocasião de descobrir relações consigo próprias, com os outros e com os objectos, o que significa pensar e compreender". P: 48 "Neste processo de desenvolvimento e aprendizagem que integra as diferentes áreas de conteúdo privilegia-se a intervenção do educador, partindo dos conhecimentos que a criança já sabe e ainda da sua actividade espontânea". Por isso "Articula a abordagem das diferentes áreas de conteúdo e domínios inscritos em cada um de modo a que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções e objectivos educativos e que tenha sentido para a criança". Para isso, "Estabelece uma progressão de experiências e oportunidades de aprendizagem nas diferentes áreas de conteúdos, tendo em conta o que observa da evolução do grupo e do desenvolvimento da cada criança". P: 50 • "Áreas De Conteúdo – são referências gerais a considerar no planeamento e avaliação das situações e oportunidades de aprendizagem" • Continuidade educativa – como processo que parte do que as crianças já sabem e aprenderam, criando condições para o sucesso nas aprendizagens seguintes.	A9 "...nota-se que ainda não estamos habituados a planificar segundo as orientações curriculares daí ficarem desvalorizadas diversas áreas tais como: Formação Pessoal e Social (o que é descabido pois em tudo estes objectivos são trabalhados), na Área de Expressões valorizou-se muito a área de expressão plástica em relação às outras tais como a dramática e musical. Penso que na realidade todas conseguimos trabalhar todas as áreas de conteúdo, mas a nível de planificação não sabemos passar para o papel". A12 "Descurámos certas áreas de conteúdos que as orientações focam tais como: Formação Pessoal e Social talvez por ser uma área transversal e estarmos sempre a trabalhar esta área. Outras áreas podem ser mal planificadas talvez por gostarmos menos desta ou daquela área e por vezes por falta de condições materiais e espaciais. A discussão em grupo levou-me a reflectir sobre a minha planificação e as lacunas que tinha". A14 "É muito difícil dar à criança um grande Conhecimento do Mundo não havendo recursos para tal. Outro factor é o educador estar só e em certas áreas isso torna-se impossível. (...) acho que as educadoras de uma maneira geral são bastante criativas e exploram bastante todas as áreas e até fazem 'milagres'! tudo isso é um grande contributo para o desenvolvimento global da criança". A13 "...nem sempre as áreas são todas contempladas da mesma forma, porque gostamos mais de trabalhar determinada área, ou porque as crianças têm mais tendência a trabalhar em áreas preferidas. Por vezes também é difícil trabalhar as áreas de uma forma aprofundada porque não há recursos a níveis de instalações e a níveis de materiais para podermos realizar determinadas actividades. Os trabalhos em grupo são muito interessantes porque desse modo trocam-se ideias sobre o modo como cada uma desenvolve e planifica as

A4 "Esta sessão permitiu-me consolidar conhecimentos apreendidos. Fiquei mais esclarecida. Analisamos os projectos que faltavam e enriquecemos desta forma mutuamente partilhando diferentes trocas de experiências. Estas sessões têm sido muito enriquecedoras". A1 "Esta sessão foi para mim esclarecedora sobre determinados pontos que para mim estavam ainda um pouco confusos. Foi proveitosa e permitiu um enriquecimento mútuo. A partilha de ideias foi mais uma vez uma constante nestas acções de formação". A7 "Esta sessão serviu para clarificar certa dúbidas relativas às denominações a dar a certas actividades ou competências, pois é mais fácil idealizar que classificar correctamente. É frequentes as competências interligar-se de tal forma que nos é difícil fazer uma seriação objectiva". A11 "É sempre importante o intercâmbio das reflexões individuais para a evolução e optimização da prática pedagógica, nomeadamente ao nível da esquematização_ planificação - avaliação, das competências a adquirir e os processos inerentes aquelas, quer à concretização do projecto, passando necessariamente pela planificação, avaliação e investigação do grupo". A13 "...fiquei mais esclarecida sobre as competências a desenvolver no projecto. Na Área da Formação Pessoal e Social não tinha referido as estratégias, talvez porque me sentia um pouco confusa na selecção das mesmas (...) fiquei esclarecida (...) Foi importante (...) porque (...) em todas elas se tiram dúvidas que nós sentimos no dia a dia". A8 "Esta sessão foi muito proveitosa para mim, aprendi a fazer uma pequena planificação para mim, aprendi temas (...) um grande intercâmbio com as colegas. Espero receber mais informações acerca de uma planificação bem organizada. Através destes trabalhos práticos é mais fácil entendermos e compreendermos este tipo de trabalho escrito".	• Intencionalidade educativa – decorre do processo reflexivo da observação, planeamento, acção e avaliação desenvolvido, pelo educador, de forma a adequar a sua prática às necessidades das crianças". Áreas De Conteúdo definidas nas Orientações curriculares são: Área Da Formação Pessoal E Social "...pretende acentuar a importância e sublinhar as finalidades formativas da socialização que marcam a tradição da educação pré-escolar em Portugal, perspectivando-a como área integradora que enquadra e dá suporte a todas as outras". "...decorre ainda da perspectiva que o ser humano se constrói em interacção social, sendo influenciado e influenciando o meio que o rodeia. É nos contextos sociais em que vive, nas relações e interacções com outros, que a criança vai interiormente construindo referência que lhes permitem compreender o que está certo e errado, o que pode ou não fazer, os direitos e deveres para consigo e para com os outros". P: 51 "Esta área corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases do desenvolvimento a aquisição de espírito crítico e a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos (...) é (...) uma área transversal, dado que todas as componentes curriculares deverão contribuir para promover nos alunos atitudes e valores que lhes permitam tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida". P: 51 A Área da formação pessoal e social "Ao possibilitar a interacção com diferentes valores e perspectivas, a educação pré-escolar constitui um contexto favorável para que a criança vá aprendendo a tomar consciência de si e do outro. Desta forma a educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores". Estes valores não se "ensinam", "mas que se vivem na acção conjunta e nas relações com os outros. (...) a educação para os valores acontece, assim em situação, num processo pessoal e social de procura do bem próprio e bem colectivo". "São os valores subjacentes à prática do educador e o modo como este os concretiza no quotidiano do jardim de infância que permitem que a educação Pré-Escolar seja um contexto facilitador da educação para os valores." "O desenvolvimento pessoal e social assenta na constituição de um ambiente relacional securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e	actividades das diferentes áreas de conteúdo". A6 "...é visível como algumas áreas de conteúdos não foram trabalhadas, escritas, embora no nosso dia a dia estas áreas são 'o pão de cada dia'. A Área de Formação Pessoal e Social bem como a área do Conhecimento do Mundo não foram contempladas no nosso trabalho sobre as áreas de conteúdo. Por isto as reflexões e o intercâmbio entre todas faz-nos detectar as nossas lacunas. Aprender a planificar de uma forma transversal sabendo que é possível trabalhar um aspecto nas diversas áreas é um trabalho mais estimulante, mas que só aos poucos iremos conseguir". A1 "Colocar cada actividade na área certa é para mim um trabalho difícil de realizar, mas sei o quanto é importante para uma boa e eficaz pratica educativa. Depois desta acção penso estar mais apta e mais segura para poder fazer uma planificação por áreas de conteúdos e assim poder fazer um trabalho mais válido". A2 "No que respeita às áreas de conteúdos, as orientações curriculares apontam-nos como áreas de diferentes tipos de aprendizagem,...atitudes e saber-fazer. São áreas trabalhadas de forma articulada, visto haver uma inter-relação entre os diferentes conteúdos e aspectos formativos. (...) as educadoras nas suas análises pouco falaram das diferentes áreas e domínios existentes. Falaram sim, nas dificuldades encontradas em dividir, planificar o trabalho desenvolvido com as crianças pelas diferentes áreas de conteúdos. Nós não descuramos: temas, actividades, etc., a dificuldade está em colocar cada tema e/ou actividade no item certo. Também os aspectos que estão presentes no dia a dia e já são inerentes, escapam-se-nos. Acharmos óbvio e não planificamos. Também se notou que a área mais trabalhada foi a área da expressão plástica (talvez porque complementa quase todas actividades), e a mais esquecida foi a área da Formação Pessoal e Social, a área da expressão dramática e musical também foi pouco desenvolvida. Também nos habituamos a planificar sem rigor científico. Esta forma de planificar também é muito diferente do que aprendemos na nossa base de estudos. Mas, tudo vai dar ao mesmo". A4 "Confrontando as orientações curriculares com o que
--	---	--

A2 "...pode verificar que cometi alguns esquecimentos ao passar para o papel o que na realidade foi trabalhado. Não foi novo para mim, já tinha notado isso em reflexões anteriores. O complemento do nosso quadro de planificação em trabalho de grupo foi muito enriquecedor e proveitoso. (...) "duas cabeças a pensar, pensam melhor". (...) surgiram novas actividades, chegando mesmo a fazer troca de canções, poesias e actividades motoras. Poderei mesmo dizer, sempre que duas educadoras se encontram a originalidade surge. Este tipo de trabalho é bom!" A3 "... continuamos com a organização da planificação segundo as áreas de conteúdos. Mediante a planificação que tínhamos feito anteriormente acrescentamos nas diversas áreas o que consideramos que faltava, o que nos levou a reflectir e a enriquecermos mutuamente trocando entre todas impressões e acrescentando ao plano de cada uma o que considerávamos estar em falta".	auto-estima". P: 52 deve-se incentivar a "autonomia da criança e do grupo assenta na aquisição do saber-fazer indispensável à sua independência e necessário a uma maior autonomia, enquanto oportunidade de escolha e responsabilização". Neste sentido "As crianças e o grupo (...) vai aprendendo a escolher, a preferir, a tomar decisões e a encontrar critérios e razões para as suas escolhas e decisões (...) supõe a capacidade individual e colectiva de ir progressivamente assumindo responsabilidades". P: 53 "A participação democrática de todos na vida do grupo é um meio fundamental de formação pessoal e social (...) permite construir uma autonomia colectiva que passa por uma organização social participada e que as regras, elaboradas e negociadas entre todos, são compreendidas pelo grupo, que se compromete a aceitá-las". P: 53 "... estas vivências de valores democráticos tais como a participação, a justiça, a responsabilização, a cooperação, (...) suscitarão a necessidade de debate e negociação, de modo a fomentar atitudes de tolerância, compreensão do outro, respeito pela diferença". P: 54 Área Da Expressão E Comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas de linguagem... Nela se distinguem vários domínios que se consideraram estar intimamente relacionados, "porque todos eles se referem à aquisição e à aprendizagem de códigos que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e sensibilização estética, indispensáveis para a criança representar o seu mundo interior e o mundo que a rodeia (...) levam a considerá-la uma área básica de conteúdos porque incide sobre aspectos essenciais do desenvolvimento e da aprendizagem e engloba instrumentos fundamentais para a criança continuar a aprender ao longo da vida". P: 56 "...o educador [deve] favorecer o contacto com as várias formas de expressão e comunicação, proporcionando o prazer de realizar novas experiências, valorizando as descobertas da criança, apoiando a reflexão sobre estas experiências, de modo a permitir uma apropriação dos diferentes meios de expressão e comunicação. Este processo implica planejar e proporcionar situações de aprendizagem diversificadas e progressivamente mais complexas. Podemos encontrar no domínio das expressões "O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a	pensam as educadoras parece-me que há lacunas da nossa parte. Não dominamos as diferentes áreas de conteúdos. Se dominamos melhor umas descuidamos por vezes outras. O trabalho em grupo é muito enriquecedor porque nos permite descobrimos lacunas que sozinhas nos passavam despercebidas. Estas acções de formação são muito enriquecedoras pois permite-nos explorar domínios que pela falta de informação na nossa formação inicial, não foram exploradas, ou não exploramos desta forma. Todas nós temos lacunas na nossa formação". A7 "As educadoras na sua actividade educativa facilmente percorrem todas as áreas de conteúdos, mas ao planejar, por vezes não fazem a sua correcta inclusão na respectiva grelha. A Área de Formação Pessoal e Social, que é vivida intensamente de forma transversal, raramente é mencionada na planificação por a considerarmos óbvia. Também na Área do Conhecimento do Mundo nos é difícil dar nomes técnicos aos conhecimentos tratados. Temos que ultrapassar a nossa forma afectiva de tratar a planificação e tornarmo-nos mais técnicas e rigorosas". A10 "De todos os assuntos abordados ao longo da acção de formação penso que as áreas de conteúdo foi onde as educadoras se sentiram mais desafiadas em relação às Orientações Curriculares". Nós trabalhamos as diferentes áreas, o problema surge quando temos que planificar essas áreas, onde colocamos os temas que queremos tratar. Penso que isso se deve ao facto do trabalho por áreas ser recente e ainda estamos habituadas a esse ritmo de trabalho. acredito que depois desta acção de formação a divisão do trabalho por áreas de conteúdos será mais fácil". A5 "Analisando e confrontando as áreas de conteúdo cheguei à conclusão que as educadoras descuidam a área de Formação Pessoal e Social, isto não querendo dizer que não se explore esta área, mas porque esta é transversal e está implícito no trabalho do dia a dia (...) a área mais privilegiada foi a de expressão plástica, talvez porque vá de encontro e seja um modo de avaliação, para outras áreas. As educadoras têm tendência para trabalharem as áreas que mais gostam e em que se sentem mais à vontade. A área do Conhecimento do Mundo foi também descuidada, pois não se referem vários
---	---	--

	criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos". P: 57 Assim no Domínio da Expressão Motora e "Tendo em conta o desenvolvimento motor de cada criança, a educação Pré-Escolar deve proporcionar ocasiões de exercício de motricidade global e também da motricidade fina, de modo a permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo." P: 58/59 No domínio da Expressão Dramática toma-se "um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com os outros que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades partilhadas tomam consciência das suas reacções. Do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal". P: 59 O domínio da Expressão Plástica "...implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressão (...) são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tomam-se situações educativas quando implicam um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considera acabado (...) o desenho, pintura, digitinta bem como a rasgagem, recorte e colagem são técnicas de expressão plástica comuns na educação Pré-Escolar". P: 61 O Domínio da Expressão Musical "assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons: intensidade, altura, timbre, duração, (...) o silêncio que nunca é absoluto, mas, que permite ouvir e identificar o fundo sonoro que nos rodeia. (...) cantar é uma actividade habitual (...) que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmos. (...) a música pode constituir uma oportunidade para as crianças dançarem". P: 64 O Domínio da Linguagem Oral E Abordagem À Escrita cuja "aquisição e a aprendizagem da linguagem oral, tem tido até agora uma importância fundamental na educação Pré-escolar (...) ao fazer, neste domínio referência à abordagem à escrita pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com diferentes funções do código escrito. Não se trata de uma introdução	domínios, embora se estivessem a trabalhar os mesmos. Esta análise permitiu verificar as lacunas ao nível da planificação e enriquecer as nossas experiências". A8 "Creio que planificar segundo áreas de conteúdos é bastante importante para nós educadoras pois ajuda-nos a reflectir e avaliar o nosso trabalho. confesso que a minha dificuldade residia em distribuir as diferentes temáticas, conteúdo e depois desta acção onde se debateram estes temas que nos preocupam, sinto menos dificuldade em realizar este trabalho escrito e espero conseguir concretizar na prática de uma forma positiva. Quanto às áreas de Conteúdo penso que são importantes mas todas elas estão interligadas de uma forma globalizante". A11 "Sendo as áreas de conteúdo, o conjunto de saberes a veicular, concluo ser importante planificarmos por de forma a contemplá-las sem descarmos as necessidades evolutivas do grupo. Articular de forma harmoniosa, os diversos saberes, para ser possível o aprender a aprender, multidisciplinaridade, intercâmbios,..." A3 "Parece - me que neste campo das áreas de conteúdo as educadoras se afastam um pouco das orientações curriculares. As educadoras revelam ainda dificuldade em fazer articular entre todas as áreas e fazem ainda as planificações de forma estanque em relação a umas áreas e outras. É de salientar no entanto a importância que todas dão à reflexão, ao intercâmbio valorizando uma positiva troca de experiências em grupo. Desta reflexão todas reconhecem que aprenderam mais e conseguiram ver a importância da interacção entre as diferentes áreas mencionadas nas orientações curriculares".
--	---	--

	formal e "clássica" à leitura e escrita, mas de facilitar a emergência da linguagem escrita". P: 65 "É no clima de comunicação criado pelo educador que a criança irá dominando a linguagem, alargando o seu vocabulário, construindo frases mais correctas e complexas, adquirindo um maior domínio da expressão e comunicação que lhe permite formas mais elaboradas de representação (...). Esta aprendizagem baseia-se na exploração do carácter lúdico da linguagem, prazer em lidar com as palavras, inventar sons, e descobrir relações. As rimas, as lengalengas, as trava-línguas e as adivinhas (...) no sentido de interpretação e tratamento da informação que implica a "leitura" da realidade, das "imagens" e de saber para que serve a escrita, mesmo sem saber ler formalmente". P: 66 Pretende-se ainda que no domínio da linguagem oral "as interacções proporcionadas pela vida do grupo, em grande grupo, em pequeno grupo ou no diálogo com outra criança ou com outro adulto constituem ocasiões de comunicação diferentes: narrar acontecimentos, reproduzir ou inventar histórias, debater em comum regras de grupo, negociar a distribuição de tarefas, planear oralmente o que se pretende fazer e contar o que se realizou...." P: 68 "A comunicação não verbal (...) pode constituir um suporte da comunicação oral, que pode ser trabalhada independentemente: expressar e comunicar sentimentos através de gestos ou mímica (...) constitui outro meio de aprofundar a linguagem". P: 68 "A atitude do educador e o ambiente que é criado devem ser facilitadores de uma familiarização com o código escrito. Neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas deverão ser valorizadas e incentivadas." P: 69 "educador proporcionar o contacto com diversos tipos de texto escrito que levam a criança a compreender a necessidade e as funções da escrita, favorecendo a emergência do código escrito. A forma como o educador utiliza e se relaciona com a escrita é fundamental para incentivar as crianças a interessarem-se e a evoluírem neste domínio." P: 69 No Domínio Da Matemática "cabe ao educador partir das situações do quotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, internacionalizando momento de consolidação e sistematização de noções matemáticas". P: 73 73 É através de experiência que a criança começa a encontrar princípios lógicos que lhes permite classificar objectos, coisas e acontecimentos de acordo com uma ou várias e por isso "O educador proporciona experiências diversificadas e apoia a
--	--

		reflexão das crianças, colocando questões que lhes permita ir construindo noções matemáticas". P: 74 Área Do Conhecimento Do Mundo "a criança quando inicia a educação pré-escolar já sabe muitas coisas sobre o "mundo", já construiu algumas ideias sobre a relação com os outros, o mundo natural e construído pelo homem, como se usam e manipulam os objectos" P: 71 Esta área enraiza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porque (...) e é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo". P: 79 Neste sentido o meio próximo do contexto da educação pré-escolar supõe uma fonte de aprendizagens relativas ao conhecimento do mundo com referência ao que existe e acontece no espaço exterior, "ao uso de instrumentos e técnicas complexas através dos media, de saberes que ultrapassam a realidade próxima". P: 80 Esta área poderá ainda englobar "uma sensibilização às ciências, que poderá estar mais ou menos relacionadas com o meio próximo, mas que aponta para a introdução de aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia que, mesmo elementares e adequadas às crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico". P: 80/81 Esta sensibilização às ciências "parte dos interesses das crianças que o educador alarga e contextualiza, fomentando a curiosidade e o desejo de saber mais. Interrogar-se sobre a realidade, colocar problemas e procurar a sua solução constitui a base do método científico (...) e deverá permitir o contacto com a atitude e metodologias próprias das ciências e fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental".
--	--	---

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

	O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
PROCESSOS EDUCATIVOS/ PLANIFICAÇÃO	A10 "... senti imensa dificuldade em escrever o que é feito no dia a dia do meu jardim de infância. Senti que tenho muita dificuldade em dividir o trabalho pelas diferentes áreas. Do trabalho que observei (...) [verifiquei] o quanto será importante (...) para melhor planificar, colocar cada actividade na área certa".	"A abordagem sistémica e ecológica constitui, assim, uma perspectiva de compreensão da realidade que permite adequar, de forma dinâmica, o contexto educativo institucional às características e necessidades das crianças e adultos. Constitui ainda um instrumento de análise para que o educador possa adaptar a sua intervenção às crianças e ao meio social em que trabalha. Neste sentido a perspectiva sistémica e ecológica assenta nos seguintes elementos: - "compreender melhor cada criança, ao conhecer os sistemas em que esta cresce e se desenvolve, de forma a respeitar as suas características pessoais e saberes já adquiridos, apoiando a sua maneira de se relacionar com os outros e com o meio social e físico; - contribuir para a dinâmica do contexto de educação pré-escolar na sua interacção com outros sistemas que também influenciam a educação e a formação dos adultos, de forma a que esse contexto se organize para responder melhor às suas características e necessidades; - perspectivar o processo educativo de forma integrada, tendo em conta que a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem, de forma articulada, em interacção com os outros e com o meio; - permitir a utilização e gestão integrada dos recursos do estabelecimento educativo e de recursos que, existindo no meio social envolvente, podem ser dinamizados; - accentuar a importância das interacções e relações entre os sistemas que têm uma influência directa ou indirecta na educação das crianças, de modo a tirar proveito das suas potencialidades e ultrapassar as suas limitações, para alargar e diversificar oportunidades educativas das crianças e apoiar o	A9 "... a reflexão das educadoras foi baseada nos modelos que cada uma utilizava no seu dia a dia e as dificuldades de passar para o papel, logo de fazer uma auto-avaliação. Nas O. C. não fala em modelos a seguir, mas sim aquilo que temos de ter em conta tais como criança, meio, e recursos envolvendo a comunidade no processo educativo a fim de atingir determinados obstáculos. A12 "... as educadoras focaram mais os modelos que utilizavam no seu trabalho com as crianças e nas dificuldades que tinham em fazer os registos das crianças para depois se auto-avaliarem. As orientações curriculares focam mais o que temos de ter em conta para planearmos o trabalho tal como: comunidade, pais, auxiliares, etc. que estão envolvidos no processo educativo".
	A14 "Foi bastante enriquecedor este trabalho porque ajudou bastante no desenvolvimento dentro das várias áreas do projecto a realizar. Fiquei com a sensação que no futuro irei estar mais alerta para os vários factores que se podem utilizar num melhor desenvolvimento dum projecto. É de realçar também o facto do trabalho ser em grupo e haver uma enriquecedora troca de experiências".		A7 "De todos os conceitos analisados, a planificação talvez tenha sido a que mais se afasta das orientações curriculares. Por falta de formação específica, as educadoras ainda planificam um pouco como aprenderam inicialmente, embora os conteúdos sejam comuns às orientações, a sua organização por áreas e a priorização de competências a desenvolver ficam por registar. A Área de Formação Pessoal e Social é que menos é planificada, já que todas consideram inerentes a qualquer actividade no jardim, é tão óbvio para nós que transversalmente se trabalha esta área que, erradamente, ela não é contemplada na planificação".
	A6 "Da realização deste trabalho (...) fiquei com uma visão mais integradora das diferentes áreas de conteúdo e sua integração no projecto (...) com uma visão mais clara, mais sistemática de como incorporar toda esta diversidade no mesmo plano. Creio também que para mim o trabalhar em grupo me desperta para situações que de uma forma individual é mais difícil e que sinto mais facilidade em falar do que em escrever. Deste trabalho constatei com as minhas falhas nas diferentes áreas, nas competências e nas diversas formas possíveis para a respectiva avaliação. A12 "Uma das grandes dificuldades que eu tinha era planificar segundo as novas áreas.		A8 "Depois de uma reflexão, verifico que todas nós aproveitamos algo de bom e positivo de todos os modelos apresentados. Uma das grandes dificuldades continua a ser a parte escrita do nosso trabalho, isto é saber sintetizar e planificar de modo claro e prático. Antes da minha planificação, costumava fazer um levantamento dos recursos existentes que poderiam mudar de ano para ano e depois em função das necessidades e interesses das

Esta sessão ajudou-me imenso a entender e fazer a planificação do meu trabalho. A planificação feita em grupo foi muito construtiva". A9 "Estas duas últimas sessões foram enriquecedoras pois deram-me uma perspectiva a nível da planificação do trabalho a realizar, as áreas que na escrita são menos contempladas. Foi (...) muito positiva a troca de experiências". A4 "Esta sessão permitiu-me consolidar os conhecimentos apreendidos. Fiquei mais esclarecida. Analisamos os projectos que faltavam e enriquecemo-nos desta forma mutuamente partilhando diferentes trocas de experiências. Estas sessões têm sido muito enriquecedoras". A1 "Esta sessão foi para mim esclarecedora sobre determinados pontos que para mim estavam ainda um pouco confusos. Foi proveitosa e permitiu um enriquecimento mútuo. A partilha de ideias foi mais uma vez uma constante nestas acções de formação". A7 "Esta sessão serviu para clarificar certas dúvidas relativas às denominações a dar a certas actividades ou competências, pois é mais fácil idealizar que classificar correctamente. É frequentes as competências interligarem-se de tal forma que nos é difícil fazer uma sérieação objectiva". A11 "É sempre importante o intercâmbio das reflexões individuais para a evolução e optimização da prática pedagógica, nomeadamente ao nível da esquematização _ planificação - avaliação, das competências a	trabalho dos adultos. "a construção articulada do saber - o que implica que as diferentes áreas a contemplar não deverão ser vistas como compartimentos estanques, mas abordadas de uma forma globalizante e integrada" exigindo que o educador planeie o seu trabalho e avaliação. O processo e os seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças". P: 18 "Planear implica que o educador reflicta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização". "Concretizar na acção as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevisíveis. A participação de outros adultos - auxiliar de acção educativa, pais, outros membros da comunidade - na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador é uma forma de alargar as interacções das crianças e de enriquecer o processo educativo". P: 27	crianças é que organizo a minha planificação de acordo com as diferentes épocas do ano. Na minha opinião, julgo que uma planificação simples, apenas com os tópicos principais nos dá mais liberdade de acção, embora aquela nunca deva ser rígida e portanto com possibilidades de se alterarem actividades e outra situações". A13 "Planificar é programar actividades que visam na criança o desenvolvimento psico-sensorio-motor. Planifica-se atendendo as actividades, interesses e saberes das crianças como ponto de partida para determinadas aprendizagens. Para planificar tem que se atender ao meio social onde a criança se encontra inserida, às suas necessidades e interesses. O modo como o jardim de infância se encontra organizado também deve ser um dos pontos a ter em consideração. Na planificação não deve ficar esquecida a relação escola-família, pois este aspecto é fundamental para um trabalho com maior êxito a realizar no jardim de infância. A11 "Começaria pela transdisciplinaridade para dizer que é fundamental a integração total, facilitadora da interpretação e compreensão das realidades sem o compartimentar em áreas de conteúdo. A meu ver planificar, construirmos aprendizagens depende não só de factores intrínsecos às crianças, isto é as suas motivações, interesses, mas também com factores exógenos, nomeadamente os que decorrem de como o jardim de infância se organiza, do modelo de organização curricular porque optou, (áreas de conteúdo), do processo de ensino-aprendizagem, clima afectivo, estratégias, bem como condições socioculturais e do ambiente familiar onde as crianças são socializadas. Deste modo é urgente planificar atendendo às expectativas, interesses e saberes das crianças, enquanto ponto de partida para novas aprendizagens e saberes e que se passa necessariamente pela (...) maior consciencialização e entendimento do que se mandata à escola e dos papéis atribuídos aos intervenientes no processo educativo". A2 "Planear, tal como dizem as Orientações curriculares implica reflectir sobre as intenções educativas, de forma a que se possa adoptá-las às crianças/grupo e ao meio social em que trabalha". E, o que pensam as educadoras? Estas profissionais são unânimes ao constatarem que todas as actividades programadas deverão ir ao encontro
---	---	---

adquirir e os processos inerentes aquelas, quer à concretização do projecto, passando necessariamente pela planificação, avaliação e investigação do grupo". A13 "...fiquei mais esclarecida sobre as competências a desenvolver no projecto. Na Área da Formação Pessoal e Social não tinha referido as estratégias, talvez porque me sentia um pouco confusa na selecção das mesmas (...) fiquei esclarecida (...) Foi importante (...) porque (...) em todas elas se tiram dúvidas que nós sentimos no dia a dia". A8 "Esta sessão foi muito proveitosa para mim, aprendi a fazer uma pequena planificação e a explorar os temas (...) um grande intercâmbio com as colegas. Espero receber mais informações acerca de uma planificação bem organizada. Através destes trabalhos práticos é mais fácil entendermos e compreendermos este tipo de trabalho escrito". A2 "...pude verificar que cometi alguns esquecimentos ao passar para o papel o que na realidade foi trabalhado. Não foi novo para mim, já tinha notado isso em reflexões anteriores. O complemento do nosso quadro de planificação em trabalho de grupo foi muito enriquecedor e proveitoso. (...) "duas cabeças a pensar, pensam melhor". (...) surgiram novas actividades, chegando mesmo a fazer troca de canções, poesias e actividades motoras. Poderei mesmo dizer, sempre que duas educadoras se encontram a originalidade surge. Este tipo de trabalho é bom!" A3 "... continuamos com a organização da	das necessidades da criança e características do grupo, usando um desenvolvimento global. Mais, uma vez, as educadoras não estão longe do previsto nas orientações curriculares. Foram mais longe e fizeram notar que, por vezes existe o chamado currículo oculto (aquilo que é inato no nosso dia a dia e não conseguimos passar para o papel), não sendo assim, possível, fazer uma avaliação da nossa postura/planificação. Por vezes, a nossa planificação dá ares de ser demasiado técnica e tradicionalista, mas tudo não é mais do que uma certa dificuldade em colocar no papel os nossos actos educativos – que apresentamos um pouco das diferentes escolas [de formação inicial] e dos diferentes modelos pedagógicos". A6 "Da análise do confronto (...) é possível detectar que a maior parte do grupo se enquadra no modelo técnico e social, bem como a dificuldade em redigir, em passar para o papel tanto da 'actividades' implícitas em actos educativos. Com a leitura do texto de apoio foi possível reflectir como na prática 'os nossos' modelos são muitas vezes um pouco de cada um que tentamos enquadrar no grupo e até mesmo pela actividade em si, que assim o permite. É preocupação constante a adaptação dos modelos às necessidades das crianças e aqui encontramos-nos em paralelo com as orientações curriculares. As características e as necessidades das crianças conjugadas com os adultos e com os recursos de que se dispõem constituem a base para uma planificação da qual deve fazer parte as intenções educativas, as formas de as adequar ao grupo prevendo situações de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais para a sua realização". A14 "As actividades programadas no currículo devem ir de encontro às necessidades da criança numa perspectiva de um desenvolvimento global. Para isso é preciso que o educador planeie o seu trabalho e avaliação. Implica reflectir sobre as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças. A participação da auxiliar da acção educativa e outros membros da comunidade será uma forma de alargar as interacções da criança e enriquecer o processo educativo". A5 "Ao analisar os processos educativos e a planificação
---	---

	planificação segundo as áreas de conteúdos. Mediante a planificação que tínhamos feito anteriormente acrescentamos nas diversas áreas o que consideramos que faltava, o que nos levou a reflectir e a enriquecermos mutuamente trocando entre todas impressões e acrescentando ao plano de cada uma o que considerávamos estar em falta”.	cheguei à conclusão que o grupo de educadoras procura em cada modelo uma parte de apoio para a sua orientação. No entanto, a generalidade do grupo recorre mais ao modelo técnico e social. A planificação segundo as orientações curriculares obriga a educadora a reflectir sobre todo o processo educativo, na maneira de adoptar às características do grupo, organizando recursos. Esta reflexão é um pouco implícita no trabalho da educadora no seu dia a dia, penso que já se faz sem ter essa noção”. A10 “O que as educadoras pensam em relação ao processo educativo/planificação vai de encontro ao que dizem as orientações curriculares. Ambas são unânimes quando dizem que as actividades programadas devem ir de encontro às necessidades das crianças, visando o seu desenvolvimento global tendo a criança no seu todo, o seu meio social, os conhecimentos já adquiridos e todo o ambiente que a envolve. O educador deve ter como objectivo o desenvolvimento global da criança, trabalhando as diferentes áreas de forma harmoniosa, globalizante e integrada. Mas, porque o assunto abordado nos levou à reflexão sobre a nossa prática pedagógica as educadoras entenderam que aproveitam o que nos parece melhor das diferentes teorias pedagógicas, concluímos também que o modelo mais utilizado é o técnico. A dificuldade maior de todas as educadoras consiste em passar para a escrita aquilo que está subjacente ao nosso trabalho e que muitas vezes não é escrito, uma vez que pensamos que está inerente à actividade que queremos desenvolver, mas grande parte das vezes não escrevemos pela dificuldade que sentimos em escrever o que pensamos realizar ou realizamos”. A1 “...a planificação segundo áreas de conteúdos é bem organizada, é importante e essencial para que trabalho que realizamos no jardim de infância tenha coerência, as actividades estejam interligadas e não percamos oportunidades educativas de serem desenvolvidas, e nos levem à dispersão e desorientação no nosso trabalho. Não devemos descurar nenhuma das áreas de aprendizagem pois todas elas se revestem de grande interesse e contribuem para o desenvolvimento global da criança. Ao pensar desta forma estou em sintonia com o que as orientações curriculares preconizam. No meu caso pessoal, que sempre tive dificuldade em planificar esta
--	--	--

			acção foi benéfica e irá ajudar-me futuramente no meu trabalho diário no jardim de infância. Sinto-me neste momento mais à vontade em relação a este aspecto importante, com os conhecimentos que adquiri nesta acção". A4 "Todas nós sentimos dificuldade em transmitir para o papel a nossa acção, sobretudo aquilo que faz parte do currículo boudo. Sentimos dificuldade na planificação. Quanto aos processos educativos, apesar de nos situarmos mais no modelo de interacção social, também todas nós utilizámos um pouco dos outros modelos técnicoista, tradicionais, etc. mas tal como [referem] as orientações curriculares, conclui também que todas as educadoras deste grupo planeamos e reflectimos. Sobre as nossas intenções educativas e na melhor forma de as adequar a cada criança individualmente e ao grupo em geral. Adequamos o contexto educativo numa perspectiva sistémica e de forma integradora tendo em conta que a criança constrói o seu desenvolvimento e aprendizagem de uma forma articulada em interacção com os outros e com o meio. Promovemos o desenvolvimento global e harmonioso das crianças, respeitando claro está as características individuais, favorecendo aprendizagens significativas e diferenciadas, num ambiente estimulante de investigação em que a criança observa, experimenta, analisa, levanta hipóteses, compara, soluciona problemas, argumenta etc. incentivamos o respeito pela pluralidade de culturas e igualdade de oportunidades. Preocupamo-nos imenso em criar e proporcionar um ambiente afectivo de alegria onde as crianças se sintam à vontade e felizes. Procuramos ser sensíveis, flexíveis e inovadores, reflectindo continuamente sobre a nossa prática pedagógica. A nossa prática educativa está mais virada para o modelo de interacção social e humanista". A3 "Nesta análise sobre a planificação das educadoras referem muito a utilização de modelos técnicoistas nas planificações, embora quase todas friseem que estas planificações têm sempre em vista os interesses e características do grupo. Neste sentido estas perspectivas vão de encontro às orientações curriculares pois também elas visam as características e necessidades das crianças. As educadoras afastam-se um pouco das orientações curriculares pois não mencionam a planificação feita mediante propostas das crianças, e nem
--	--	--	--

				explicitam nas suas planificações a participação dos outros parceiros educativos como auxiliares, pais e comunidade envolvente. É importante no entanto a importância que as educadoras dão a estas reflexões, obrigando a uma reflexão pessoal com vista a uma melhoria.
--	--	--	--	--

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
A1 – “Como educadora valorizo e preocupo-me muito com o criar e propiciar um ambiente afectivo e alegre para as crianças, onde elas se sintam à vontade e felizes [pois] só assim, se poderão desenvolver harmoniosamente e crescerem saudáveis física e psicologicamente. A observação cuidada e permanente permite-me conhecer melhor as crianças e responder às suas necessidades, desejos, medos e preocupações. (...) a avaliação é importante e faço-o quase diariamente. A troca de experiências é feita continuamente por mim e entendo-o muito benéfico e importante. O papel do educador é de grande responsabilidade e esforço-me por desempenhá-lo o melhor que posso e sei”. A realização de projectos é um dos aspectos onde não me sinto muito à vontade, pois custa-me um pouco fazê-los. O intercâmbio com a comunidade não é muito realizado (...) embora o entenda importante. A2 – “Uma das minhas preocupações diárias é procurar abarcar todo o grupo no geral e cada criança no particular. Para o conseguir procuro acima de tudo ser flexível, sensível e usar sempre o bom senso. Procuro não cair em exageros (sejam eles de planificação, de postura, de avaliação, etc.) tento ir buscar um pouco aos diferentes processos educativos, coordenar projectos com ideias/interesses das crianças no seu dia a dia, atender às necessidades de forma que as potencialidades de cada criança sejam desenvolvidas e aumente a sua auto-estima e confiança. Que sejam felizes e parte integrante do mundo que as rodeia. No fundo ter tempo para reflectir. A5 – “O educador deve (...) observar para a partir daí planificar, atendendo às necessidades das crianças, ajudando a desenvolver as suas	A intervenção do educador passa por diferentes etapas que estando interligadas e que se vão sucedendo e aprofundando consistindo em: – “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (...) [e] resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referenciais tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo.” P: 25 (...) trata-se fundamentalmente de dispor de elementos que possam ser periodicamente analisados, de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança”. P: 25 Por outro lado o educador deve “planear o processo educativo de acordo com (...) o grupo e cada criança, [e] o contexto familiar e social (...) planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização (...) suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de auto-estima. P: 26 Este planeamento realizado com a “participação das crianças permite ao grupo beneficiar da sua diversidade, das capacidades e competências de cada criança, num processo de partilha facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma” Compete ainda ao educador “concretizar na acção as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações e oportunidades imprevistas. A participação de outros adultos (...) é uma forma de alargar as interacções das crianças e de enriquecer o processo educativo”. P:27 Para além disso o educador deverá “avaliar o processo e os	A13 “O educador tem um papel muito importante no desenvolvimento global da criança. O educador não ensina, mas orienta, e orienta a criança para que ela própria consiga através das actividades livres e orientadas desenvolver as suas capacidades psico-sensorio-motoras. O educador orienta ‘da a mão’ e ajuda a criança a vencer as suas dificuldades e problemas do dia a dia. ‘A brincar aprendo’ é baseado neste conceito que o educador proporciona à criança, jogos educativos, sensoriais, e outros para que ela própria através dos seus jogos desenvolva as suas potencialidades e ‘aprenda’ a estar na vida e na sociedade em que está inserida”. A11 “Poder-se-la, traduzir o papel do educador de uma forma simplista na frase que tantas vezes é repetida ‘cresceram tanto’, frase simples, mas plena de significação. Efectivamente o papel do educador é uma súplica de: – Observação – Acção – Registo – Planificação – Avaliação tendo sempre consciente o triângulo Criança Educador de Infância Família-Meio (...) para o exercício de uma função pedagógica de extrema importância como a de educador de Infância muito há ainda por fazer, desde as instalações, meios espaciais, passando pelos meios materiais e humanos e as condições optimizadas e qualidade na formação contínua de todos os profissionais implicados”. A9 “Analisando este documento penso que as educadoras focaram o papel do educador em todas as vertentes em relação ao mesmo assunto nas orientações curriculares. No entanto (...) para além de dar uma maior relevância a proporcionar às crianças um ambiente acolhedor e alegre para o seu bem estar, foca também as principais

	potencialidades. Tem que ter em conta o meio onde está inserido, (o que se torna um pouco difícil pois de ano para ano "salta" de uma comunidade para outra) esta dificuldade poderá depois diminuir através de reuniões de pais, visitas de exploração. "Uma outra dificuldade é a avaliação, a partir de registos de comportamentos e actividades, e complementar com observações e reflectir sobre o trabalho desenvolvido. Será que atingimos exactamente o que se pretendia, que os objectivos foram conseguidos". A12 -- "valorizo (...) um bom ambiente na sala tanto em relação às crianças como aos colegas e pais. Tento que os pais participem sempre que possível em trabalhos realizados na sala com as crianças. Tento desenvolver as potencialidades das crianças. Gosto de fazer trabalhos em conjunto com outros colegas e levar as crianças a conhecer outros meios e outras realidades". "No que sinto mais dificuldade é em registar o que se passa no dia a dia e a evolução que as crianças vão tendo, o que me dificulta depois a nível das avaliações das crianças". A9 -- "...o que se torna mais difícil para mim é coordenar o projecto Agrupamento com o projecto de grupo, no que diz respeito à organização do projecto curricular de turma. Em relação à avaliação o que se torna mais difícil é realçar apenas os aspectos positivos das crianças, quando se nota que apresentam algumas dificuldades em diferentes áreas". A3 -- "Todos os papéis do educador são considerados importantes. Há no entanto alguns que na prática passam mais ao de leve do que os outros. Pessoalmente considero importante planificar, observar, avaliar entre outros. (...) a flexibilidade e a reflexão são importantes na medida que só depois de uma reflexão conseguimos chegar aos nossos erros". "Na prática tenho falhas no registar, pois nem sempre conseguimos quando trabalhamos sozinhos registar situações que consideramos importantes (...) considero ainda que exploro pouco o intercâmbio com a comunidade	efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. (...) O conhecimento que o educador adquire da criança e do modo como esta evolui é enriquecido pela partilha com outros adultos que também têm responsabilidade na sua educação (...) a troca de opiniões com os pais permite um melhor conhecimento da criança e de outros contextos que influenciam a sua educação: família e comunidade". P.27 E função ainda do educador "promover a continuidade educativa num processo marcado pela entrada para a educação Pré-Escolar e a transição para a escolaridade obrigatória (...) é também função do educador proporcionar as condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte competindo-lhe, em colaboração com os pais e em articulação com os colegas do 1.º Ciclo, facilitar a transição da criança para a escolaridade obrigatória". P.28	difficultades sentidas ao desempenhar as suas funções, sendo estas relacionadas com registos e planificações". A12 " ...os documentos (...) são coerentes, no entanto (...) os educadores focam as dificuldades que sentem, as quais são: Planificação e registos, principalmente diários, por vezes é difícil com 25 crianças de diferentes idades registar o que cada uma disse ou fez". A2 "Ao analisar o confronto do conceito do papel do educador, posso dizer com uma certa validade, que nós educadoras sabemos bem desempenhar o nosso papel. Tal como dizem as orientações curriculares, mantemos uma observação cuidada e permanente de cada criança e grupo, de modo a conhecer capacidades, interesses e dificuldades. Mas vamos mais longe. Temos o cuidado em criar e proporcionar um bom ambiente afectivo e alegre de modo que as crianças possam sentir-se bem e se desenvolvam de uma forma harmoniosa. Temos ainda o cuidado em sermos mais flexíveis, sensíveis e usar o bom senso. Planeamos, reflectimos, prevemos e concretizamos actividades. Temos ainda a consciência da dificuldade em registar para avaliar. O tempo voa no dia a dia e não registamos no momento. Depois também vem a dificuldade em registar na positiva, quando sabemos das dificuldades de cada criança e/ou grupo. Não fazemos referência na necessidade de promover a continuidade educativa, talvez porque andamos aos 'saltitos' de ano para ano e/ou não temos grande receptividade da parte dos outros profissionais? Fica a pergunta no ar". A10 "As educadoras referem a importância de conhecer a criança inserida no seu meio, na preocupação de trabalhar o grupo como um todo, não esquecendo no entanto que é constituído por crianças, cada uma diferente da outra, isto também é referido nas orientações curriculares, contudo é difícil para as educadoras que todos os anos mudam de jardim porque é perto do final do ano lectivo que começam a desenvolver laços afectivos com a família e a comunidade e também um conhecimento mais profundo da criança. Neste sentido é importante a permanência da educadora no jardim de infância por mais que um ano. Todo o trabalho da educadora pressupõe a avaliação do trabalho realizado uma vez que só observando, reflectindo e avaliando se pode corrigir e planear tendo em conta a realidade que temos e as necessidades das crianças, mas essa avaliação pressupõe paragens para reflexão e avaliação". A4 " ...as maiores dificuldades das [educadoras] residem no passar para o papel os projectos, observar, avaliar e reflectir
--	--	---	---

	educativa".	A13 – "Todo o trabalho do educador deve ter como base um ambiente acolhedor e seguro na sala. A observação é um ponto muito importante que deve estar sempre presente, depois vem (...) o registo da observação. A coordenação é muito importante para que o trabalho seja eficaz e para que os objectivos sejam atingidos". "Sinto mais dificuldade no planificar e no trabalho administrativo". A4 – "...considero-me uma educadora flexível, sensível aos factos que vão surgindo diariamente e na minha actividade pedagógica. Procuo criar um ambiente agradável e acolhedor com o grupo e com a comunidade em geral. Procuo fazer uma avaliação construtiva. Faço uma reflexão constante em todo o acto educativo". "Tenho alguma dificuldade em avaliar, embora registe diariamente, perco-me na avaliação. Procuo sempre uma avaliação construtiva e qualitativa". A8 – "...sinto necessidade de criar na sala um bom ambiente de harmonia, acolhedora e alguma disciplina, pois penso que o ambiente da sala é muito importante para o sucesso das actividades. (...) os registos feitos pelas crianças são um "documento" interessante para uma certa avaliação. Observar as crianças tanto na sala como fora dela é também um importante instrumento de trabalho para mim". "A minha dificuldade maior reside em coordenar os projectos e registá-los em papel devidamente sintetizados". A6 – "É preciso saber actuar para desta forma poder estar atento às particularidades de cada criança". (...) o meu papel ao nível dos registos é para mim muito difícil, pois aquilo que observo como importante acontece rapidamente e com o intuito de nada perder não escrevo (...) quando me proponho a escrever ou já não me lembro textualmente das palavras e por vezes nem dos contextos onde surgiu a avaliação. Fico apenas com a ideia no geral. Outra dificuldade que sinto tem a ver, com o intercâmbio com a escola (...) pois as coisas	sobre o trabalho desenvolvido com as crianças para depois registar e com todo o trabalho administrativo que temos de fazer com o qual perdemos imenso tempo e nos leva muitas vezes a colocar em segundo plano as crianças. Parece-me que todos se preocupam em promover a continuidade educativa, processo esse iniciado na família e depois no jardim de infância. Todas nós nos preocupamos em favorecer uma boa adaptação da criança ao jardim de infância, procurando que estas se sintam seguras. Na transição para a escola primária procuramos comunicar com os seus familiares e colegas da primária favorecendo essa continuidade educativa e facilitando essa transição. Realizamos projectos comuns que integram as crianças dos dois sectores de ensino favorecendo maior conhecimento mútuo. Procuramos ser pessoas de carácter e sentimo-nos realizadas. Como pessoas e profissionalmente estando sempre em interligação com a criança e com o adulto. Preocupamo-nos muito com o criar e proporcionar um ambiente afectivo e alegre onde as crianças se sintam à vontade e felizes. Tentámos ser flexíveis, sensíveis e usar o bom senso. A nossa principal preocupação é procurar abarcar o grupo em geral e cada criança em particular, tentar conhecer o meio, a família, instituição, o grupo e a criança individualmente, nos seus aspectos afectivos, psicomotores, perceptivos/cognitivos através da observação com registos. Planear de forma a estimular a criança apoiando-a sempre e reflectindo as nossas intenções educativas de forma a melhor as adequar ao grupo, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo. Este planear é sempre realizado com a participação das crianças. Depois avaliamos construtivamente e qualitativamente servindo de suporte ao planeamento anterior; esta avaliação é também feita com a participação e opinião das crianças. O educador deve ser um 'inovador pedagógico' terá de conhecer para depois intervir e inovar. Deve ser flexível e reflectir continuamente a sua prática (minha opinião pessoal)". A6 "... o papel das educadoras ressalta, da nossa apreciação, a grande dificuldade e registo sobre as crianças e na adequação de projectos à nossa realidade. Para mim é igualmente uma grande dificuldade fazer os registos embora considere que é a única forma de se proceder a uma avaliação, mais fidedignos sobre o desenvolvimento das crianças, sobre o enquadramento do projecto à realidade do grupo. (...) Nas orientações curriculares sobressai a tónica de centrar todas as actividades na criança, no seu conhecimento, nas suas necessidades, na sua desenvoltura
--	-------------	---	--

	surgem consumadas sem ter em consideração as características do pré-escolar". A14 – "... o papel do educador terá que ser (...) equilibrado". (...) o meu ponto fraco nesse aspecto relaciona-se com os registos e o trabalho administrativo. Acabo sempre por não registar certas atitudes das crianças e que deveriam ser valorizadas. Reconheço que deveria nestes aspectos tomar-me mais responsável". A11 – "A diversidade de educandos e de educadores remete-nos para um trabalho sempre atento, contínuo e renovado (...) os aspectos do registo, da observação, da avaliação e reflexão (...) os outros aspectos coloco-os não em segundo plano, mas numa simultaneidade..." A7 – "... considero que tenho presentes todos os itens que caracterizam o papel da educadora, apesar de ser um pouco directiva, sem deixar de respeitar as iniciativas e o ritmo de cada criança (...) apenas o registo das observações me falha frequentemente, embora dê muita atenção a cada criança e às suas atitudes, depois não passo à escrita". A10 – "No início do ano lectivo preocupo-me um pouco com a organização da sala. (...) que seja acolhedora, mas que tenha só o mínimo, porque penso que a montagem da sala deve surgir ao longo do ano com o trabalho que vai surgindo com as crianças. A minha principal prioridade é a de ajudar a criança a desenvolver as suas potencialidades (...) tento dar o meu melhor. Preocupo-me em observar e avaliar o trabalho feito para partir para planificações cada vez mais ajustadas á realidade que tenho (...) para mim é realmente mais difícil a parte de coordenação de projectos e também da dinâmica da escola, mais em relação aos adultos (colegas e pais)".	e partir daí para a concretização de estratégias capazes de continuar todo o seu crescimento. Observar a criança/grupo. Dispor de elementos para analisar e compreender o processo de desenvolvimento e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança/ grupo. Planear implica adequação das intenções educativas à criança/grupo. Planear com as crianças/grupo – processo de partilha facilitador de aprendizagem e do desenvolvimento de todas e de cada uma. Concretizar na acção as intenções educativas partindo das propostas das crianças e situações imprevistas. Avaliar os processos e efeitos para adequar o processo educativo às necessidades do grupo e das crianças e à sua evolução. Promover condições para que cada criança tenha uma aprendizagem com sucesso na fase seguinte em articulação com pais e docentes do 1.º Ciclo". A7 "Confrontando as duas colunas, considero que qualquer das educadoras tem consciência do papel da educadora apresentado pelas orientações curriculares. Apenas uma visam mais umas áreas, que outras. Se é necessário observar, planear, concretizar a acção, avaliar (...) por vezes é esquecido é a relação com os pais e com a comunidade. Podemos fazer trabalhos fantásticos, mas se não os fazemos chegar ao exterior, perde-se muito do seu interesse. Não nos reconhecemos o valor, nem criamos impacto na sociedade, temos que dar a conhecer o papel do jardim de infância". A14 "Procurar um ambiente afectivo é a minha preocupação pois daqui decorrerá um harmonioso desenvolvimento de cada criança ajustado ao seu ritmo muito próprio. O sucesso das actividades passará por satisfazer esta necessidade de todos os intervenientes. Os registos feitos pelas crianças irão ajudar na sua própria avaliação. Observá-las permite-me também usar este instrumento de trabalho. Mas a minha maior dificuldade reside em coordenar os projectos e registá-los devidamente sintetizados no papel". A1 "Não encontro (...) nenhum ponto importante (...) que não tivesse sido focado pelos educadores, e (...) de uma forma consciente e acertada. Com estes conceitos (...) postos em prática no dia a dia com as crianças, tenho a certeza que estamos a contribuir numa forma muito positiva e válida para que a educação não seja uma palavra vã, e que o nosso contributo como educadoras dará frutos valiosos de que poderemos sentir satisfeitas e orgulhosas. Pela importância da nossa acção faremos certamente
--	--	--

		crescer crianças felizes que farão um mundo bem melhor e mais colorido para todos". A8 "... a observação atenta acerca da criança é uma preocupação constante de todas nós e um prioridade nas O. C. (...) penso que é preciso saber observar para que todo o nosso trabalho possa decorrer positivamente. Um bom ambiente na sala com disciplina mas também desinibição e alegria ajuda bastante o educador a atingir os seus objectivos com satisfação. Embora com pouco relevo por parte das educadoras, eu acredito ser "obrigação" nossa, criar um bom intercâmbio entre o jardim e as famílias. Outro aspecto com o qual me preocupo é efectivamente manter um espírito de equipa, isto é, trabalhar paralelamente com todos os funcionários inerentes ao jardim de infância e procurar uma certa coerência diária". A3 "O que se verifica nesta análise (...) é que existe um consenso muito grande entre todas e vão todas de encontro às orientações curriculares, pois todas focam no papel do educador, o observar, registar, planear, avaliar, a responsabilidade, flexibilidade, bom senso, criação de ambientes, partilha com colegas e todos estes aspectos são focados nas orientações curriculares. Parece-me que neste sentido todas as educadoras têm consciência do seu papel. Considero no entanto uma grande lacuna as educadoras não terem focado o seu papel importantíssimo na promoção para a continuidade educativa e a articulação com o 1º. Ciclo de modo a facilitar a transição para a escolaridade obrigatória. Esta função do educador está prevista nas orientações curriculares".
--	--	---

ANÁLISE E CONFRONTO DOS CONCEITOS

	O QUE PENSAM AS EDUCADORAS	O QUE DIZEM AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	OBSERVAÇÃO/REFLEXÃO
AVALIAÇÃO	A6 "A avaliação é uma actividade muito importante na nossa prática pedagógica e eu pessoalmente tenho ainda muitas dificuldades nesta área... (...) é o instrumento que pode aperfeiçoar o nosso trabalho. As observações e os respectivos registos são para mim uma dificuldade".	"Este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referências tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo. Trata-se fundamentalmente de dispor de elementos que possam ser periodicamente analisados, de modo a compreender o processo desenvolvido e os seus efeitos na aprendizagem de cada criança. A observação constitui, deste modo, a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo". P: 25	A7 " A reflexão das educadoras prende-se mais com as dificuldades encontradas após trabalharem o tema, que acerca da opinião dele. Nas orientações curriculares encontramos todos os itens que devem ser avaliados. Na opinião das educadoras estes itens praticamente não aparecem, porque já haviam sido debatidos. O que me parece realçada é a preocupação geral do modo como passar à escrita essa avaliação, sobretudo, a referente ao desenvolvimento, e aprendizagem das crianças. Há grandes dúvidas sobre qual a grelha a utilizar e qual o destino a dar ao registo (dar ou não dar aos pais). São questões actuais, pertinentes e susceptíveis de divergências entre nós. Para nos afirmarmos como agentes de educação temos que encontrar a resposta adequada e não fugir ao problema".
	A7 "A reflexão sobre a avaliação teve uma maior relevância nas opiniões acerca da dar ou não informação escrita aos pais ou professores do 1º Ciclo. A minha opinião é que não nos podemos desresponsabilizar do nosso papel no processo de aprendizagem das crianças, que não se inicia no 1º Ciclo, mas muito antes. Temos que ser corajosas e interventivas".	"Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A Avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento". P: 27 Para isso o educador deve "planear e avaliar com as crianças, individualmente, em pequenos grupos ou no grande grupo são oportunidades de participação das crianças e meios de desenvolvimento cognitivo e linguagem". P: 37 Por outro lado "A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização". P: 37 É pois função do educador "A reflexão permanente sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as potencialidades educativas dos materiais permite que a sua organização vá sendo modificada de acordo com as necessidades e evolução do grupo". P38 (...) condição indispensável para evitar espaços estereotipados e padronizados que não são desafiadores para as crianças" e (...) "Encontrar os meios mais adequados de promover a sua participação implica uma reflexão por parte do educador e da equipa sobre o nível e formas de participação desejáveis e as iniciativas a desenvolver, num processo que vai sendo corrigido e ajustado de acordo com a avaliação realizada. "P. 46	A8 "Uma das grandes preocupações das educadoras tem a ver com a forma como avaliar e com que bases se pode avaliar, provocando uma certa insegurança relativamente àquilo que se deverá ou não escrever sobre cada criança. Penso que a outra preocupação se refere à entrega ou não da avaliação aos respectivos pais os quais poderão ou não aceitar o que se avalia do seu filho. Pessoalmente acredito que depois de uma boa observação e reflexão acerca do grupo e de cada criança não será difícil descrever algo de bom que cada uma tem de si e as dificuldades deverão ser mencionadas mas de forma sensata. Julgo que a entrega aos pais e professores poderá vir a ser uma forma de valorização e dignificação da nossa classe para além de um sentido de profissionalismo que muita gente ignora".
	A5 " A necessidade de avaliar, de ser autocrítica em relação à nossa acção educativa, de reflectir para melhorar e conhecer as crianças (...) é importante utilizar instrumentos para essa mesma avaliação e que devem ser diversos, bem como proceder à avaliação de uma forma contínua, periódica ou anual, para melhorar a prática educativa".		A9 "Neste aspecto (...) baseamo-nos mais no aspecto de aprendizagens feitas pelas crianças e em formas de as avaliar (fichas informativas) que podiam ou não ser diferentes mediante a faixa etária das crianças. Nas orientações curriculares baseiam-se mais numa avaliação das actividades propostas face à observação das crianças e reavaliar a planificação feita. Quanto à avaliação extensiva ou não aos pais as Orientações curriculares transmitem a ideia de o serem através das próprias
	A14 " A acção foi muito proveitosa, embora o tempo se tornou curto para o tema. Deveria haver outras sessões para concretizar melhor certas dúvidas que, penso que ainda ficaram, [embora] na globalidade foram focados todos os aspectos em relação ao tema avaliar".		
	A11 "Foi importante reflectirmos na temática porque apesar de existir um consenso geral acerca do tema, levou-nos a discussão pelo questionamento do		

	conteúdo daquele e chegou-se à conclusão de que mais uma vez é importante ter em linha de conta a diversidade dos educadores, das comunidades onde estamos inseridas, atenção/ sensibilidade como registamos a avaliação". A13 "...trocamos ideias sobre os métodos de avaliação, o que é muito importante para a realização do trabalho do dia a dia no jardim de infância". A2 "Ao confrontar-me com as questões sobre a [avaliação] pude verificar que não descurei grande parte dos itens. A minha grande lacuna foi em relação a quem serve a Avaliação. Não mencionei os pais pois ainda sinto um pouco de insegurança no que respeita a dar por escrito a avaliação/observação de comportamentos aos pais/encarregados de educação. Até que ponto os pais/encarregados de educação compreendem e aceitam o nosso parecer por escrito". A3 "Nesta sessão sobre a avaliação levou-me a reflectir em algumas questões sobre se a avaliação deverá ou não ser extensiva aos pais por escrito e se deverá ou não existir uma grelha comum ao Agrupamento. Questiono-me sobre esta questão pensando que para atender aos diferentes grupos etários não deverá ser igual crianças", assim como a avaliação aos pais deverá ser uma troca oral de informações e dar por escrito aos pais poderemos cair no erro de rotular as crianças".	Por isso os aspectos a serem contemplados na avaliação poderão ser de "recriação momentos de uma actividade, aspectos de um passeio ou de uma história, são meios de documentar projectos que podem ser depois analisados, permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido". P: 62	crianças, mostrarem à comunidade determinado trabalho que reflecta a sua evolução". A5 "As educadoras têm uma perspectiva de avaliação mais voltada para as aprendizagens das crianças, o que é capaz de fazer, o que conseguiu atingir, traduzindo essa avaliação numa ficha ou grelha escrita ou transmitida oralmente, A3, A2, A12, A7. Segundo as orientações curriculares, a avaliação é essencialmente uma reflexão do trabalho desenvolvido com vista à adequação do processo educativo, de suporte do planeamento, permitindo a evolução do grupo. A avaliação pode ir de encontro aos pais numa festa, num intercâmbio entre a escola e a família. As educadoras que mais se aproximam das orientações curriculares são a A5, (...) A6 e A13". A6 "...partilho a opinião da A3 ou seja a avaliação extensiva aos pais, transmitida oralmente, na presença dos nossos registos, dos registos feitos pelas crianças, apresentação dos objectivos da educação Pré-Escolar, sentindo este tipo de avaliação para o enriquecimento do docente relativamente à criança em questão e para os pais constatando provavelmente uma nova visão sobre o assunto. Avaliar e registar deve fazer parte do nosso dia a dia para uma tomada de consciência sobre a adequação do desenvolvimento do projecto ao grupo/criança. Tal como dizem as orientações curriculares este conhecimento resulta de uma observação contínua e supõe a necessidade de referenciais tais como, produtos das crianças e diferentes formas de registo". A1 "Embora a opinião das educadoras (...) seja de admitir e valorizar a avaliação entendo que ainda há bastante trabalho a fazer neste aspecto. Julgo que temos de começar a avaliar, a registar por escrito o resultado das nossas observações pois só assim poderemos ajustar, alterar, rectificar, modificar, melhorar toda a nossa actividade educativa. Penso que não se pode falar hoje de educação sem falar simultaneamente de avaliação, só assim nos é possível conhecer melhor a criança, as suas dificuldades, os seus progressos. As orientações curriculares fazem referência à transmissão da avaliação aos pais para que possam ficar com uma ideia da evolução do seu filho e para o conhecerem melhor. Neste aspecto julgo que falhamos pois ainda não o fazemos embora nos tenhamos interrogado várias vezes em conjunto se o devemos fazer ou não. De qualquer forma julgo que este aspecto merece da nossa parte grande atenção e preocupação pelo valor que lhe atribuímos".
--	---	---	---

		A12 "Em relação à avaliação verifiquei que as educadoras têm pontos de vista diferentes em relação às grelhas de avaliação, elas podem rotular uma criança mesmo depois de irem para o 1.º Ciclo. Será que é favorável a avaliação acompanhar a criança na transição para O 1.º Ciclo? Devemos passar as avaliações a quem? Penso que o mais importante é a avaliação servir sim, mas para ajudar a planear e reflectirmos sobre o trabalho das crianças como focam as orientações curriculares". A14 "O educador deve planear e avaliar com as crianças individualmente, sendo esta uma actividade educativa e também é uma base de avaliação para o educador. Penso que a avaliação não deverá ser feita por escrito e dada aos pais pois poderão haver más interpretações e criar mal entendidos". A13 "O educador deve planear e avaliar com as crianças (...) Através desta frase das orientações curriculares podemos verificar que existe flexibilidade, mas sim rigidez, em relação ao processo educativo e mais concretamente em relação à avaliação. As educadoras que se aproximam mais das orientações curriculares são as educadoras A5, A6, A13. para as educadoras a avaliação está ligada a uma aprendizagem da criança em relação às actividades a desenvolver". A11 "Em conformidade com a minha postura profissional, a avaliação em jardins de infância (que deveria ser também nos outros graus de ensino, sobretudo no imediato a seguir, pela importância que lhe está inerente), é sinónimo de avaliação qualitativa; de outro modo reflexão, reformulação, ou seja utilização de todos os instrumentos (grelhas, registos, filmes, fotos,...) e tratamento do produto reflectido, observado, registado, única via sustentável do planeamento, da própria avaliação e intencionalidade do processo educativo, plataforma optimizada para a consciencialização da prática pedagógica, [ou seja] adequação do processo educativo às necessidades das crianças e à sua evolução. Infelizmente estamos privadas de tempo para realizarmos a avaliação". A10 "Em relação (...) a A6 penso que a avaliação faz todo o sentido uma vez que é avaliado e reflectido se pode alterar com vista a melhorar a nossa prática pedagógica. É importante que a reflexão seja feita com as crianças porque em conjunto podemos alterar o que não está bem, ao fazer em grupo as crianças através da reflexão sentem elas mesmas a necessidade de mudar por ex. o
--	--	---

		comportamento. A avaliação que fazemos é qualitativa e penso que essa avaliação é muito importante porque não 'marca' as crianças. (...) isto vai de encontro às orientações curriculares. Só que neste momento nos é posto o problema: quando fazemos a reflexão e avaliação? só no final do ano?. A2 "Nesta parte de confronto dos conceitos sobre a avaliação, noto da parte das educadoras ainda uma grande insegurança. As educadoras não esquecem esta etapa do processo e notam a sua grande importância, contudo têm dificuldade com o tipo de registo. Aqui, cada uma de nós usa o bom senso e sensibilidade para não rotular crianças. A dúvida maior recai, quando se fala no problema da avaliação das crianças, chegar por escrito ou não aos pais e/ou encarregados de educação: até que ponto os pais aceitam e compreendem o nosso parecer por escrito? Por outro lado, onde está o nosso profissionalismo? As orientações apontam a avaliação como um resultado de uma observação contínua, de forma a que possam ser periodicamente analisadas de forma a servir de suporte à intencionalidade educativa. Os diferentes tipos de avaliação: com as crianças (base de avaliação para o educador), do espaço, dos materiais e funcionalidade do mesmo, das formas de participação/acção, nesta avaliação de formas de acção, actividades diversas, por exemplo visitas de estudo, trabalhos na comunidade, serão formas mais simples e eficazes de chegar à família. As educadoras não estão longe das orientações curriculares". A4 "... avaliar é uma das dificuldades mais sentidas pelas educadoras, pela dificuldade que sentimos em passar para o papel. Mas avaliar é uma das actividades mais importantes da nossa prática pedagógica servindo como base do planeamento, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo adequando-os às necessidades das nossas crianças e à sua evolução. O educador deve ser reflexivo, flexível e usar o bom senso., Deveria encontrar os meios mais adequados para promover a sua acção deverá documentar os seus projectos, de modo a facilitar todo o processo educativo no que se refere ao planeamento e avaliação. todo este processo deverá ser analisado permitindo uma retrospectiva do processo desenvolvido e da evolução das crianças e do grupo, servindo também para transmitir aos pais e comunidade o trabalho desenvolvido. Há opiniões divergentes relativamente a quem se deve entregar as
--	--	---

		avaliações e em relação às grelhas utilizadas, mas na minha opinião acho que não nos podemos desresponsabilizar do nosso papel em todo este processo de aprendizagem. A avaliação é proveitosa servindo de base e de suporte à intencionalidade educativa do processo educativo. A quem entregar essa avaliação? Aqui tenho dúvidas pois questiono-me se os pais compreendem e aceitam o nosso parecer. Parece-me que temos de ser cautelosos com aquilo que escrevermos". A3 "O tema da avaliação para os educadores é talvez ainda o mais controverso. Embora todas as educadoras consideram que a avaliação é importante e deve ser feita e comunicada aos pais e parceiros educativos a dúvida permanece em como deve ser feita. Permanece o medo de se rotular e de se estereotipar, talvez por haver ainda uma inclinação grande para as grelhas. O que pensa A5 vai muito de encontro ao que dizem as orientações curriculares, pois a avaliação deverá ser um suporte de planeamento e pressupõe uma observação contínua. Nesta reflexão os educadores incidem o tema da avaliação mais como a transmitir aos pais e parceiros, descurando a avaliação feita com as crianças a qual constitui uma base da avaliação para o educador como vemos nas orientações curriculares. Para mim o principal da avaliação será observar e depois registar, pois se tivermos os registos feitos sobre as diversas actividades e observações feitas à criança certamente teremos bases e fundamentos para os transmitir aos pais sem receios e medos. Este é um tema que contudo deverá ter continuidade pois permanecem ainda muitas dúvidas".
--	--	--